

27.04.2019

POR TEU
LIVRE
PENSAMENTO

FOR YOUR
FREE
THINKING

Museu Nacional **Resistência e Liberdade**

Fortaleza de Peniche

27.04.2019

**POR TEU
LIVRE
PENSAMENTO**

**FOR YOUR
FREE
THINKING**





A exposição “Por Teu Livre Pensamento” constituiu-se como momento inaugural da missão que consiste em fazer nascer, na Fortaleza de Peniche, o Museu Nacional Resistência e Liberdade.

Trata-se de um ato profundamente simbólico, a marcar a abertura ao público de um projeto museológico ímpar, que tem desafiado a Direção-Geral do Património Cultural em múltiplas e entusiásticas frentes, abraçadas por uma equipa vasta e multidisciplinar de qualificados profissionais dos nossos quadros.

O 15º Museu Nacional perpetuará a memória da resistência à ditadura e afirmar-se-á como espaço de homenagem à árdua e sofrida luta travada em nome da Liberdade e dos Direitos Humanos no nosso país, durante 48 longos anos de repressão.

Constituir-se-á, também, como fonte de conhecimento e de reflexão sobre valores humanistas que, sendo matriciais, são contudo facilmente perecíveis ao sabor dos ciclos da História.

Ao retratar o sofrimento do que é não ser livre, sequer para pensar, ultrapassamos o campo da memória e apontamos claramente para o futuro. Este Museu lembrar-nos-á sempre que a mais valorosa conquista de abril de 1974 – a Liberdade – continuará a ser o que não queremos, nunca mais, perder.

Foi mediante consenso generalizado que, em 2017, o atual governo aprovou um plano de recuperação da Fortaleza de Peniche para nela instalar um Museu Nacional. E a Assembleia da República defendeu, em plenário, da esquerda à direita, a requalificação e a preservação da sua memória histórica, enquanto ex-prisão política da ditadura.

É com assumido orgulho que estamos a posicionar Portugal na rota internacional dos monumentos e museus que celebram os Direitos Humanos. No tempo conturbado em que vivemos, a chamada de atenção para essa conquista torna-se quase um imperativo ético, e é seguramente uma questão de cidadania.

Posteriormente foi criada a Comissão de Instalação dos Conteúdos e da Apresentação

The exhibition “Por Teu Livre Pensamento” (“For your Free Thinking”) is the inaugural act of the creation of the National Museum of Resistance and Freedom in the Peniche Fortress.

This is a deeply symbolic act, which marks the opening to the public of a unique museological project, which has challenged the Directorate General of Cultural Heritage on multiple and enthusiastic fronts and has been embraced by a huge multidisciplinary team of qualified professionals from our staff.

The 15th National Museum will perpetuate the memory of resistance to the dictatorship and will be a place of homage to the arduous and painful struggle in the name of Freedom and Human Rights in our country during 48 long years of repression.

It will also be a source of knowledge and reflection on humanist values that despite being fundamental have withered and declined at times throughout history.

In portraying the suffering caused by lack of freedom, even the freedom to think, we go beyond the field of memory and point clearly to the future. This Museum will always remind us that the most valuable achievement of April 1974 – Freedom – will continue to be what we do not want to lose – ever again.

In 2017 the current government unanimously approved a recovery plan for the Peniche Fortress to install a National Museum in it. Moreover, the Assembly of the Republic approved, in parliament, on both left and right, its refurbishment and the preservation of its historical memory, as an ex-political prison of the dictatorship.

It is with great pride that we are now positioning Portugal on the international itinerary of monuments and museums that celebrate Human Rights. In the troubled times in which we live, the call for attention to this achievement has almost become an ethical imperative, and it is surely a matter of citizenship.

Later, the Committee for Museum Content Production and Presentation (CICOM) was

Museológica (CICOM), responsável pela elaboração do guião expositivo do Museu, que integra entre os seus membros alguns dos ex-presos de Peniche, a par de outras reconhecidas personalidades. Ao seu incansável labor e meritória dedicação se deve o desenho da exposição “Por Teu Livre Pensamento”.

Se por um lado trabalhamos com um distanciamento histórico confortável, na medida em que já passaram 45 anos desde os acontecimentos que nos propomos narrar em discurso museológico, por outro lado temos o enorme privilégio de enriquecer a nossa tarefa com os contributos de muitos dos que viveram aquele período e estiveram nesta prisão.

Conciliar estes dois fatores é uma circunstância rara e feliz, portanto eu diria que este Museu não poderia ter nascido nem mais tarde nem mais cedo. Ele vai nascer, rigorosamente, no tempo certo.

Sabemos que o Património Cultural, sendo memória, nunca chega a ser, simplesmente, passado. Ele pertence sempre ao tempo presente, porque dele faz parte e nele participa. E, por essa ação, inscreve-se no tempo futuro. Essa é a grande mística do Património: pertencer por inteiro a todos os tempos.

A Fortaleza de Peniche é exemplo vivo desta dinâmica. Trata-se de um conjunto patrimonial notável, que começou por ser uma fortificação militar, depois foi prisão política e agora renasce num uso distinto, enquanto espaço de cultura e memória. Entendamos, pois, esta exposição como luminosa alvorada de um “dia inicial, inteiro e limpo”.

Paula Araújo da Silva
Diretora Geral do
Património Cultural

established to oversee the production of the Museum’s exhibition design. The committee’s members include some ex-prisoners of Peniche and other well-known personalities. Their tireless work and commendable dedication are at origin of the design of the “Por Teu Livre Pensamento” exhibition.

While on the one hand we work with a comfortable historical detachment, as 45 years have passed since the events that we propose to narrate in our museological discourse, on the other hand we have the enormous privilege of enriching our task with the contributions of many of those who lived through the period and spent time in this prison.

Reconciling these two factors is a rare and happy circumstance, so I would say that this Museum could not have been created any later or any sooner. It is going to be created, strictly, at the right time.

We know that Cultural Heritage, as memory, is never restricted to the past. It always belongs to the present, because it is part of and participates in the present. Thus, it is therefore inscribed in the future. This is the great mystique of Heritage: it belongs fully to the past, the present and the future.

The Fortress of Peniche is a living example of this dynamic. It is a remarkable heritage site, which began as a military fort, was then a political prison and is now reborn with a new use as a space for culture and memory. Let us therefore consider this exhibition as the bright dawn of a “new, whole and clean day”.

Paula Araújo da Silva
Director – General
of Cultural Heritage

POR TEU LIVRE
PENSAMENTO

*FOR YOUR FREE
THINKING*



Resistência

Júlio Pomar, 1946
Óleo sobre madeira
Coleção do Museu de Lisboa
Câmara Municipal de Lisboa
(doada pelo artista)
Em depósito no Atelier-Museu
Júlio Pomar/EGEAC
© António Jorge Silva / AMJP

Resistência

*Júlio Pomar, 1946
Oil on chipboard
Collection of the Museum of Lisbon
Lisbon City Council
(donated by the artist)
Deposited at the Atelier-Museu
Júlio Pomar/EGEAC
© António Jorge Silva / AMJP*

Abandono ou Fado de Peniche

Por teu livre pensamento
Foram-te longe encerrar
Tão longe que o meu lamento
Não te consegue alcançar
E apenas ouves o vento
E apenas ouves o mar
Levaram-te a meio da noite
A treva tudo cobria
Foi de noite numa noite
De todas a mais sombria
Foi de noite, foi de noite
E nunca mais se fez dia.
Ai! Dessa noite o veneno
Persiste em me envenenar
Oíço apenas o silêncio
Que ficou em teu lugar
E ao menos ouves o vento
E ao menos ouves o mar

David Mourão Ferreira
1962

Abandonment or Fado of Peniche

For your free thinking
They closed you in far away
So far away that my grieving
Cannot reach you
And you just hear the wind
And you just hear the sea
They took you in the middle of the night
Darkness was all around
It was one night, by night
The darkest of all nights
It was at night, it was at night
And never again came the daylight.
Oh! The poison of that night
Does not cease to poison me
I can only hear the silence
That has remained in your place
And at least you hear the wind
And at least you hear the sea

David Mourão Ferreira
1962

Desde 27 de abril de 1974, data da libertação dos presos políticos, que a Fortaleza de Peniche se afirmou como símbolo da Resistência e da luta pela Liberdade. Por essa razão decidiu-se preservar a integridade deste edificado histórico, militar e prisional, através de um projeto de musealização.

O Conselho de Ministros, realizado na Fortaleza de Peniche a 6 de maio de 2017 pelo XXI Governo Constitucional, determinou a criação de um Museu Nacional neste local que, ao preservar a memória de 48 anos de supressão das liberdades em Portugal, perpetuará uma reflexão essencial à construção do futuro.

A exposição “Por teu Livre Pensamento” resgata momentos marcantes da história contemporânea - a repressão e a violação dos direitos humanos pela Ditadura Militar e o Estado Novo, a Guerra Colonial, a Resistência ao Fascismo, o 25 de Abril e o Regime Democrático - a partir da memória do lugar, a Prisão de Peniche.

Uma grande homenagem aos presos políticos, às suas famílias, à população de Peniche e aos milhares de mulheres e homens que, ao longo de quase meio século, sacrificaram a liberdade e a vida na luta contra o fascismo, pela Democracia.

The Fortress of Peniche became a symbol of Resistance and fight for Freedom when it released its political prisoners on 27 April 1974. Hence, it was decided that the integrity of this historical, military and prison building ought to be preserved through the implementation of a museum project.

The Council of Ministers of the 21st Portuguese Constitutional Government that took place at the Fortress of Peniche on 6 May 2017 established a National Museum on this site that by preserving the memory of 48 years of suppression of freedom in Portugal will perpetuate an essential reflection for construction of the future.

The exhibition “For your Free Thinking” evokes striking moments of contemporary history – repression and violation of human rights by the Military Dictatorship and the Estado Novo, the Colonial War, Resistance to Fascism, the 25 of April Revolution and the ensuing Democratic Regime – based on the place of memory, the Peniche Prison.

This is a great tribute to the political prisoners, their families, the people of Peniche and thousands of women and men who, for almost half a century, sacrificed their life and freedom in the fight against fascism and for Democracy.

Introdução

O golpe militar de 28 de maio de 1926 derrubou a I República e implantou a Ditadura Militar. Em 1933 esta deu lugar ao Estado Novo, designação que tomou o regime fascista em Portugal.

O governo ditatorial foi dirigido por António de Oliveira Salazar de 1932 a 1968. Depois de declarada a sua incapacidade física, Salazar foi substituído no cargo por Marcelo Caetano, que chefiaria a ditadura até ser derrubado pelo Movimento das Forças Armadas – MFA – em 25 de Abril de 1974.

Representando o culminar da constante resistência do povo português, expressa em milhares de pequenas e grandes ações, a Revolução de Abril restituiu aos portugueses o direito a viver em liberdade e o poder de decidir o seu destino.

Chegava ao fim a mais longa ditadura fascista da Europa, que significou 48 anos de opressão em Portugal e nos territórios colonialmente dominados.

Introduction

The military coup of 28 May 1926 overthrew the First Republic and led to Military Dictatorship. In 1933 this regime evolved into the Estado Novo, a designation of the fascist regime in Portugal.

The dictatorial regime was led by António de Oliveira Salazar from 1932 to 1968. Once his physical disability was declared, Salazar was replaced by Marcelo Caetano, who would lead the dictatorship until he was overthrown by the Armed Forces Movement – MFA – on 25 April 1974.

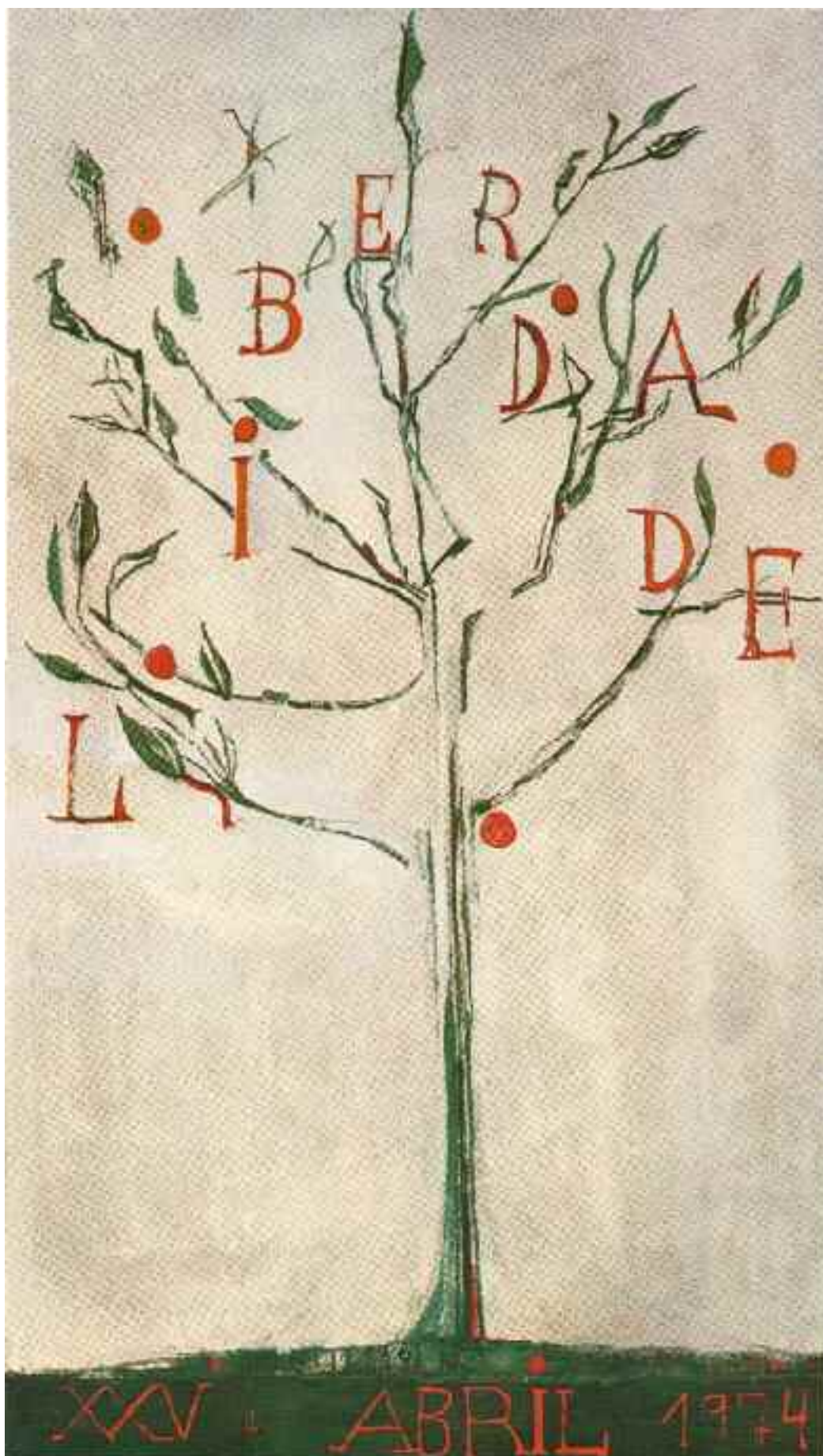
Representing the climax of the constant resistance of the Portuguese people, expressed in thousands of large and small actions, the April Revolution handed back to the Portuguese people the right to living in freedom and the power to decide their destiny.

This is how the longest fascist dictatorship in Europe ended, following 48 years of oppression in Portugal and in the colonially dominated territories.



Humberto Delgado impedido de entrar em Lisboa
Durante a campanha eleitoral para a Presidência da República
1958
Arquivo Nacional Torre do Tombo

Humberto Delgado was banned from entering Lisbon
During the campaign for election of the President of the Republic
1958
Arquivo Nacional Torre do Tombo



Liberdade
 Vieira da Silva, 1984
 Cartaz comemorativo do 10.º
 aniversário do 25 de Abril de 1974
 Biblioteca Nacional de Portugal

Freedom
 Vieira da Silva, 1984
 Poster commemorating the 10th
 anniversary of the 25 April 1974 revolution
 Biblioteca Nacional de Portugal

A Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974

A Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974 significou o fim da ditadura fascista e a conquista da Liberdade:

- O fim das prisões políticas
- A instauração das liberdades de expressão do pensamento, de imprensa, de associação, de reunião e de manifestação
- A consagração de direitos essenciais dos trabalhadores
- A instauração do poder local democrático
- O fim das guerras coloniais
- O direito dos povos das colónias à autodeterminação e independência
- A melhoria das condições de vida do povo
- A democratização do ensino
- A consagração da igualdade entre homens e mulheres
- A alteração de mentalidades
- E um regime democrático constitucionalmente consagrado.

The Carnation Revolution of 25 April 1974

The Carnation Revolution of 25 April 1974 marked the end of the fascist dictatorship and the conquest of Freedom:

- The end of political prisons
- The establishment of freedom of thought, press, association, assembly and expression
- The consecration of workers essential rights
- The establishment of a democratic local power
- The end of colonial wars
- The right of peoples from the colonies to self-determination and independence
- The improvement of people's living conditions
- The democratization of education
- The establishment of equality between men and women
- Change of mentalities
- And a constitutionally consecrated democratic regime.



25 de Abril de 1974
Militares e população
no Largo do Carmo (Lisboa)
Foto de Miranda Castela, 1974
©Arquivo Fotográfico da Assembleia
da República, MC 0498

25 April 1974
Soldiers and population at
the Carmo Square (Lisbon)
Photo by Miranda Castela, 1974
©Arquivo Fotográfico da Assembleia
da República, MC 0498

27 de Abril – Libertação dos Presos de Peniche

No vasto sistema de prisões políticas, a Fortaleza de Peniche (1934-1974) tornou-se símbolo maior da repressão do regime fascista. Os mais de 2.500 presos que aqui permaneceram, alguns durante longos anos, foram sujeitos a um regime prisional violento, concebido para o seu progressivo aniquilamento físico, psíquico e moral.

No dia 25 de Abril de 1974 a prisão da Fortaleza de Peniche foi cercada por uma força militar do MFA proveniente de Leiria, mas os elementos da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) só se renderam na manhã do dia seguinte.

A concentração de populares junto à Fortaleza, a ação dos militares do MFA e a decisão tomada pelos presos de que ou “saíam todos, ou nenhum” impulsionaram a libertação dos presos concretizada, enfim, na madrugada do dia 27 de abril.

27 April – Release of Prisoners from Peniche

In the vast system of political prisons, the Fortress of Peniche (1934-1974) became a prominent symbol of repression against the fascist regime. Over 2.500 prisoners were confined in this prison, some for many long years, under a violent prison system that was meant to lead to their progressive physical, psychological and moral annihilation.

Even though the Fortress of Peniche was sieged on 25 April by an MFA military force from Leiria, the elements from the State Defence International Police (PIDE) only surrendered the following morning.

The gathering of people next to the Fortress, the action taken by the MFA forces and the decision of the prisoners that “either we all go or we don’t” led to the freedom of all prisoners on the dawn of the 27 April.



População concentrada junto à Fortaleza de Peniche aguardando a saída dos presos políticos a 26 de abril de 1974
Luís Correia Peixoto
Museu Municipal de Peniche

Population gathered next to the Fortress of Peniche awaiting the release of prisoners on 26 April 1974
Luís Correia Peixoto
Museu Municipal de Peniche



População concentrada junto à Fortaleza de Peniche aguardando a saída dos presos políticos a 26 de abril de 1974
Luís Correia Peixoto
Museu Municipal de Peniche

Population gathered next to the Fortress of Peniche awaiting the release of prisoners on 26 April 1974
Luís Correia Peixoto
Museu Municipal de Peniche



Fortaleza de Peniche onde já são visíveis os novos pavilhões de alta segurança Anos 50 do século XX
Câmara Municipal de Peniche

Fortress of Peniche showing the new high security pavilions 1950s
Câmara Municipal de Peniche

O Regime Fascista

A Ditadura suprimiu as liberdades fundamentais, proibiu os partidos políticos, os sindicatos livres e a greve, instalou a censura prévia a todas as formas de expressão, criou um partido único (União Nacional) e era servida por milícias fascistas militarizadas (a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa).

Através da organização corporativa, o regime instalou um sistema de exploração e opressão do mundo do trabalho que, a par de diversas formas de protecção e regulação, sustentava o poder dos grandes interesses económicos a que estava estruturalmente ligado.

The Fascist Regime

The Dictatorship suppressed fundamental rights, banned political parties, trade unions and strikes, imposed prior restraint to all forms of expression, created a sole party (União Nacional) and was served by militarised fascist militias (Mocidade Portuguesa and Legião Portuguesa).

Through a corporative organisation, the regime imposed a system meant to exploit and oppress the labour force that, apart from advocating different forms of protectionism and regulations, upheld the great economic powers supported by the regime.



A elite política do regime assiste a parada da Legião Portuguesa
António de Oliveira Salazar, Óscar Carmona, Pais de Sousa, Ortiz Bettencourt e Carneiro Pacheco
1938
Arquivo Nacional Torre do Tombo

The regime's political elite watches the Portuguese Legion Parade
António de Oliveira Salazar, Óscar Carmona, Pais de Sousa, Ortiz Bettencourt and Carneiro Pacheco
1938
Arquivo Nacional Torre do Tombo

O Sistema Policial e Repressivo

O regime fascista assentou numa dupla gestão da violência: preventiva e repressiva. A primeira tinha um caráter desmobilizador e intimidatório e criava uma atmosfera de medo numa sociedade vigiada por uma densa rede de informadores. A segunda tinha por base um sistema que englobava a polícia política criada em 1933, as forças policiais, os tribunais políticos especiais e uma rede de prisões políticas nas colónias e na metrópole, sujeitando os presos políticos a condições e castigos desumanos.

Os suspeitos de “atividades contra a segurança do Estado” eram arbitrariamente presos pela polícia política (PVDE, PIDE, DGS), sujeitos a torturas, presos frequentemente por tempo indeterminado (sem condenação judicial ou além das penas) e julgados por tribunais especiais que funcionavam como braços judiciais da polícia política. Mais de 30.000 presos pela PVDE/PIDE/DGS e pelo menos 160 antifascistas foram assassinados por ela e por outras forças repressivas.

The Police and the Repressive System

The fascist regime was based on two forms of violence: preventive and repressive. The first sought to demotivate and intimidate and created an atmosphere of fear in a society guarded by a dense network of informers. The second was based on a system comprising the political police, established in 1933, the police forces, special political courts and a network of political prisons in the colonies and in metropolitan Portugal that subjected political prisoners to inhuman conditions and punishments.

Those suspected of "activities against State security" were arbitrarily arrested by the political police (PVDE, PIDE, DGS), tortured, often held indefinitely (without court sentence or other penalties) and tried by special courts that functioned as the judicial arms of the political police. More than 30,000 people were imprisoned by the PVDE / PIDE / DGS and at least 160 antifascists were murdered by the political police and other forces of repression.

Polícia de Vigilância e Defesa do Estado

Seção de Prisões

Boletim de existencia de presos

11 de Outubro de 1937

Angra do Heroísmo	226
Peniche	185
Porto	349
Inspecções e postos	110
Aljube	80
LISBOA	
Esquadras	147
Hospitalisados	28
Deportados	
Ilha da Madeira	6
Forte de S. M. L.	66
Ilha da Madeira	148
Penitenciaría	8
Total	190
	1543

Boletim de existência de Presos
11.10.1937
Polícia de Vigilância
e Defesa do Estado
Arquivo Nacional Torre do Tombo

Bulletin of the existence of prisoners
11.10.1937
State Surveillance
and Defence Police
Arquivo Nacional Torre do Tombo

N.º 1

Nome e alcunha Alfredo Caldeira

Estado Profissão Inter. decorados

Naturalidade Lisboa Idade 25 anos

Filiação Paulo Caldeira e Maria de Castro

Residência

Outras indicações

Proc.º n.º 819, enviado ao Tribunal em 28-6-38

Proc.º n.º 290, enviado ao T. A. B. em 27-6-38


Número do processo de volantes ou documentos apreendidos Fakeceu

BIOGRAFIA PRISIONAL

Incute-se em Angola do Heroísmo desde 22-11-33. Julga-
do em 28-1-34 e condenado em 690 dias de prisão correc-
ional que descontados 295 dias fica reduzido a 395 dias de
prisão correcional e perda de direitos políticos por 5 anos.
Enviado para as J. A. de Af. e o comando de Salazar, Of.
n.º 875/33-34 de 1-11-35. Em 8-11-35 se apresentou nesta
Directoria de regresso de Angola do Heroísmo, con-
cedendo a 1.ª Esquadra. Restituido a liberdade
em 10-11-35. Nesse na mesma data pela S. G. 3, recolhe-
do a 1.ª Esquadra. Transferido para a Fortaleza
Militar de Funchal em 1-1-36. Transferido
para a cadeia do Aljube em 21-1-36. Passou
a enfermaria provisória do Aljube em 23-4-36.
Supremo para ser quarentado (em 10-6-36).
Embarcou para Cabo Verde em 17-10-36.
Fakeceu em 1-11-38 na Colónia Penal do Tarrafal.
Cabo Verde. (n.º 336)

Sinais particulares

2



Altura 1,57

Cor Natural

Nacionalidade Portuguesa

Mod. 134

O Colonialismo e a Guerra colonial

O Estado Novo inaugurou uma nova fase “imperial” do colonialismo português. O Acto Colonial e o Estatuto do Indígena reforçaram a centralização administrativa e financeira, a discriminação racial, a exploração e o trabalho forçado imposto aos povos coloniais.

No pós II Guerra, com os ventos da descolonização, a revisão constitucional de 1951 declarou as colónias “províncias ultramarinas”. Foi o tempo da viragem económica para África, da colonização branca, do discurso luso-tropicalista sobre a dita exceccionalidade do colonialismo português e do reforço da repressão policial da ocupação militar.

A guerra colonial rebentou em Angola (1961), na Guiné (1963) e em Moçambique (1964), condicionando toda a política do regime, isolando-o internacionalmente e radicalizando a oposição. A guerra sem fim contra os movimentos de libertação nacional acelerou a crise final do regime. O movimento militar derrubou a ditadura a 25 de Abril de 1974, pondo fim à guerra e abrindo caminho às independências.

Colonialism and the colonial war

The Estado Novo (“New State”) ushered in a new “imperial” phase of Portuguese colonialism. The Colonial Act and the Estatuto do Indígena (“Native Statute”) enhanced the administrative and financial centralization, racial discrimination, exploitation and forced labour imposed on colonial peoples.

In the aftermath of World War II, with the winds of decolonization, the constitutional revision of 1951 declared the colonies “overseas provinces”. This was the time of the economic pivot to Africa, of white colonization, of the Luso-Tropicalist discourse on so-called Portuguese colonialist exceptionalism and the reinforcement of the police repression of the military occupation.

Colonial war broke out in Angola (1961), Guinea (1963) and Mozambique (1964), which constrained the regime’s policy, isolating it internationally and radicalizing the opposition. The endless war against the national liberation movements accelerated the regime’s final crisis. The military movement overthrew the dictatorship on 25 April 1974, thus ending the war and paving the way for independence.



Embarque de tropas portuguesas para a Guerra Colonial
Arquivo Nacional Torre do Tombo

Portuguese Troops embarking to the Colonial War
Arquivo Nacional Torre do Tombo

A Clandestinidade

Clandestinity

O regime fascista ilegalizou os partidos e reprimiu a oposição, obrigando organizações e ativistas à clandestinidade ou ao exílio. É neste quadro que o Partido Comunista Português se estruturou, ao longo dos anos 30 e 40, tornando-se então o principal alvo do aparelho repressivo.

Os militantes clandestinos cortavam todos os laços pessoais, adotavam rigorosas regras conspirativas, pseudónimos e identidades falsas, dedicando-se exclusivamente à atividade política, apoiada pelas casas do partido, tipografias e a imprensa, nomeadamente o *Avante!*, produzido e distribuído no interior do país de 1931 a 1974.

A partir da década de 60 surgiram novas organizações de esquerda, de extrema-esquerda e de luta armada com quadros, militantes e imprensa clandestina no interior do país. No exílio, as diversas forças da oposição denunciavam os crimes do regime, procuravam apoio político internacional, auxiliavam e organizavam emigrantes, refratários e desertores da guerra colonial e difundiam a sua mensagem através de emissões radiofónicas para Portugal.

The fascist regime outlawed political parties and repressed the opposition, forcing organizations and activists into exile or clandestine activity. The Portuguese Communist Party was structured, during the 30s and 40s, thus becoming the main target of the repressive apparatus in this context.

The clandestine militants cut all personal ties, adopted strict conspiracy rules, pseudonyms and false identities and dedicated themselves exclusively to political activity, supported by party houses, printing houses and the press, namely journal *Avante!*, produced and distributed in the interior of the country from 1931 to 1974.

From the 1960s, new organizations emerged on the left, the extreme left and those dedicated to armed resistance with cadres, militants and the clandestine press inside the country. In exile, the various opposition forces denounced the regime's crimes, sought international political support, assisted and organized emigrants, rebels and deserters of the colonial war, and spread their message through radio broadcasts to Portugal.



As várias identidades de Margarida Tengarrinha na clandestinidade
Memórias de uma falsificadora
Margarida Tengarrinha
Edições Colibri
Lisboa, 2018

Different identities of Margarida Tengarrinha during her clandestine life
Memoirs of a forger
Margarida Tengarrinha
Edições Colibri
Lisboa, 2018

OPERÁRIOS E CAMPONESES!

Trabalhadores! Filhos e filhas do nosso Povo!

GREVE DE DOIS DIAS

pelo Pão e pelos Gêneros!

Operários e operárias! Camponezes e camponezas! Companheiros de trabalho e de sofrimento! Irmãos na fome e na miséria! Vós, representantes das lutas camponesas de Maio de 1944 e das greves operárias de julho-agosto!

A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.

Basta de pedir e de sofrer. Basta de sofrer. Basta de esperar que a morte seja uma boa saída para a morte.

O governo fascista de Salazar não quer ouvir as classes trabalhadoras que reclamavam pão. O governo de Salazar continua a enviar os soldados para a Alemanha. Os grandes exploradores instalados nos Grêmios e outras organizações fascistas continuam a assombrar, a espreitar, a roubar ao povo o alimento de que o povo necessita.

Viver assim não é viver. Quem não come não pode trabalhar.

Operários e camponezes! Trabalhadores de todas as profissões e religiões! Valentes mulheres do nosso povo! O governo decidiu pôr nos uniformes, latrões, obrigando o governo a tomar medidas providências para resolver a nossa situação. Que o povo se levante para a luta pelo pão. Que operários e operárias, camponezes e camponezas, todos os que trabalham e sofrem, façam ouvir a sua voz numa grande jornada de protesto. Que os dias 8 e 9 de maio, 12.º e 13.º feira, sejam os grandes dias de unidade de todos os operários e camponezes, de todos os explorados e oprimidos, de todos os vítimas da fome e da miséria.

Que nos dias 8 e 9 de maio

PARE O TRABALHO NAS FÁBRICAS E EMPRÊSAS

PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Que, nos dias 8 e 9 de maio, o povo dê às ruas e tome conta das ruas. Que se jurem honra, mulheres e crianças.

EM GRANDES MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO

pelo Pão e pelos Gêneros

Heróicos trabalhadores da região de Lisboa! A greve! Na manhã do dia 8 apresentai as vossas reivindicações ao patrão, paralisai o trabalho, em seguida fazei manifestações de rua pelo pão e pelos gêneros. **Trabalhadores do campo!** Na manhã do dia 8 tocai os bois e cabras, parai o trabalho, juntai-vos todos, marchai sobre as vilas em grandes marchas de fome. **Operários das vilas e aldeias!** Paralisai o trabalho, os vossos camponezes. **Mulheres do nosso povo!** Abandonai os vossos lares e juntai-vos aos vossos companheiros, aos vossos irmãos. Todos unidos, braço com braço, andai e com o povo.

Que as grandes manifestações e marchas da fome se dirijam ao governo, às autoridades, exigindo Pão e Gêneros. Desfilai bandeiras negras, as bandeiras da fome. Levei cartazes, cada um que tenha fome e quer o Pão.

Se, nos dias 8 e 9, o governo fascista não usar da violência para com os manifestantes e os grevistas

voltai ao trabalho no dia 10, quarta-feira

Assim ter demonstrado a vossa força, a vossa união, a vossa disciplina, ao governo fascista e aos exploradores. E eles contarão muito, cada um, porque verão que o povo não se deixa matar à fome. Assim eles se sentirão na necessidade de resolver rapidamente a situação dos trabalhadores, de fornecer Pão e Gêneros. Se o não fizerem, se depois de nos termos o trabalho, o governo não solucionar, **recomencemos a luta** e que o fascismo termine. O Partido Comunista vos indicará o caminho, o caminho da vitória.

Mas, se nos dias 8 e 9, o governo de Salazar usar da violência para fazer calar o povo, se enviar contra nós as forças armadas, convidai os soldados a fazerem causa comum com o povo, guardai as armas e não os deixais aterrorizar a população. Se o governo fascista prender os trabalhadores e cometer violência, não deixai o governo a segurar, reivindicai o caminho da vitória. O Partido Comunista formou um **Comité Dirigente da Greve que se encontra no seu prédio para orientar e ajudar os trabalhadores.**

Nos dias 8 e 9 da manhã, toda a nação portuguesa acompanhará a luta das massas populares.

Vós, soldados do Exército, do PSP, da GNR, vós, filhos do povo fascistas, recusai o calar e desfilai os vossos irmãos trabalhadores.

Vós, oficiais anti-fascistas e patriotas, recusai o dar ordem de violência sobre o povo.

Vós, pequenos lavradores, comerciantes e industriais, apoiareis as ações populares que se dirigem contra o vosso próprio inimigo: o governo fascista de Salazar.

VÓS, ANTI-FASCISTAS E PATRIOTAS. VÓS, PORTUGUESES HONRADOS, apoiareis por todos os meios a luta dos milhões.

O povo português levantará contra o regime salazarista da fome, terror e traição.

Trabalhadores! Unidos até à vitória.



À LUTA!

Maio de 1944
(1.ª edição)

O Secretariado do Comité Central do
Partido Comunista Português

O Movimento Operário

A luta dos trabalhadores foi um dos eixos fundamentais da resistência antifascista. A ditadura suprimiu o direito à greve e a liberdade sindical, sujeitando o mundo do trabalho nas fábricas e nos campos a uma dura exploração, apoiada na permanente violência policial. Derrotada a greve geral de 18 de janeiro de 1934 contra a fascização dos sindicatos, o movimento operário organizou-se na clandestinidade dentro e fora dos Sindicatos Nacionais.

As greves operárias de 1941/44, as lutas dos assalariados rurais nos anos 40 e 50 e as greves políticas contra a farsa eleitoral de 1958 foram momentos dessa resistência. Na década de 60 assistiu-se a um novo ciclo de intensificação de lutas sociais, nomeadamente com a conquista do horário de oito horas nos campos.

A tomada de alguns sindicatos, a criação da Intersindical e a crise final do regime marcaram um novo momento de arranque do movimento operário e grevista, alargado ao setor dos serviços, cifrando-se em cerca de 100.000 o número de trabalhadores envolvidos nas várias ações de luta entre outubro de 1973 e abril de 1974.

The Workers' Movement

The workers' struggle was one of the fundamental mainstays of the anti-fascist resistance. The dictatorship suppressed the right to strike and freedom of association, subjecting the world of labour in factories and agriculture to harsh exploitation, supported by constant police violence. After the general strike of 18 January, 1934 against the fascization of the trade unions, the workers' movement was organized underground inside and outside the National Trade Unions.

Labour resistance was seen in the strikes of 1941/44, the struggles of rural wage labourers in the 1940s and 1950s and the political strikes against the electoral farce of 1958. In the 1960s there was a new cycle of intensified social struggles, with the conquest of the eight-hour working day in the agricultural sector.

The takeover of some unions, the creation of Intersindical (General Workers' Federation) and the final crisis of the regime ushered in a new beginning for the workers' and strikers' movement, which extended to the services sector, with about 100,000 workers involved in various actions between October 1973 and April 1974.



Greve de trabalhadores da CP
Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses, 1969
Arquivo Nacional Torre do Tombo

*Strike by the workers of CP
Portuguese Railway Company, 1969
Arquivo Nacional Torre do Tombo*

O Movimento Estudantil

O movimento estudantil destacou-se na resistência antifascista desde as greves de 1928 e 1931 contra a Ditadura Militar, passando pela participação no MUD Juvenil entre 1945 e os anos 50 e também pela mobilização das associações académicas contra a legislação que pretendia sujeitá-las à tutela do governo (1956).

A luta dos estudantes passou a ocupar um lugar de grande relevo na mobilização popular contra o regime e a guerra colonial com a greve académica de 1962, as jornadas do Dia do Estudante, a luta contra a repressão em 1965, as greves de Coimbra e a contestação em Lisboa em 1969.

A radicalização deste combate no início dos anos 70 colocou a universidade em permanente estado de sítio, com as associações sucessivamente encerradas e as escolas ocupadas pela polícia política, a polícia de choque e os "gorilas". Este processo influenciou marcadamente o alargamento e a diversificação ideológica e política da resistência ao regime nesse período.

The Student Movement

The student movement played a key role in the antifascist resistance in the strikes of 1928 and 1931 against the Military Dictatorship, participation in the MUD Juvenil between 1945 and the 1950s and in the mobilization of academic associations against legislation that sought to subject them to the guardianship of the government (1956).

The students' struggle occupied a prominent place in popular mobilization against the regime and the colonial war with the 1962 academic strike, the Day of the Student protests, the fight against repression in 1965, the Coimbra strikes and the Lisbon challenge in 1969.

The radicalization of this struggle in the early 1970s put the university in a permanent state of siege, with associations successively closed down and schools occupied by the political police, riot police and the "gorillas". This process had a major influence on the growth and ideological and political diversification of resistance to the regime in this period.



Manifestação em Coimbra durante a Crise Académica de 1969
Centro de Documentação 25 de Abril
Universidade de Coimbra

Protest in Coimbra during the Academic Crisis of 1969
Centro de Documentação 25 de Abril
Universidade de Coimbra

A Luta das Mulheres

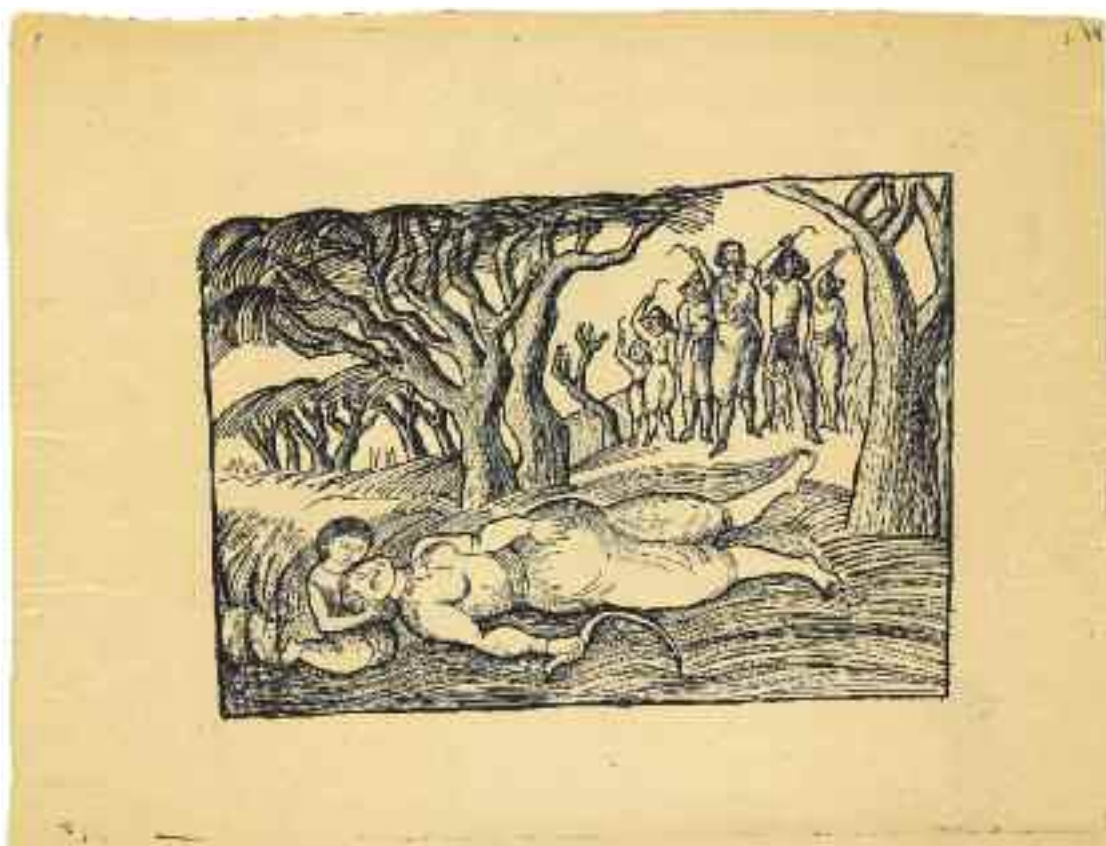
Pese embora a invisibilidade a que foram tantas vezes remetidas, as mulheres, entendidas na pluralidade das suas condições socioeconômicas, políticas e culturais, estiveram presentes na luta, na oposição e na resistência ao Estado Novo. Para tal travaram um duplo combate: por um lado, contra a idealização da mulher – a esposa, a filha, a mãe – preconizada pelo regime; por outro, no seio da oposição, procurando ser vistas como mais do que representantes do seu género, ou seja, como sujeitos políticos autónomos.

As mulheres participaram ao lado, e com os homens, nas lutas sociais, greves e manifestações, tendo sido o pilar da organização da clandestinidade. Foram presas, torturadas, assassinadas e estiveram no exílio. Apesar da existência de organizações de mulheres, aliás perseguidas e encerradas pelo Estado Novo, muitas das questões femininas e feministas foram subsumidas na luta maior contra o regime.

Women's Struggle

Despite their frequent invisibility, women, understood in the plurality of their socioeconomic, political and cultural conditions, were active in the struggle, opposition and resistance to the Estado Novo. They were involved in a dual combat: on the one hand, against the regime's idealization of women as wives, daughters and mothers; but also, within the opposition, they fought to be seen as more than mere representatives of their gender, i.e. as autonomous political actors.

Women participated alongside and with men in social struggles, strikes and demonstrations and they were the pillars of the organization of clandestinity. They were arrested, tortured, murdered and sent into exile. Despite the existence of women's organizations, which were persecuted and closed down by the Estado Novo, many feminists and feminist issues were subsumed in the wider struggle against the regime.



Morte de Catarina Eufémia, [1954-1961]

José Dias Coelho

n.a., n.d.

Linogravura sobre papel

24,5 x 35,2 cm (mancha)

39,7 x 51,4 cm (suporte)

Coleção Museu do Neo-Realismo

Espólio artístico de José Dias Coelho

Nº inv. MNR 155-06

Death of Catarina Eufémia, [1954-1961]

José Dias Coelho

n.s., n.d.

Linoleum ink over paper

24,5 x 35,2 cm (spot)

39,7 x 51,4 cm (framework)

Collection of Neo-Realism Museum

José Dias Coelho Art Collection

Nº inv. MNR 155-06

A Unidade Antifascista

Desde o início da ditadura que as forças antifascistas procuraram um entendimento comum. Até 1945, com a Frente Popular Portuguesa (1936) e o MUNAF – Movimento de Unidade Antifascista (1943), tinham caráter clandestino.

No pós-guerra, o regime viu-se obrigado a tolerar o surgimento de candidaturas oposicionistas às eleições, sujeitas, contudo, a restrições censórias e perseguições policiais. Foi o tempo de grandes mobilizações populares unitárias: MUD – Movimento de Unidade Democrática (1945/46), as candidaturas à Presidência da República de Norton de Matos (1949), Arlindo Vicente e Humberto Delgado (1958).

Apesar da divisão das oposições no contexto de Guerra Fria, a unidade reencontrada em torno de Humberto Delgado prolongou-se nas campanhas eleitorais em 1961 e 1965. No início dos anos 60 surgiu um novo frentismo antifascista clandestino: as Juntas de Acção Patriótica e, no exterior, a FPLN (Frente Patriótica de Libertação Nacional).

O início do regime marcelista e a diversificação política e ideológica (socialistas, comunistas, católicos progressistas, maoístas, partidários da luta armada...) impediram a unidade das candidaturas oposicionistas em 1969. Em 1973, o Partido Socialista e o Partido Comunista Português, unidos no MDP (Movimento Democrático Português) apresentaram-se ao último simulacro eleitoral do regime.

The Antifascist Unity

From the beginning of the dictatorship antifascist forces sought to reach a common understanding. Until 1945, with the Portuguese Popular Front (1936) and the MUNAF – The Antifascist Unity Movement – (1943), their operations were clandestine.

In the post-war period, the regime was forced to tolerate the appearance of opposition candidates, subject, however, to censorship restrictions and police persecution. This was a time of great popular united front mobilizations: MUD – The Movement of Democratic Unity (1945/46), the candidacies for the Presidency of the Republic of Norton de Matos (1949), Arlindo Vicente and Humberto Delgado (1958).

Despite the divisions in the opposition in respect of the Cold War, unity was achieved in relation to Humberto Delgado and continued in the electoral campaigns of 1961 and 1965. In the early 1960s a new clandestine series of antifascist alliances emerged: the Patriotic Action Committees and, abroad, the FPLN (Patriotic Front for National Liberation).

The start of the Marcellist regime and political and ideological diversification (socialists, communists, progressive Catholics, Maoists, proponents of armed struggle, etc.) prevented the unity of opposition candidates in 1969. In 1973, the Socialist and Communist Parties (PS and PCP) united in the MDP (Portuguese Democratic Movement) to present themselves for the final electoral charade of the regime.



Participantes na II Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, em Praga, Checoslováquia
Da esquerda para a direita: Mário Ruivo; Pedro Soares; Manuel Sertório; Ruy Luís Gomes; Humberto Delgado, Piteira Santos, Álvaro Cunhal e Tito de Morais
1963
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Participants at the II Conference of the Patriotic Front for National Freedom, in Prague, Czechoslovakia
From left to right: Mário Ruivo; Pedro Soares; Manuel Sertório; Ruy Luís Gomes; Humberto Delgado, Piteira Santos, Álvaro Cunhal and Tito de Morais
1963
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

A CIDADE DO PORTO RESPONDEU PRESENTE! Ao General HUMBERTO DELGADO



— Uma das muitas reuniões a Porto Carlos Alberto e amigos
a presença do General Humberto Delgado na cidade das
— Serviços da sua Candidatura —



— Já algumas horas antes da chegada do "Fagade" - milhar
milhares de pessoas aguardavam, na larga fronteira à
— Estação, a chegada do General Humberto Delgado —

*Com entusiasmo e com
demonstrações espontâneas, milhares
de pessoas se reuniram na
estação de São Bento para
receber o General Humberto Delgado.*

MAIS DE 100.000 PESSOAS

VITORIARAM, NO PORTO,

O GENERAL

HUMBERTO DELGADO

AFIRMANDO A SUA FÉ NA DEMOCRACIA

E O SEU DESEJO DE LIBERDADE

*A cidade de Porto
dela uma prova decisiva!*



— Da chegada dos Serviços da Candidatura o General
Humberto Delgado agradece, acompanhado, as tradi-
— Festas da Praça do Porto —

A CIDADE DO PORTO

RECEBEU AS SUAS ENTHUSIASMAS DEBEM

DELIBERADA, VINDO, EM NARRA,

ADAMAR - O HOMEM SEM MEDO -

O GENERAL

HUMBERTO DELGADO



— Uma multidão enorme aplaudiu o General Humberto Delgado
a sua passagem pela confidência das ruas de São João
— e São da República —



— Receberam o General por entre a multidão com o aguardar,
a morte do General Humberto Delgado sob a Estação de
— São Bento a chegada dos Serviços da sua Candidatura —

A Voz do Desertor

JORNAL DOS DESERTORES E REFRACTÁRIOS PORTUGUESES

Editorial

Em frente pela organização dos desertores!

A VOZ DO DESERTOR pretende ser o órgão dos desertores, refractários e insubmissos portugueses. Fruto da iniciativa de um grupo de desertores, ele pretende contribuir para a organização dos homens dos jovens que se recusam a fazer a guerra colonial num amplo movimento que defende os seus interesses particulares, se integre na luta geral do povo português contra o fascismo e preste uma solidariedade activa aos povos das colónias em luta contra o jugo colonial português.

A VOZ DO DESERTOR é um jornal antifascista, anti-colonialista e anti-imperialista.

Dentro da luta contra o fascismo, A VOZ DO DESERTOR indica a necessidade da revolução popular como o único caminho que levará o povo português a uma transformação radical das suas condições de vida, e combate todos aqueles que procuram uma via de compromisso com o fascismo ou a "liberalização" do regime de tomar dos monopólios capitalistas.

Dentro da luta contra o colonialismo, A VOZ DO DESERTOR apela para uma solidariedade activa para com o

(Continua na pág.2)

O COLONIALISMO ASSASSINOU AMÍLCAR CABRAL

Amílcar Cabral, Secretário-Geral do PAIGC, foi assassinado por um comando da FIDJ no passado dia 20 de Janeiro, em Conakry, capital da República da Guiné. Com este crime bárbaro, vai a mão-garra dos agenciados de Marcelo Caetano e dos vários amigos dos povos africanos que adoptam atitudes contra a "liberalização" do regime. O assassinato do heróico patriota africano é uma prova irrefutável de que, depois da morte do ditador Salazar, o seu discípulo e sucessor segue os seus métodos, servindo-se da sinistra FIDJ para eliminar os combatentes das nações que se opõem à sua política colonialista ao serviço do imperialismo internacional.

É já longa a lista de patriotas africanos que foram assassinados por colonialistas portugueses assassinos, caso de

Edmundo Mandiano, Presidente da FRELIMO, Contado, não assassinado por um comando da FIDJ com a morte dos dirigentes africanos que os colonialistas alguns vez conseguiram destruir a chama libertadora que alimentava os tristes das colónias, que lutam contra a exploração e a opressão e pela independência.

O PAIGC foi formado, em 1963, em Bissau, por Amílcar Cabral. Desde o início, reivindicou a independência para a Guiné e Cabo Verde. A ilusão de que os colonialistas portugueses se submeteriam pelas vias pacíficas às aspirações dos nacionalistas das colónias não rapidamente as manifestações organizadas pelo PAIGC foram reprimidas violentamente. O massacre, perpetrado pelos colonialistas, dos estudantes em greve no porto de

(Continua na pág.6)



Amílcar Cabral, dirigente do P.A.I.G.C., cumprimentando Manuel Vaz e Fernando Fontes, dois desertores do exército português.



O peso da tradição colonialista do republicanismo na oposição ao regime fez com que só tardiamente o anticolonialismo fosse assumido como posição comum à luta antifascista.

O Partido Comunista Português reclamou em 1957 a independência imediata e completa dos povos das colónias e em 1961 assumiu isoladamente a condenação das guerras coloniais.

Com o eclodir da guerra, na década 60 e a diversificação ideológica e orgânica da oposição, com o aparecimento de organizações de extrema-esquerda, a esquerda católica, o ativismo estudantil, a oposição no exterior e na emigração, as organizações de luta armada, a ação dos movimentos de libertação nacional, o combate ao regime e a luta contra o colonialismo e a guerra tornaram-se indissociáveis.

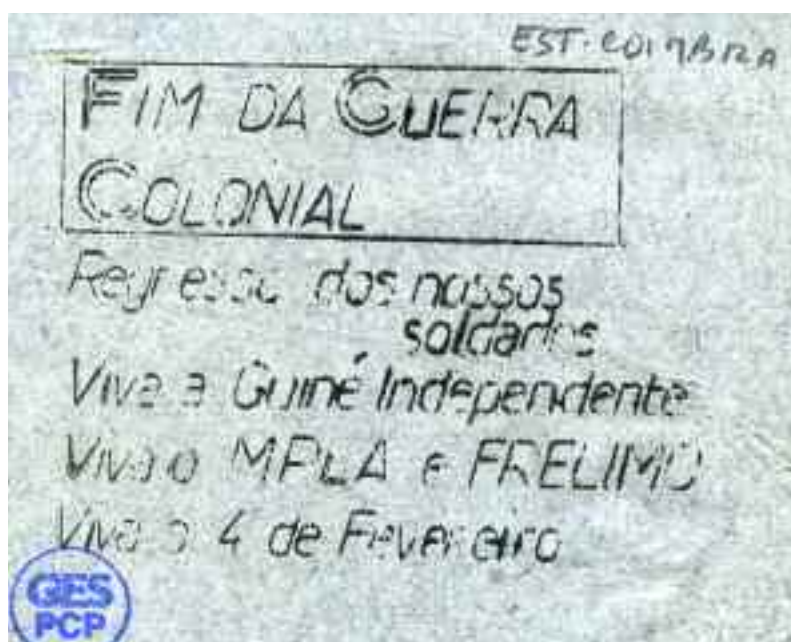
O anticolonialismo tornou-se determinante na crise final do regime e na ação das oposições, ecoando a cultura e dinâmicas dos anos 60 e 70, a solidariedade internacional com os movimentos anticoloniais e lutas anti-imperialistas, como a guerra do Vietname. Do cansaço da guerra e da impossibilidade de uma solução política nasceu a intervenção do Movimento das Forças Armadas que levaria ao derrube da ditadura.

The importance of the republican colonialist tradition in the opposition to the regime meant that anticolonialism was only belatedly adopted as a common position in the anti-fascist struggle.

In 1957, the Portuguese Communist Party demanded the immediate and complete independence of the peoples of the colonies and in 1961 it unilaterally condemned the colonial wars.

With the outbreak of war in the 1960s and the ideological and organizational diversification of the opposition, the emergence of far-left movements, the Catholic Left, student activism, the opposition abroad and in the Portuguese diaspora, armed struggle organizations, and the action of national liberation movements, the fight against the regime and the struggle against colonialism and the war became inseparable.

Anti-colonialism became decisive in the final crisis of the regime and in the action of the opposition, thus echoing the culture and dynamics of the 1960s and 1970s of international solidarity with anticolonial movements and anti-imperialist struggles such as the Vietnam War. War fatigue and the impossibility of a political solution led to the intervention of the Movement of the Armed Forces that would lead to the overthrow of the dictatorship.



Tarjeta contra a Guerra Colonial
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Slogan against the Colonial War
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

As conspirações militares e a resistência armada

A ditadura militar e o início do regime fascista defrontaram um primeiro ciclo de resistência insurreccional e de guerra civil intermitente protagonizada pelo reviralhismo republicano e pelas correntes anarquistas e comunistas do movimento operário.

Ao atentado a Salazar em 1937 e às conspirações militares no pós-guerra seguiu-se a prevalência na oposição de uma linha de solução pacífica para a questão do regime.

Com o logro eleitoral de 1958, o ascenso da luta popular, a eclosão da guerra colonial nos anos 60 e a falência das ilusões do marcelismo, a ação armada voltou a ser encarada como meio indispensável para derrubar a ditadura.

Nesse processo envolveram-se vários setores da oposição (comunistas, extrema-esquerda, socialistas, católicos progressistas, Liga de Unidade e Ação Revolucionária – LUAR), que desencadearam diversos tipos de ações. Entre 1970 e 1974, a Ação Revolucionária Armada (ARA) e as Brigadas Revolucionárias (BR) lançaram várias operações armadas contra o dispositivo político e militar do regime e da guerra colonial, que tiveram grande repercussão pública.

Military conspiracies and armed resistance

The military dictatorship and the start of the fascist regime faced a first cycle of insurgent resistance and intermittent civil war, led by republican reviralhismo (insurrectionism) and the anarchist and communist wings of the workers' movement.

The attempt to assassinate Salazar in 1937 and post-war military conspiracies were followed by the dominance of peaceful approaches to the regime in the opposition.

With the electoral fraud of 1958, the rise of the popular struggle, the outbreak of the colonial war in the 1960s and the collapse of the illusions of Marcellinism, armed action was once again seen as indispensable for overthrowing the dictatorship.

Several opposition sectors were involved in this process (communists, extreme left, socialists, progressive Catholics, LUAR), which unleashed various types of action. Between 1970 and 1974, the Armed Revolutionary Action (ARA) and the Revolutionary Brigades (BR) launched several armed operations against the political and military system of the regime and the colonial war, which had major public repercussions.



"Abaixo a guerra colonial, o imperialismo, o fascismo"
A.R.A. (Acção Revolucionária Armada)
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

"Say no to colonial war, imperialism, fascism"
A.R.A. (Armed Revolutionary Action)
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Intervenção no campo da Cultura

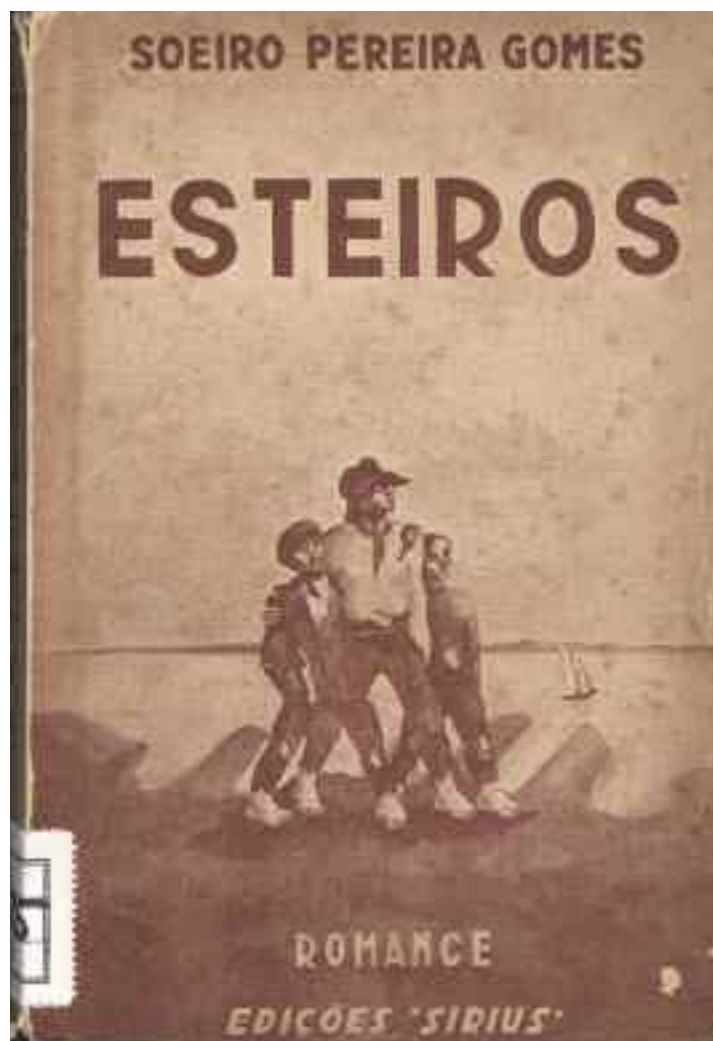
O campo da cultura, na sua aceção mais lata, incluindo coletividades, cooperativas e cineclubes, foi uma das importantes frentes de combate contra o Estado Novo. Intelectuais, artistas, homens e mulheres ligados às atividades culturais procuraram lutar contra as imposições obscurantistas da política do espírito e contra as restrições da censura, através de múltiplos meios, sendo de realçar o papel da música de intervenção.

A partir dos anos 30 – e, pelo menos, até finais da década de 50 – o neorealismo, defendendo uma postura engajada do artista na defesa do conteúdo em detrimento da forma, foi central (não sendo, contudo, o único movimento) nesta batalha. Na década de 60, no contexto da cultura de “massas” e sendo a juventude um agente significativo, assistiu-se a uma nova dinâmica de contestação cultural, que procurou novas tendências estéticas e artísticas.

Intervention in Culture

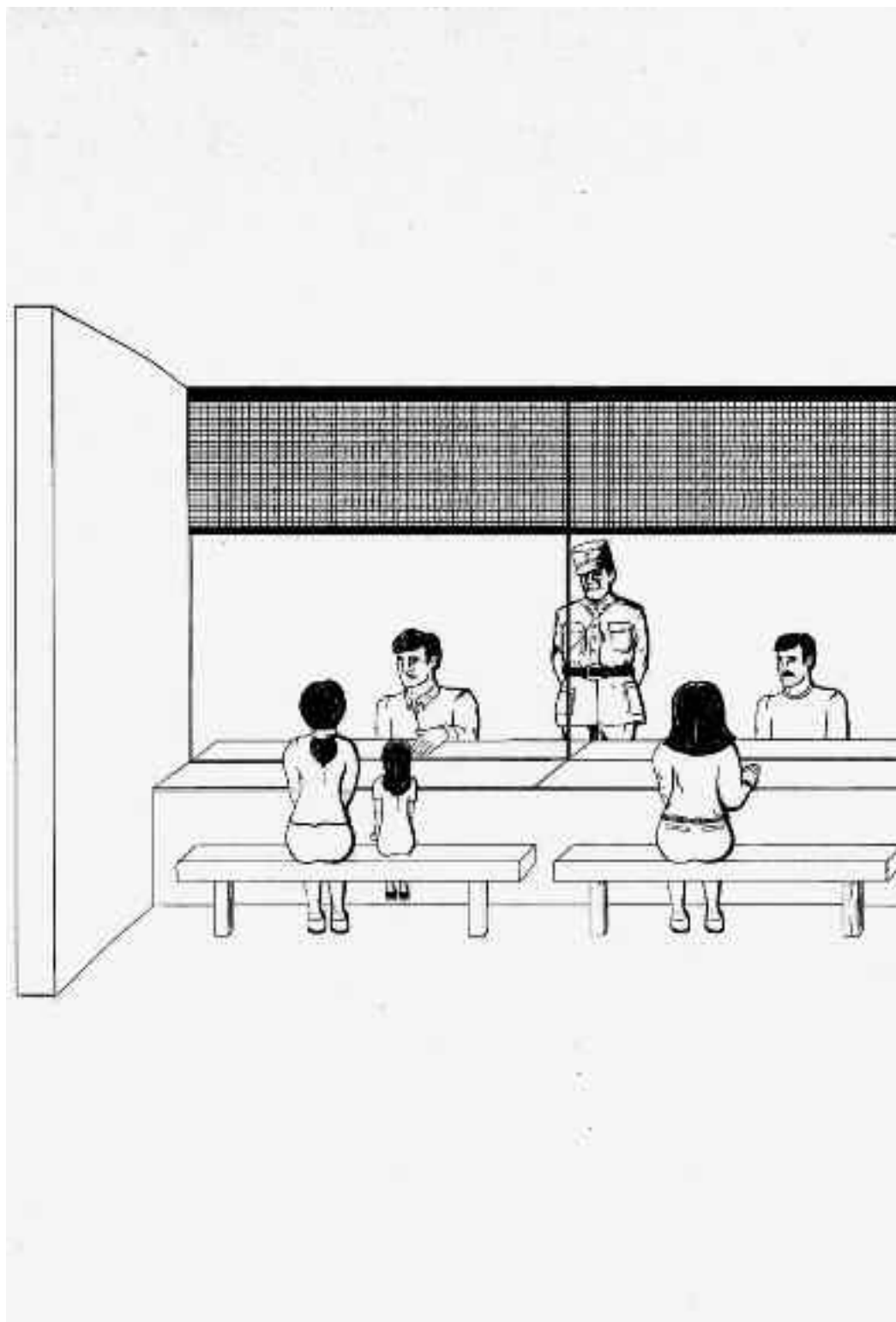
Culture, in its broadest sense, including associations, cooperatives and film clubs, was one of the important fronts in the struggle against the Estado Novo. Intellectuals, artists, men and women linked to cultural activities sought to fight against the obscurantist diktats of the politics of the spirit and against the restrictions of censorship, through a range of methods, with the role of music being of particular note.

From the 1930s – and at least until the late 1950s – neorealism, defending the engaged stance of artists in defending content over form, was central (though it was not the only movement) in this battle. In the 1960s, with mass culture and the advent of young people as significant agents, a new dynamic of cultural challenge arose, which sought out new aesthetic and artistic tendencies.



Esteiros
Soeiro Pereira Gomes
Romance
Edições "Sirius"
s.d.

Esteiros
Soeiro Pereira Gomes
Novel
Edições "Sirius"
n.d.



Desenho do antigo parlatório
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Drawing of the former Parlatory
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

O Parlatório era o espaço da Prisão Política onde os presos recebiam as visitas dos familiares e amigos. A visita decorria sob uma enorme tensão. A vigilância sobre presos e familiares era não só rigorosa, como intimidatória.

A configuração do espaço impedia qualquer contacto físico entre os presos e os seus familiares, sendo todos obrigados, pelos guardas, a falar muito alto, para que as conversas fossem ouvidas. Havia sempre um guarda em pé, atrás do preso, pronto para se intrometer nas conversas, que deviam limitar-se a assuntos familiares.

Quando um guarda interrompia a visita, o que sucedia com alguma frequência e arbitrariedade, significava que o preso ia ser castigado. A punição poderia ser a suspensão das visitas, a proibição de recreio ou o envio para o “Segredo” ou cela de castigo.

A direção da cadeia impunha sempre a suspensão das visitas quando os presos iniciavam processos de luta pela melhoria das condições prisionais.

O antigo parlatório foi demolido em 1968 e localizava-se no centro da Praça da Fortaleza. Presos e familiares sentavam-se em lados opostos de uma bancada corrida ao comprimento do pavilhão, separados por dois metros de largura. Sobre essa bancada com tampo de pedra mármore havia uma divisória de vidro espesso, com cerca de um metro de altura, prolongada até ao teto por uma rede estreita de aço.

The Parlatory was the space where political prisoners received visits from family and friends. The visit would take place under a great tension. Surveillance of prisoners and visitors was not only strict but also intimidating.

The spatial layout was intended to prevent any physical contact between prisoners and their relatives. Visitors were forced to speak very loudly so that their conversations could be heard by prison guards. There was always a guard behind the prisoner, ready to interfere in the conversation, that should be restricted to family matters.

Quite frequently and arbitrarily, the guard would interrupt the visit, which meant that the prisoner would be punished. Punishment could mean suspending visits, banning recreation or being taken to the “Segredo” (Secret) or punishment cell.

Whenever prisoners took actions to fight for improvement of living conditions, they saw their visits being banned by the prison authorities.

The former Parlatory, located in Fortress Square, was demolished in 1968. Prisoners and their relatives would sit on opposite sides of a bench seat running across the whole width of the pavilion, separated by two metres in length.

Over this marble topped bench there was a thick one-metre high glass division, that continued upwards towards the ceiling in a narrow steel net.

As Visitas

As visitas, único contacto dos presos com o mundo exterior, assumiam uma importância extraordinária, por trazerem conforto afetivo e alívio à solidão. Fortaleciam o ânimo para enfrentar o violento regime prisional e renovavam a esperança no dia da libertação, na certeza de que família e amigos estariam lá fora, à espera.

O diretor da cadeia concedia um cartão com fotografia aos familiares com direito a visita, exigindo-lhes previamente um documento de bom comportamento moral e cívico passado pela Junta de Freguesia. Esse cartão era obrigatoriamente entregue no postigo do portão da Fortaleza antes do início da visita, e devolvido quando esta terminava. Já no interior da cadeia, junto à entrada do Parlatório, deixavam-se os sacos contendo roupa e bens alimentares.

As viagens dos familiares dos presos, provenientes das várias regiões do país, eram bastante penosas e pareciam infundáveis.

De Lisboa, por exemplo, a camioneta levava quatro horas a chegar a Peniche, e o mesmo tempo a regressar. Ou seja, quem partisse da capital enfrentava oito horas de viagem para realizar uma visita de duas horas, que poderia até não ser autorizada.

Visits

Because visits provided the only contact between prisoners and the outside world, they were particularly important in bringing comfort and relieving loneliness. They strengthened the morale to face the violent prison system and renewed hope on the day of their release, when family and friends would be outside waiting.

Family relatives with permission to visit were entitled to a card with their photograph, issued by the prison director. In exchange they would need to previously present a document attesting their moral and civil good behaviour, issued by the parish council. Visitors were asked to show this card at the entrance gate before the visit and return it after the visit. Once they entered the prison, they were asked to leave bags containing clothes and food next to the Parlatory entrance.

Prisoners families travelling from different regions across the country faced very tiring and never-ending journeys.

From Lisbon, for example, a bus would take four hours to reach Peniche, and the same to time to return. In other words, a visitor from Lisbon would be travelling for eight hours in order to have a two-hour visit that might not even be authorised.



Cartão de visitas de presos do menino
João António Sequeira Varela Gomes
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Visiting card of little boy
João António Sequeira Varela Gomes
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

A Vigilância da PIDE

A vigilância da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) à Fortaleza e espaços circundantes era permanente e intimidatória. Passava pela elaboração de relatórios, com registo dos nomes de familiares, advogados e outras pessoas que visitavam os presos, as horas a que chegavam, as matrículas dos carros, as ruas que percorriam, as pessoas da vila que contactavam e onde pernoitavam.

Aqueles que cediam ou alugavam as suas casas a famílias de presos eram “convidados” a suspender esse apoio.

Surveillance by PIDE

The State Defence International Police (PIDE) kept the Fortress and its surroundings under permanent and intimidating surveillance. Their reports included the names of relatives, lawyers and other visitors, the times of arrival, number plates of their cars, the roads that led them to the Fortress, the people they contacted in town and where they spent the night.

Those who gave in or rented their houses to prisoners’ relatives were “invited” to stop such support.



Antigo Posto da PIDE em Peniche
S.d.
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Former PIDE Office in Peniche
N.d.
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

As Colónias de Férias

As colónias de férias para filhos de presos políticos, realizadas em Vila Franca de Xira (1971), Caldas da Rainha (1972) e no Baleal, na chamada Casa dos Anjos (1973), tiveram um importante papel na vida das crianças. Eram organizadas pela Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP).

Durante as férias, os filhos dos presos iam à praia e visitavam os pais na prisão de Peniche, sempre sob a vigilância da PIDE. Acarinhadas pela população local, as crianças recebiam ofertas de leite, peixe, carne e legumes, em alguns casos entregues abertamente, outras vezes em volumes depositados na entrada da colónia durante a noite.

Summer camps

Summer camps for children of political prisoners, held in Vila Franca de Xira (1971), Caldas da Rainha (1972) and in Baleal, in the so-called Casa dos Anjos (1973), had an important role in children's lives. They were organised by the National Committee for Aid to Political Prisoners (CNSPP).

During their Summer holidays, prisoners' children were often taken to the beach and to visit their parents at the Peniche prison, always under surveillance of the PIDE. Cherished by the local community, these children were given milk, fish, meat and vegetables, sometimes openly, others in parcels deposited at the colony's entrance during the night.



Colónias de Férias para filhos de presos políticos
Organizadas pela Comissão Nacional
de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP)
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Summer camps for children of political prisoners
Organised by the National Committee
for Aid to Political Prisoners (CNSPP)
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Casamentos

Nesta sala realizaram-se alguns casamentos. O regime não reconhecia as uniões de facto e por vezes nem os filhos dessas relações. Vários presos tiveram de casar na cadeia para poder receber visitas das companheiras. Estes casamentos eram meros atos formais, sob forte vigilância e sem direito a cerimónia, fotos, ou refeições em conjunto. No entanto, quando permitidas, não havia a menor privacidade.

“Havia uma mesa, ela estava de um lado e eu do outro, separados. Estava o meu sogro, estavam os meus padrinhos de um lado – o O’Neill e a Maria Amélia Padez – e estavam os meus cunhados do outro, que eram os padrinhos dela. O meu sogro começou a passear na sala e a dizer que não havia direito e, por fim, passaram-na para o meu lado. Lá estive-mos até ao fim da refeição que o meu sogro tinha levado.”

(António Borges Coelho, in: Jornal Público, 16 de dezembro, 2018)

Marriages

A few marriages took place in this hall. The regime did not recognise non-marital cohabitation or the children from such relationships. Some prisoners were forced to marry in prison so that their wives could visit them.

Such marriages were restricted to formal acts under surveillance and with no right to a ceremony, photos, or meals together. Even when they were permitted, there was no privacy at all.

“There was a table, we were sitting on opposite sides, separated. My father in law and my godparents – O’Neill and Maria Amélia Padez – sat on one side while my brothers in law, who were also her Godparents, sat on the other side. My father in law started complaining and, as a result, she was allowed to sit by my side. And there we were till the end of the meal that my father in law had taken.”
(António Borges Coelho, in: Jornal Público, 16 December 2018)



Casamento de António Borges Coelho
com Isaura Borges Coelho
04.01.1959
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Marriage of António Borges Coelho
and Isaura Borges Coelho
04.01.1959
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Cravo Branco

Como está pronta a terra para a semente
assim estavas debaixo do meu braço:
os nossos corações estavam tão juntos
que não ficava entre eles o menor espaço.

Na botoeira do meu fato escuro
pregaste um cravo branco.
Não sabia que no teu peito
nasciam cravos de uma tal brancura.

Um funcionário cansado
leu em voz monótona os papéis.
Dissemos: - Sim!-
E cumpriram-se as leis.

O sol deitava bagos de arroz amarelo
ondas pequenas vinham rebentar
na muralha
como garotos endiabrados
a pedir rebuçados.

As gaivotas pelo céu piavam.
Voltei para a cela só olhando o mar:
a tua falta era um cravo branco cortado
no meu peito a sangrar.

António Borges Coelho
No Mar Oceano
Editorial Caminho
Coleção 'O Campo da Palavra'
Lisboa, 1981

White Carnation

Just as the soil is ready for seeds
so you stood under my arm:
our hearts were so close
that no space lay between them.

In the buttonhole of my dark suit
you placed a white carnation.
I did not know that your bosom
formed carnations of such whiteness.

A weary clerk
Read the papers tediously.
As we both said: - Yes!-
And the laws were observed.

The sun dropped yellow rice grains
and little waves crashed over the wall
like naughty little boys
begging for sweets.

Seagulls chirped in the sky.
As I returned to the cell looking at the sea:
your absence felt like a cut white carnation
bleeding in my bosom.

António Borges Coelho
No Mar Oceano
Editorial Caminho
Coleção 'O Campo da Palavra'
Lisboa, 1981

Peniche terra de Resistência

Na resistência ao fascismo e na luta pela conquista da Liberdade, houve um importante contributo dos pescadores, conserveiros e outros trabalhadores e forças da oposição democrática de Peniche.

Em novembro de 1952, mais de 200 mulheres e familiares de presos percorreram as ruas de Peniche manifestando-se contra a falta de alimentos na prisão. Numerosos habitantes, munidos de remos e outros objetos, juntaram-se à manifestação, exigindo melhor alimentação para os presos. O protesto culminou com a declaração do estado de sítio em Peniche, a prisão e interrogatório de cidadãos, o assalto e vandalização de uma casa de apoio às famílias e a detenção de três mulheres.

O movimento de oposição ao regime fascista teve aqui significativa expressão organizada, realizando importantes ações de esclarecimento e difusão da propaganda democrática e integrando a Comissão Nacional do 3.º Congresso da Oposição Democrática em 1973, em Aveiro.

Peniche land of Resistance

Noteworthy in the resistance against fascism and conquest of freedom was the contribution of fishermen, the canning industry and other workers and democratic opposition forces from Peniche.

In November 1952, over 200 prisoners' women and their families protested in the streets of Peniche against the lack of food in prison. Many inhabitants carrying oars and other objects joined the protest demanding better food for prisoners. The protest culminated in a declaration of a state of siege in Peniche, the arrest and interrogation of citizens, the assault and vandalism on a house supporting prisoners' families and the arrest of three women.

The democratic opposition movement had a particular role in organising awareness and democratic propaganda actions, including the 1973 National Committee of the 3rd Congress of Democratic Opposition in Aveiro.



As presas Palmira da Silva Roque,
Olinda Rodrigues e Virgínia de Moura
Presas em Novembro de 1952
Arquivo Nacional Torre do Tombo

The prisoners Palmira da Silva Roque,
Olinda Rodrigues and Virgínia de Moura
Arrested in November 1952
Arquivo Nacional Torre do Tombo

Peniche terra de Solidariedade

A solidariedade da população de Peniche para com os presos políticos e suas famílias traduzia-se em apoio moral, na cedência de habitação, na doação de bens alimentares assumida pelos comerciantes e no transporte gratuito de encomendas pelas empresas de camionagem.

Numa tentativa de dissuadir este espírito de solidariedade, o regime fascista exercia ameaças, pressões, interrogatórios, buscas e vandalismo a habitações.

Na luta pela Liberdade, muitos penichen-ses pagaram um elevado preço por participar ativamente na organização de manifestações e em ações de reivindicação social, como os exemplos que se seguem.

Alberto de Jesus Salsinha

Barbeiro, 29 anos. Preso em dezembro de 1936. Libertado em Dezembro de 1939. Esteve em Caxias e Peniche e cumpriu degredo numa colónia.

Álvaro dos Santos Martins

Guarda das Cadeias Cíveis Centrais de Lisboa, 33 anos. Preso em janeiro de 1954 e libertado em novembro de 1956. Esteve na prisão de Caxias.

António Germano

Operário, 46 anos. Preso em julho de 1950 e libertado em fevereiro de 1951 (absolvido). Nova prisão em maio de 1961 e libertado em junho de 1961. Esteve na prisão de Caxias.

António Pereira Freire

Carpinteiro naval, 20 anos. Preso em maio de 1962 e libertado em junho de 1962. Esteve na prisão de Caxias.

Carlos Leiria Júnior

Padeiro, 44 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em maio de 1961. Esteve na prisão de Caxias.

Ferrer Pereira de Sousa

Caldeireiro, 37 anos. Preso em julho de 1950 e libertado em outubro de 1950. Nova prisão em novembro de 1950 e libertado em fevereiro de 1951. Esteve na prisão de Caxias.

Guilherme Águeda da Copa

Marítimo, 30 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em maio de 1961. Esteve na prisão de Caxias.

Peniche land of Solidarity

The solidarity of the people of Peniche towards political prisoners and their families was shown by providing moral support, housing, donation of food by shopkeepers and free transport of parcels by transport companies.

In order to deter this spirit of solidarity, the fascist regime would encourage threats, pressure, interrogation, house searches and vandalism.

In their fight for Freedom, many Peniche citizens paid a high cost for actively participating in the organisation of protests and other social claims, as can be seen in the following examples.

Alberto de Jesus Salsinha

Barber, aged 29. Detained in 1936. Released in December 1939. Held in Caxias and Peniche, he was sent to exile in a colony.

Álvaro dos Santos Martins

Guard from the Lisbon Central Civil Jails, aged 33. Held in January 1954 and released in November 1956. Served in Caxias.

António Germano

Labourer, aged 46. Went to prison in July 1950 and was released in February 1951 (acquitted). Went back to jail in May 1961 and was freed in June 1961. Served in Caxias.

António Pereira Freire

Ship carpenter, aged 20. Held in May 1962 and freed in June 1962. Served in Caxias.

Carlos Leiria Júnior

Baker, aged 44. Held in May 1961 and released in 1961. Served in Caxias.

Ferrer Pereira de Sousa

Boilermaker, aged 37. Arrested in July 1950 and released in October 1950. Rearrested in November 1950 and released in February 1951. Served in Caxias.

Guilherme Águeda da Copa

Sailor, aged 30. Detained in May 1961 and released in May 1961. Served in Caxias.

João Francisco da Graça

Barber, age 48. Arrested in May 1961 and freed in June 1961.

João Francisco da Graça

Barbeiro, 48 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em junho de 1961.

João Nunes dos Santos

Empregado de escritório-gerente comercial, 38 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1937. Nova prisão em maio de 1946 e libertado em agosto de 1946.

João Paulino de Sousa

Empregado no comércio, 34 anos. Preso em julho de 1940 e libertado em janeiro de 1946. Esteve na prisão de Caxias e no Tarrafal.

João Pedrosa das Neves

Carpinteiro Naval, 32 anos. Preso em maio de 1962 e libertado em junho de 1962. Esteve na prisão de Caxias.

José da Costa

Padeiro-comerciante, 24 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em dezembro de 1938. Nova prisão em janeiro de 1954 e libertado em janeiro de 1955. Nova prisão em maio de 1961 e libertado em junho de 1961. Esteve na prisão de Peniche e Caxias.

José do Carmo Figueiredo

49 Anos. Preso em julho de 1950 e libertado em fevereiro de 1951. Nova prisão em maio de 1961 e libertado em junho de 1961. Esteve na prisão de Caxias.

José Henrique Sales

Marítimo, 34 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em maio de 1961. Esteve na prisão de Caxias (1 dia).

Maria Júlia dos Santos

Empregada comercial, 34 anos. Presa em agosto de 1971 e libertada em maio de 1972. Esteve na prisão de Caxias.

Mariano Fernando Rasteiro Calado Mateus

Empregado bancário, 30 anos. Preso em maio de 1959 e libertado em junho de 1959. Esteve na prisão de Caxias.

Miguel Lino Franco

Empregado municipal, 35 anos. Preso em janeiro de 1954 e libertado em fevereiro de 1954. Esteve na prisão de Caxias.

Paulino Patrício

Comerciante, 52 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em maio de 1961. Esteve na prisão de Caxias (1 dia).

João Nunes dos Santos

Office worker-sales manager, aged 38. Arrested in December 1936 and released in January 1937. Rearrested in May 1946 and freed in August 1946.

João Paulino de Sousa

Shop employee, aged 34. Held in July 1940 and released in January 1946. Served in Caxias and Tarrafal.

João Pedrosa das Neves

Ship Carpenter, aged 32. Arrested in May 1962 and released in June 1962. Served in Caxias.

José da Costa

Baker-shopkeeper, aged 24. Arrested in December 1936 and free in December 1938. Rearrested in January 1954 and released in January 1955. Rearrested in May 1961 and released in June 1961. Served in Peniche and Caxias.

José do Carmo Figueiredo

Aged 49. Arrested in July 1950 and released in February 1951. Rearrested in May 1961 and released in June 1961. Served in Caxias.

José Henrique Sales

Sailor, aged 34. Held in May 1961 and released in May 1961. Served in Caxias (1 day).

Maria Júlia dos Santos

Shop employee, aged 34. Arrested in August 1971 and released in May 1972. Served in Caxias.

Mariano Fernando Rasteiro Calado Mateus

Bank employee, aged 30. Detained in May 1959 and released in June 1959. Served in Caxias.

Miguel Lino Franco

Municipal employee, aged 35. Arrested in January 1954 and released in February 1954. Served in Caxias.

Paulino Patrício

Shopkeeper, aged 52. Held in May 1961 and released in May 1961. Served in Caxias (1 day).

Saúl Gonçalves

Street vendor, aged 20. Arrested in December 1936 and released in January 1946. Served in Peniche, Caxias e Tarrafal.

Saúl Gonçalves

Vendedor ambulante, 20 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1946. Esteve nas prisões de Peniche, Caxias e Tarrafal.

Saúl Gonçalves “Sobrinho”

Padeiro, 20 anos. Preso em novembro de 1938 e libertado em julho de 1939. Nova prisão em janeiro de 1954 e libertado em janeiro de 1955. Nova prisão em maio de 1962 e libertado em maio de 1962. Esteve na prisão de Caxias.

Silvino dos Santos

Comerciante, 37 anos. Preso em janeiro de 1954 e libertado em março de 1954.

Antero Pereira Teixeira

Alfaiate, 25 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1937.

António Evaristo de Miranda

Comerciante, 49 anos. Preso em 1935 na esquadra da PSP de Peniche.

Estefânio de Sousa

Marceneiro, 33 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1937.

Joaquim José Valente

Ex-Sargento do exército, 27 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1937.

Júlio Lourdes Bicho

Agente comercial, 36 anos. Preso em janeiro de 1954.

Octávio Sérgio Boaventura

Pintor. Preso em 1935, 1936 e 1937 na Sede da PIDE no Porto.

Saúl Gonçalves “Sobrinho”

Baker, aged 20. Arrested in November 1938 and released in July 1939. Rearrested in January 1954 and released in January 1955. Rearrested in May 1962 and released in May 1962. Served in Caxias.

Silvino dos Santos

Shopkeeper, aged 37. Held in January 1954 and released in March 1954.

Antero Pereira Teixeira

Taylor, aged 25. Arrested in December 1936 and released in January 1937.

António Evaristo de Miranda

Shopkeeper, aged 49. Arrested in 1935 in the Peniche Police.

Estefânio de Sousa

Carpenter, aged 33. Arrested in December 1936 and released in February 1937.

Joaquim José Valente

Former Army sergeant, aged 27. Arrested in December 1936 and released in January 1937.

Júlio Lourdes Bicho

Trade agent, aged 36. Arrested in January 1954.

Octávio Sérgio Boaventura

Painter. Arrested in 1935, 1936 and 1937 in Porto's PIDE Headquarters.

FORTIM REDONDO

ROUND FORT

O Fortim Redondo é a gênese do sistema defensivo de Peniche. Foi construído entre 1557 e 1558, por ordem de D. João III, com o propósito de proteger o reino de ataques inimigos.

Durante o regime fascista o Fortim foi utilizado como cela disciplinar, e entre os presos políticos ficou conhecido como “Segredo”.

The Round Fort was the genesis of the Peniche defensive system. It was commissioned by King D. João III between 1557 and 1558 for protecting the reign from enemy attacks.

Because it was used as a disciplinary cell during the fascist regime, the Round Fort became known as “Segredo” (Secret) among political prisoners.



Fortim Redondo e “Segredo”
Direção Geral do Património Cultural
2019

Round Fort and “Segredo” (Secret)
Directorate General of Cultural Heritage
2019

As Fugas

As mais de 20 fugas realizadas a partir do interior das prisões políticas são importantes vitórias da resistência e derrotas para o regime.

Para ser bem-sucedidas, estas evasões exigiam aos presos um apurado trabalho de organização, a par de muita coragem para vencer o forte aparelho de segurança prisional.

No conjunto das fugas da Prisão de Peniche realizadas com êxito, destacam-se a de António Dias Lourenço e a protagonizada por Álvaro Cunhal e outros nove companheiros. Ambas se caracterizam pela complexidade dos problemas que foi necessário resolver, pelos perigos enfrentados e pelo seu impacto político.

1936 – Fuga bem-sucedida pelos militares Francisco Horta Catarino, José Filipe Piçarra e José Santos Rocha, através de uma das furnas.

1938 – Fuga do “Segredo” de Artílio Baptista, Augusto Valdez e Veríssimo Sim-Sim, capturados ao tentar sair de Peniche.

1938 – Fuga concretizada por Álvaro Marques Saraiva e António Branco.

1946 – Fuga realizada com sucesso por Luís Joaquim Portela e mais quatro presos.

1950 – Fuga da Caserna 5 de Jaime Serra e Francisco Miguel, pela muralha do lado da praia. Só o primeiro foi bem-sucedido.

1953/1954 – Duas tentativas de fuga coletiva através de túnel. A primeira da Caserna 5 por Afonso, Gabriel, Lobão Vital e Joaquim Campino. A segunda da Caserna 4 por Agostinho Saboga, Alcino Sousa, António Dias Lourenço, Carlos Pinhão, Chico “Caniço”, Fernando Vicente, Guilherme de Carvalho, João Faria Borda, Joaquim Campino, José Alexandre, José Magro, José Maria do Rosário e Severiano Falcão.

1954 – Fuga do “Segredo” de António Dias Lourenço, que saltou diretamente para o mar.

1960 – Fuga coletiva de Álvaro Cunhal, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme da Costa Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes dos Santos, José Carlos, Pedro Soares e Rogério de Carvalho, da ala de alta segurança do Bloco C.

The Escapes

Over 20 escapes from political prisons were important victories for resistance movements and defeats for the regime.

In order to be successful, these escapes required great organisation skills and a lot of courage from prisoners so as to defeat the strong prison system apparatus.

Noteworthy among successful prisoner escapes from Peniche Prison are those by António Dias Lourenço as well as Álvaro Cunhal and his nine companions. Both involved very complex problems that had to be overcome, dangers that had to be faced and both had a strong political impact.

1936 – Successful escapes by servicemen Francisco Horta Catarino, José Filipe Piçarra and José Santos Rocha through one of the caves.

1938 – Escape from the “Segredo” by Artílio Baptista, Augusto Valdez and Veríssimo Sim-Sim, captured when attempting to leave Peniche.

1938 – Successful escape by Álvaro Marques Saraiva and António Branco.

1946 – Successful escape by Luís Joaquim Portela and other four prisoners.

1950 – Escape from Barrack 5 by Jaime Serra and Francisco Miguel through the beachside wall. Only the first was successful.

1953/1954 – Two attempted collective escapes through a tunnel. The first was from Barrack 5 by Afonso, Gabriel, Lobão Vital and Joaquim Campino. The second was from Barrack 4 by Agostinho Saboga, Alcino Sousa, António Dias Lourenço, Carlos Pinhão, Chico “Caniço”, Fernando Vicente, Guilherme de Carvalho, João Faria Borda, Joaquim Campino, José Alexandre, José Magro, José Maria do Rosário and Severiano Falcão.

1954 – Escape from the “Segredo” by António Dias Lourenço, who jumped directly into the sea.

1960 – Collective escape by Álvaro Cunhal, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme da Costa Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes dos Santos, José Carlos, Pedro Soares and Rogério de Carvalho, from the high security wing of Block C.

A Fuga de António Dias Lourenço

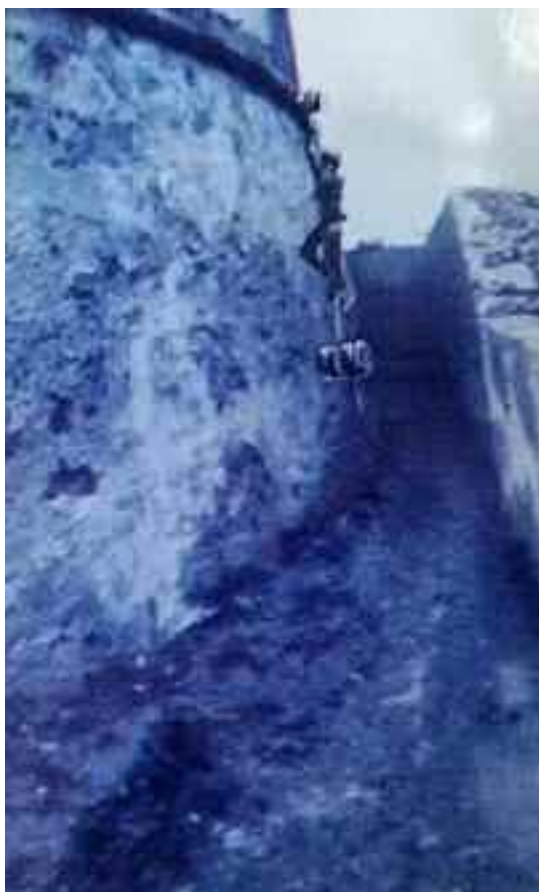
A fuga do “Segredo” concretizada por António Dias Lourenço quando se encontrava de castigo na cela de isolamento do Fortim Redondo ocorreu a 17 de dezembro de 1958. Durante dias, com a ajuda de uma faca, removeu madeira da porta da cela e executou uma corda a partir de uma manta desfiada, que usou para se lançar no mar.

Chegado a terra firme, junto à Lota, Dias Lourenço foi ajudado por pescadores que o transportaram escondido numa camioneta de peixe até ao Bombarral. Aí encontrou apoio.

The escape by António Dias Lourenço

The escape by António Dias Lourenço from the “Segredo”, the isolation cell of the Round Fort, took place on 17 December 1958. He purposely forced punishment so as to be kept in the “Segredo”. For days, and with the help of a knife, he removed the timber from the cell door and made himself a rope out of a shredded blanket, that he used to jump to the sea.

Once he reached the shore, next to the fish auction sale, Dias Lourenço was aided by fishermen who carried him covertly in a fish van to Bombarral. He found help from there.



Desenhos da Fuga do ‘Segredo’
de Dias Lourenço

Pormenores

António Dias Lourenço

Gabinete de Estudos Sociais

Partido Comunista Português

Drawings of the escape of Dias Lourenço
from the “Segredo”

Details

António Dias Lourenço

Gabinete de Estudos Sociais

Partido Comunista Português

A Fuga Coletiva de 1960

A fuga coletiva de Álvaro Cunhal, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme da Costa Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes dos Santos, José Carlos, Pedro Soares e Rogério de Carvalho, a 3 de janeiro de 1960, exigiu uma longa preparação e uma eficaz coordenação entre os presos e os seus apoios no exterior.

A execução do plano, que comportava um longo trajeto das celas até às muralhas do lado terra, só foi possível com a colaboração de José Alves, Cabo da GNR. Para o sucesso desta fuga contribuiu também a solidariedade de alguns cidadãos de Peniche que assistiram, em silêncio, à movimentação dos presos.

The collective escape of 1960

The collective escape of Álvaro Cunhal, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme da Costa Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes dos Santos, José Carlos, Pedro Soares and Rogério de Carvalho on 3 January 1960 was the result of a long-term planning and efficient coordination action taken by prisoners and their outside supporters.

Implementation of this plan, involving a long route from the cells to the coastline walls, was only made possible with the help from José Alves, police corporal. Noteworthy was also the solidarity of some citizens of Peniche who watched the prisoner's movements in silence.



Fuga coletiva de Peniche, 1960
Gravura
Margarida Tengarrinha
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Collective escape from Peniche, 1960
Engraving
Margarida Tengarrinha
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

A situação estratégica de Peniche e a Fortaleza

O papel estratégico de Peniche na defesa da costa e do Reino vem da 1ª metade do século XVI, decorrente das transformações do litoral da Estremadura nos finais da Idade Média.

O abaixamento do nível do mar e o assoreamento do estuário do rio de São Domingos acelerou a formação da península de Peniche, comprometendo o acesso ao porto da Atouguia. Peniche vai tornar-se o porto principal e em 1609 recebe o título de vila e de sede concelhia.

Os trabalhos defensivos de 1557 privilegiaram as populações piscatórias e os acessos por terra, culminando com a construção da Fortaleza em 1572.

Após a Restauração da Independência, em 1640, o dispositivo militar de Peniche é reforçado. A Fortaleza é considerada a “principal chave do Reino pela parte do mar” e pólo de um sistema defensivo da Pederneira a Lisboa, erguido entre 1642 e 1671.

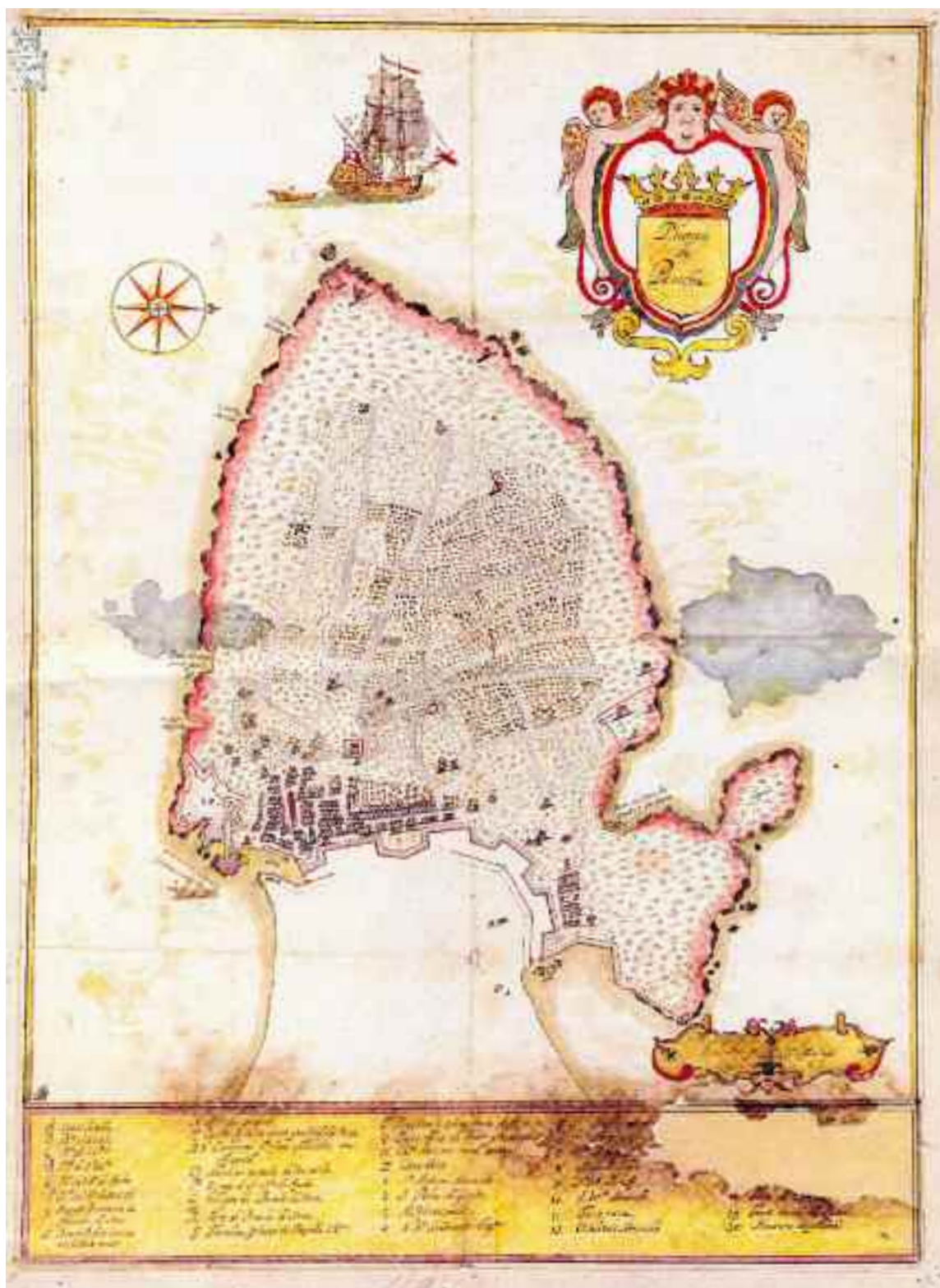
The strategic position of Peniche and its Fortress

The strategic role of Peniche in defending the coastline and the Kingdom dates from the first half of the 16th century as a result of transformations that occurred on the coastline of Estremadura at the end of the middle ages.

The sea-level drawdown and the silting-up of the São Domingos river estuary accelerated the formation of the Peniche peninsula, thereby impairing access to the port of Atouguia. As a result, Peniche became the main port and in 1609 it was elevated to the title of vila and seat of the municipality.

The defensive works implemented in 1557 prioritised fishing communities and access by land culminating in the construction of the Fortress in 1572.

After Restoration of the Independence in 1640, the military defence mechanism of Peniche was strengthened. The Fortress becomes the “main key to the Kingdom from the seaside” as well as the cluster of a defensive system built from Pederneira to Lisbon between 1642 and 1671.



Planta da Vila de Peniche
 Século XVIII
 Divisão de Infraestruturas do Exército
 Arquivo Histórico Militar

Plan of Peniche
 18th century
 Divisão de Infraestruturas do Exército
 Arquivo Histórico Militar

Peniche praça de guerra

A configuração de Peniche como praça de guerra repercutiu-se na organização do território. Um mapa de Peniche, de 1634, mostra uma maior concentração habitacional na proximidade da Fortaleza.

Com um efetivo militar extenso constituído por uma companhia de ordenanças, que daria origem ao Regimento de Infantaria de Peniche, a Fortaleza dispõe de um complexo de instalações como a residência do governador, a capela de Santa Bárbara, o aquartelamento de oficiais e soldados, cavalariças e casamatas.

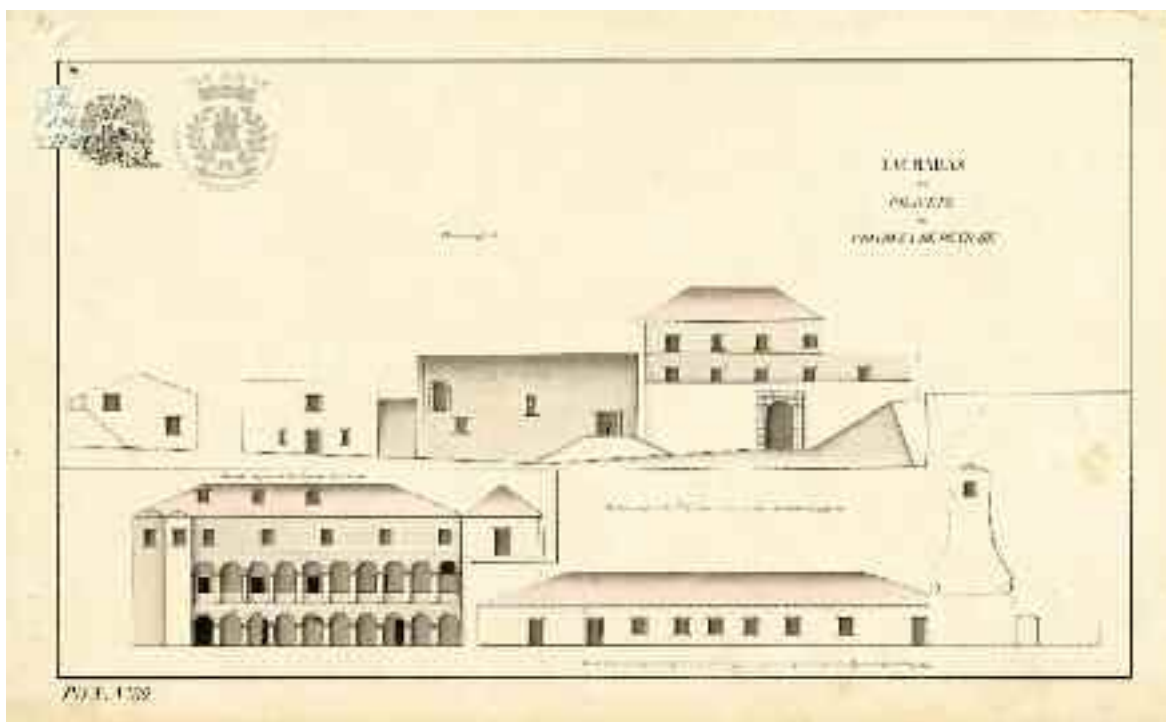
Para além da função militar, a Fortaleza socorria as populações. A sua cisterna disponibilizou água à população da vila em períodos de maior carência e, em 1786, acolheu naufragos do navio espanhol San Pedro de Alcântara, que embatera contra as rochas da Papoa na costa norte provocando a morte de 128 pessoas, incluindo a maioria dos prisioneiros incas capturados no Perú.

Peniche as a war Fortress

The layout of Peniche as a war fortress was reflected on its spatial planning. A 1634 map of Peniche showed a larger house concentration next to the Fortress.

With an extensive military force that would be at the origin of the Peniche Infantry Regiment, the Fortress includes a number of structures such as the governor's residence, the chapel of Santa Bárbara, barracks for officers and soldiers, stables and casemates.

As well as having a military function, the Fortress also rescued people. Its cistern provided water to the village in times of greater shortage. In 1786 it rescued survivors from the shipwreck of the Spanish ship San Pedro de Alcântara that struck against the rocks of Papoa on the north coast resulting in 128 casualties, including most Inca prisoners captured in Peru.



Fachadas do Palacete na Cidadela de Peniche
Séc. XIX
Divisão de Infraestruturas do Exército
Arquivo Histórico Militar

Facades of the Palace in the Peniche Citadel
19th century
Divisão de Infraestruturas do Exército
Arquivo Histórico Militar

Primeira metade do século XIX

A Fortaleza de Peniche não foi imune às convulsões político-militares que assolaram o País na primeira metade do século XIX, das invasões francesas às guerras liberais.

A Fortaleza mudou de mãos por diversas vezes e as forças dominantes em cada época convertiam as instalações em presídio para os seus adversários.

As estruturas físicas do sistema de defesa de Peniche sofreram os impactos destas vagas de confrontos. Uma explosão no paiol em 1837, ocasionou a destruição do Palácio do Governador e foram necessárias décadas para reconstruir e repor o funcionamento do dispositivo militar das fortificações da península e região.

First half of the 19th century

The Fortress of Peniche was not immune to the political and military convulsions that hit Portugal in the first half of the 19th century, such as the French invasions and the liberal wars.

The Fortress changed hands frequently and the dominant forces would at each time convert the premises into prisons for their adversaries.

The physical structure of the Peniche defensive system suffered the impacts of these confrontations. A magazine explosion in 1837 destroyed the Governor's Palace. It took a few decades to restore the operation of the fortified system in the peninsula and in the whole region.



Mapa das Linhas de Torres Vedras e sua ligação com Lisboa nos anos de 1810 e 1811
História da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal
Luz Soriano
Imprensa Nacional
Lisboa, 1874

Map of the Lines of Torres Vedras and their connection with Lisbon in the years 1810 and 1811
History of Civil War and the establishment of the parliamentary government in Portugal
Luz Soriano
Imprensa Nacional
Lisboa, 1874

Envolvimento internacional

O declínio das funções militares da Fortaleza levou à sua utilização para alojamento temporário de refugiados, militares ou civis, ou prisioneiros de guerra.

Em 1868 é instalado na Fortaleza um Depósito de Emigrados Espanhóis, constituído por militares implicados no fracassado golpe militar liberal.

Em 1894-1895, a Fortaleza acolhe um Depósito de Emigrados Brasileiros, refugiados monárquicos da Revolta da Armada, desencadeada no Rio de Janeiro contra o governo republicano.

A 2ª Guerra Anglo-Boer, opondo o exército inglês aos colonos de ascendência holandesa e alemã, trouxe a Portugal várias centenas de refugiados. O Internato Boer em Peniche acolheu entre 260 e 280 pessoas, a maioria dos quais residiu na Fortaleza, entre 1901 e 1902.

Entre 1917 e 1919, no âmbito da participação portuguesa na Grande Guerra, estiveram detidos no Depósito de Concentrados de Peniche 180 súbditos alemães e austríacos, a maioria tripulantes de navios daquelas nacionalidades apresados pelas autoridades portuguesas.

International involvement

A decline of the Fortress's military functions led to its use as a temporary reception centre for refugees, military or civil populations, or war prisoners.

In 1868 the Fortress housed a Depot of Spanish Emigrants, a military force that was involved in the failed liberal military coup.

In 1894-1895, the Fortress housed a Depot of Brazilian Emigrants, pro-monarch refugees from the Army Uprising against the republican government that took place in Rio de Janeiro.

The Second Anglo-Boer war, opposing the British army and Danish and German descent settlers, brought hundreds of refugees to Portugal. The Boer Internees Peniche accommodated between 260 and 280 people, most of which remained in the fortress between 1901 and 1902.

Between 1917 and 1919, during Portugal's involvement in the First World War, 180 German and Austrian subjects were detained in the Peniche Internment Camp, most of which were crew members of ships from those nationalities that were arrested by the Portuguese authorities.



Grupo de Bóeres na Fortaleza de Peniche, 1901-1902

Africanamuseum, Joanesburgo, África do Sul
Viva os Bóeres! Boeregeinterneerdes in Portugal
Tydens die Anglo – Boereoorlog, 1899-1902
O. J. O. Ferreira
Joanesburgo, 1994

Group of Boers at the Peniche Fortress, 1901-1902

Africanamuseum, Johannesburg, South Africa
Viva os Bóeres! Boeregeinterneerdes in Portugal
Tydens die Anglo – Boereoorlog, 1899-1902
O. J. O. Ferreira
Johannesburg, 1994

Prisão política

Na sequência do golpe militar de 28 de maio de 1926, a Fortaleza e Peniche continuaram a receber presos de natureza política e pessoas com residência controlada.

Em 1934 o regime fascista instituiu o Depósito de Presos de Peniche, sob gestão da PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado). Alojados nas antigas edificações da Fortaleza, aos prisioneiros cabia a gestão do quotidiano pessoal – limpeza das casernas, lavagem de roupa e confeção das refeições –, sempre vigiados de perto por um corpo da Guarda Nacional Republicana.

Em 1945, a tutela da prisão passou para a alçada do Ministério da Justiça, mantendo-se os meios de controlo nas mãos da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado).

Em 1953 foram iniciadas obras para um novo estabelecimento prisional, inspirado no modelo americano das prisões de alta segurança, que implicou a demolição de parte significativa dos antigos edifícios, surgindo a Cadeia do Forte de Peniche.

Political prison

Following the military coup of 28 May 1926, the Fortress and Peniche itself went on hosting political prisoners and residents under correctional control.

In 1934 the fascist regime established the Depot of Peniche Prisoners, run by the PVDE (State Surveillance and Defence Police). Prisoners were accommodated in the Fortress's old structures and were charged with daily domestic tasks such as cleaning of barracks, washing clothes and preparing meals – always under the close surveillance of the National Republican Guard.

In 1945 the prison fell under the tutelage of the Ministry of Justice, but the PIDE (State Defence International Police) maintained its control.

In 1953 works were initiated for construction of a new American inspired high security prison. A significant part of the old building structures was demolished so as to be replaced by the Peniche Fort Prison.



Vista aérea da Fortaleza de Peniche
Década de 1940
Museu Municipal de Peniche

Air view of the Fortress of Peniche
1940s
Museu Municipal de Peniche

Da Fortaleza à cidade

A presença da Fortaleza e de todo o complexo defensivo teve longo impacto na história de Peniche. Se por um lado garantia segurança, por outro, eternizava Peniche na condição de 'ilha'.

A conversão da Fortaleza numa prisão política do Fascismo acentuou essa vertente de separação e trouxe um rigoroso controlo da vida urbana. A população assistia à chegada das famílias dos presos, a cuja dor e combate não podia ficar indiferente.

Após o 25 de Abril de 1974 a população exigiu imediatamente a abertura das portas da cadeia e a libertação dos presos, sentindo-a como a sua 'própria libertação'.

No pós-Revolução a Fortaleza ainda recebeu presos do regime fascista e entre 1977-1982 acolheu os nacionais vindos das antigas colónias.

A partir de 1984 a Câmara Municipal de Peniche assumiu a gestão da Fortaleza, promovendo a reutilização de espaços para atividades associativas, formativas e culturais, aliando a preservação da memória da resistência à da luta pela liberdade.

Finalmente, a 27 de Abril de 2017, o Conselho de Ministros, reunido na Fortaleza de Peniche, confirmou a vontade de criar naquele monumento um museu de dimensão nacional dedicado à luta pela liberdade e pela democracia, atribuindo a respetiva tutela à Direcção-Geral do Património Cultural.

From Fortress to town

The presence of the Fortress and its defensive system had an extended impact on the history of Peniche. While it ensured its safety, it also perpetuated its "island" condition.

Conversion of the Fortress into a political prison of the Fascist regime emphasized this separation and resulted in a strict control of urban life. As it watched prisoners' families arrive, the local population could not be indifferent to their sorrow and combat.

After the Revolution of 25 April 1974, the population immediately demanded the opening of the prison gates and the release of its prisoners, feeling as though it was their "own freedom".

In the post-Revolution period, the Fortress still housed fascist regime prisoners and between 1977 and 1982 it sheltered Portuguese nationals returning from the former colonies.

The Peniche City Council took over management of the Fortress in 1984 and reused its spaces for association, training and cultural activities, thereby combining the preservation of the memory of resistance with fight for freedom.

Finally, on 27 April 2017, the Council of Ministers, meeting in the Fortress of Peniche, confirmed its desire to use the monument to create a museum of national significance dedicated to the struggle for freedom and democracy, and to assign it to the guardianship of the Directorate General of Cultural Heritage.



Dinis Miranda, primeiro preso político
libertado na madrugada de 27 de Abril de 1974,
saúda a população de Peniche
António Alves Seara
Museu Municipal de Peniche

Dinis Miranda, first political prisoner
released on the dawn of 27 April 1974,
greets the population in Peniche
António Alves Seara
Museu Municipal de Peniche

1527
Dados do recenseamento ordenado por D. João III: 47 vizinhos em Peniche de Cima e 44 na Ribeira (Peniche de Baixo), o que perfaz cerca de 800 moradores

1544 (15 de julho)
No seguimento de ataque realizado por corsários franceses, D. Afonso de Ataíde, Conde de Atouguia, escreve a D. João III advogando a necessidade de proceder à defesa do lugar e porto da Ribeira (Peniche-de-Baixo).

1557
Início das obras de fortificação de Peniche. D. João III ordenara a D. Luís de Ataíde a construção de um baluarte, com sua torre, no sítio do Alto da Vela.

1558
Conclusão da construção do Baluarte Redondo, atribuído a Diogo Teles revelando influência dos fortes do sul de Inglaterra, designadamente do Fort Pendennis (1540-1543), aplicando os princípios teorizados por Albrecht Dürer no seu tratado de 1527.

1572
Início dos trabalhos da fortaleza sob a responsabilidade do mestre-de-obras Gonçalo de Torralva. Interrupção das obras em 1578, por via da partida para a Índia, de Luís da Ataíde, nomeado Vice-rei.

1589 (26 de maio)
Desembarque da armada luso-britânica, constituído por cerca de 155 navios e 6 500 homens, com o objectivo de colocar no trono de Portugal D. António Prior do Crato. Depois de tomar a Fortaleza, esta força militar seguiria para Lisboa.

1589
Filipe II envia Filippo Terzi a Peniche para consolidar o Fortim e as muralhas e estudar hipóteses de melhoramentos.

1605
D. Filipe III ao vice-rei D. Pedro de Castilho que “ordeneis que Leonardo Turriano meu engenheiro que va ver ocularmente o forte e sitio em que esta Peniche e se sera do defeito que se pretende vendo-se primeiro as obras que se fasem cõ o dinheiro das terças e que o dito Leonardo Turriano faça traça e voto de que me enviareis”.

1609
O Engenheiro militar Luís Gabriel é incumbido pelo rei de orientar as obras de abastecimento de água, estudar o traçado de uma ponte para facilitar o acesso à povoação e comandar as obras da Fortaleza.

1609 (12 de novembro)
Filipe III eleva Peniche a vila e sede de concelho.

1640 (1 de dezembro)
Restauração da Independência.

1641
João IV ordena o reconhecimento do sítio de Peniche: “... tenho ordenado que o Padre Simão Falónio da Companhia de Jesus e o Sargento Mor Belchior Lopes de Carvalho vão reconhecer o sitio de Peniche para se fortificar”.

1642 (31 de maio)
O Conselho de Guerra, instituído por D. João IV, referindo-se ao atraso nos trabalhos de fortificação de Peniche refere ser esta “praça de tão grande importância e a principal chave do Reyno pela parte do mar”.

1527
Census data from the census commissioned by D. João III: 47 households in Peniche de Cima and 44 in Ribeira (Peniche de Baixo)- a total of about 800 residents

1544 (15 July)
Following the attack by French corsairs, D. Afonso de Ataíde, the Count of Atouguia, wrote to D. João III advocating the need to defend the site and the port of Ribeira (Peniche-de-Baixo).

1557
Beginning of the Peniche fortification works. D. João III ordered D. Luís de Ataíde to build a bastion with a tower on the site of Alto da Vela.

1558
Completion of construction of the Round Bastion, attributed to Diogo Teles and revealing the influence of the strongholds of southern England, particularly Pendennis Castle (1540-1543), applying theoretical principles of Albrecht Dürer’s treatise of 1527.

1572
Start of the fortress works under the command of the master of works Gonçalo de Torralva. Interruption of the works in 1578 due to the departure for India of Luís da Ataíde, appointed Viceroy.

1589 (26 May)
Landing of the Luso-British naval force, consisting of about 155 ships and 6 500 men, with the aim of placing D. António Prior do Crato on the Portuguese throne. After taking the Fortress, this military force would go to Lisbon.

1589
Filipe II sent Filippo Terzi to Peniche to consolidate the Round Fort and the walls and to study improvement options.

1605
D. Filipe III to the viceroy D. Pedro de Castilho “order Leonardo Turriano my engineer who is going to see the fort and area of this Peniche and view the alleged defects for himself and first see the works carried out with the money of the Infantrymen and of which said Leonardo Turriano will make drawings and give an opinion that you will send to me”.

1609
The military engineer Luis Gabriel was commissioned by the king to oversee the water supply works, study the drawing of a bridge to facilitate access to the town and manage the works of the Fortress.

1609 (12 November)
Filipe III elevated Peniche to the status of village and county seat.

1640 (1 December)
Restoration of independence.

1641
João IV ordered the recognition of the Peniche site: “... I have ordered Father Simão Falónio of the Society of Jesus and Sergeant Mor Belchior Lopes de Carvalho to recognize the Peniche site for fortification”.

1642 (31 May)
The Council of War, established by D. João IV, referring to the delay in the Peniche fortification works, mentions this “place of such great importance and the main gateway to the Kingdom from the sea”.

1642
Conselho de Guerra envia o engenheiro-mor Charles Lassart a Peniche para verificar as obras e averiguar a necessidade de alterar o projeto. Lassart traça uma nova planta “nas mais partes da ilha não há sitio que se possa artesoar como se mostra na planta que o Engenheiro mor franses tirou”.

1645
Conclusão das obras como certifica a inscrição na porta da Fortaleza.

1652
Deslocação de D. João IV a Peniche para inspeção das obras.

1657 (7 de Agosto)
D. António Luís de Meneses, Charles Lassart e Simão Mateus deslocam-se a Peniche para efetuarem um desenho mais conveniente da frente abaluartada; acordaram “que se devia fortificar a villa de mar a mar com dous baluartes e dous meynos”. A planta da autoria de Simão Mateus foi aprovada por Carlos Lassart, mas as características geomorfológicas obrigaram ao recuo da muralha para norte.

1659
Início das obras da frente abaluartada.

1671
Conclusão dos trabalhos de construção do pano amuralhado da praça militar, segundo inscrição patente no Baluarte Redondo e que originalmente estaria exposta no Forte das Cabanas.

1698
É criado o Terço de Peniche que, em 1707, passa a ser designado de Regimento de Infantaria de Peniche.

1759 (janeiro)
No âmbito do processo dos Távoras, movido pelo Marquês de Pombal, as propriedades dos Ataídes (familiares dos Távoras) são confiscadas e picadas as suas armas, existentes no Baluarte Redondo e na Porta de Armas da cidadela.

1773
Obras de remodelação da capela de Santa Bárbara.

1793 (abril)
O Regimento de Infantaria de Peniche participa entre 1793 e 1795, na chamada Guerra do Rossilhão, entre Espanha e França, recebendo o privilégio de inscrever na sua bandeira a divisa “Ao valor do Regimento de Infantaria de Peniche”.

1807 (8 de dezembro)
Ocupa a praça militar de Peniche um contingente militar franco-espanhol, sob o comando do general Thomières, que ficará instalado na Fortaleza.

1809
A Praça de Peniche é recuperada pelos ingleses e portugueses, comandados pelo general Richard Blunt.

1824
Transferência para a Fortaleza de Peniche de uma centena de liberais, de entre os quais se contavam o general Bernardo Correia de Castro e Sepúlveda e o Marquês de Fronteira, vindos das cadeias do Castelo e do Limoeiro, em Lisboa.

1833 (25 de julho)
A guarnição da Fortaleza abandona a praça militar, depois de tomar conhecimento da derrota das tropas miguelistas. Nesse mesmo dia, as tropas liberais, comandadas pelo barão de Sá da Bandeira, ocupam a Fortaleza.

1642
The Council of War sent master engineer Charles Lassart to Peniche to inspect the works and ascertain the need to modify the project. Lassart produced a new drawing – “in most parts of the island there is nowhere that can be used for construction as shown in the drawing produced by the French master-Engineer.”

1645
Completion of the works as certified by the inscription on the door of the Fortress.

1652
King João IV travelled to Peniche to inspect the works.

1657 (7 August)
D. António Luís de Meneses, Charles Lassart and Simão Mateus travelled to Peniche to produce a better drawing of the bulwarked front; they agreed “that the town should be fortified from sea to sea with two ramparts and two centres”. The drawing of Simão Mateus was approved by Carlos Lassart, but the geomorphological characteristics forced the wall backwards towards the north.

1659
Beginning of the works of the front bulwark.

1671
Completion of construction of the walled section of the military square, based on the inscription in the Round Fort that was originally exhibited in the Forte das Cabanas.

1698
The Peniche Legion was created and, in 1707, was designated the Peniche Infantry Regiment.

1759 (January)
As part of the Távoras case, instigated by the Marquis of Pombal, the properties of the Ataídes (relatives of the Távoras) were confiscated and their coat of arms removed – these are now in the Round Fort and the Entrance Gate of the citadel.

1773
Remodelling of the chapel of Santa Bárbara.

1793 (April)
Between 1793 and 1795, the Peniche Infantry Regiment was involved in the so-called War of the Roussillon, between Spain and France, receiving the privilege of inscribing the motto “To the courage of the Peniche Infantry Regiment” on its flag.

1807 (8 December)
The Peniche military square was occupied by a Franco-Spanish military contingent, under the command of General Thomières, who established himself in the Fortress.

1809
The Peniche military square was recaptured by the English and Portuguese, commanded by General Richard Blunt.

1824
Transfer to the Fortress of Peniche of a hundred Liberals, including General Bernardo Correia de Castro and Sepúlveda and the Marquis of Fronteira, from the Castelo and Limoeiro jails in Lisbon.

1833 (25 July)
The Fortress garrison left the military square, after learning of the defeat of the Miguelista troops. On the same day, the liberal troops, commanded by Baron de Sá da Bandeira, occupied the Fortress.

1837 (19 de outubro)
Explosão num dos paioís da Fortaleza, seguida de incêndio, que destruiu o Palácio do Governador da Praça, de traça seiscentista.

1868
Instalação na Fortaleza do Depósito de Emigrados Espanhóis, constituído por militares que haviam participado no fracassado golpe liberal de 2 de janeiro de 1866, liderado pelo general Joan Prim y Prats.

1894 (2 de junho)
Instalação na Fortaleza do Depósito de Emigrados Brasileiros na Fortaleza (grupo de 148 refugiados políticos brasileiros, que participaram na Revolta da Armada de 1893 contra o governo republicano de Floriano Peixoto.

1901
Chegam a Peniche 368 refugiados boers, provenientes da África do Sul, alojados na Fortaleza e noutros locais da vila, até 18 de julho de 1902.

1908
Visita realizada âmbito da obra social do jornal republicano O Século, com o objetivo de avaliar a possibilidade de instalação de um sanatório para doentes tuberculosos na Fortaleza.

1917
Instalação na Fortaleza um Depósito de Concentrados de nacionalidade alemã e austro-húngara. Estes prisioneiros serão libertados apenas em outubro de 1919, após a assinatura do Tratado de Versailles.

1934
Instalação na Fortaleza do Depósito de Presos de Peniche, destinado a opositores ao regime ditatorial do Estado Novo.

1953
Início das obras de edificação na Fortaleza de um novo estabelecimento prisional, formado por de blocos prisionais segundo o modelo americano. Nasce a chamada Cadeia do Forte de Peniche.

1960 (3 de janeiro)
Dá-se a mais relevante das diversas fugas registadas da prisão política. Evade-se da ala de alta segurança do Bloco C um conjunto de membros do Partido Comunista Português, no qual se destaca Álvaro Cunhal, líder histórico deste partido.

1974 (27 de abril)
Libertação dos presos políticos após o triunfo da Revolução dos Cravos

1976
Até fevereiro de 1976, às ordens do Movimento das Forças Armadas, permanecem nas instalações prisionais da Fortaleza antigos agentes da política.

1977 (21 de setembro)
Instalação da na Fortaleza de um Centro de Acolhimento de Refugiados, dirigido pela Cruz Vermelha Portuguesa, recebendo mais de meio milhão de retornados das antigas colónias. Este centro encerra em 31 de dezembro de 1982.

1984
A Câmara Municipal de Peniche instala na Fortaleza várias valências de natureza cultural e lúdica, com destaque para o Museu de Peniche (atual Museu Municipal de Peniche), com um núcleo dedicado à Resistência.

2017 (27 de abril)
O Governo de Portugal, reunido em Conselho de Ministros na Fortaleza de Peniche, determina a criação neste local do Museu Nacional Resistência e Liberdade.

1837 (19 October)
Explosion in one of the fortress armouries, followed by fire, which destroyed the Governor's Palace, of 17th century design.

1868
Installation of the Spanish Emigrants Depot in the Fortress, consisting of troops that had participated in the failed liberal coup of 2 of January of 1866, led by general Joan Prim i Prats.

1894 (2 June)
Installation of the Brazilian Emigrants Depot in the Fortress (a group of 148 Brazilian political refugees, who participated in the 1893 Naval Revolt against the republican government of Floriano Peixoto.

1901
368 Boer refugees arrived in Peniche from South Africa and were accommodated in the Fortress and elsewhere in the village, until 18 July, 1902.

1908
Visit carried out as part of the social work of the republican newspaper O Século, with the aim of evaluating the possibility of establishing a sanatorium for tuberculosis patients in the Fortress.

1917
Installation of a Internment Camp of German and Austro-Hungarian nationals in the Fortress. These prisoners were only released in October 1919, following the signing of the Treaty of Versailles.

1934
Installation of the Peniche Prisoners Depot in the Fortress, intended for opponents of the Estado Novo dictatorship.

1953
Start of the building works for a new prison in the Fortress, formed by prison blocks based on the American model. The so-called Fort of Peniche Jail was created.

1960 (3 January)
It was the site of the most important of the several recorded escapes from political prison. A group of Portuguese Communist Party members, including Alvaro Cunhal, the party's historic leader, escaped from the high security wing of Block C.

1974 (27 April)
Release of political prisoners after the triumph of the Carnation Revolution

1976
Until February 1976, at the orders of the Movement of the Armed Forces, former political agents remained in the Fortress prison facilities.

1977 (21 September)
Installation of a Refugee Reception Centre in the Fortress, run by the Portuguese Red Cross, receiving more than five hundred returnees from the former colonies. The centre closed on 31 December, 1982.

1984
Peniche Municipal Council established several cultural and recreational facilities in the Fortress, in particular the Peniche Museum (the present day Municipal Museum of Peniche), with a section dedicated to the Resistance.

2017 (27 April)
The Government of Portugal, meeting in Council of Ministers in the Fortress of Peniche, decided to create the National Museum of Resistance and Freedom in this place.

PROJETO DE ARQUITETURA DO MUSEU

ARCHITECTURAL DESIGN OF THE MUSEUM

A ideia de museu materializa-se na sobreposição de três tempos: o tempo da fortaleza, o tempo da prisão política e o tempo atual, do museu, com o reconhecimento da importância da salvaguarda e conservação do conjunto no seu todo. Conservar, adaptar e construir de novo são ações complementares, parte de um mesmo processo, que estão na gênese do projeto museológico.

O projeto de arquitetura assenta na preservação e valorização dos espaços e edifícios existentes, tendo em conta a sua importância como testemunho e memória. O antigo estabelecimento prisional organizava-se em núcleos separados e independentes, cada um constituído por bloco de celas e pátio. A adaptação do conjunto a museu prevê a reorganização e sobreposição de percursos de diferentes naturezas, que permitem relacionar os edifícios e os pátios do núcleo central e as plataformas circundantes. Entre estes, destaca-se o próprio percurso museológico através dos edifícios e pátios da antiga prisão política e o percurso de visita aos elementos da fortaleza do século XVI, como matriz de arquitetura militar do conjunto.

O pátio da cisterna, que também foi o pátio principal da prisão, é o elemento estruturante do projeto. Pretende-se que seja um espaço vivido e frequentado por habitantes locais e visitantes, com acesso livre através do hall da receção e servido pela cafetaria. Com entrada através da antiga porta do palácio do governador, o hall da receção é um espaço aberto para o pátio, com balcões, bengaleiro, zonas de estar, acesso às casamatas e ligação à cafetaria e à loja do museu. Organizado em torno do pátio da cisterna, o museu tem início e conclusão no hall da receção, atravessa os quatro blocos e os quatro pátios do núcleo central da prisão política e estrutura-se em diferentes núcleos. Cada núcleo tem características próprias, relacionadas com o caráter dos espaços existentes. Os ambientes do percurso museológico variam

The museum idea is embodied in three overlapping periods: the fortress period, the era of political imprisonment and the present day period of the museum, with recognition of the importance of safeguarding and preserving the whole complex. Conserving, adapting and rebuilding are complementary actions, part of the same process, which are at the core of the museological project.

The architecture project is based on the preservation and appreciation of existing spaces and buildings, taking account of their importance as a testimony and memory. The old prison was organized into separate, independent blocks, each consisting of a block of cells and a yard. The adaptation of the complex to a museum provides for the reorganization and overlapping of different types of routes, which are used to relate the buildings and yards of the central block and surrounding platforms. These include the museum's own route through the buildings and courtyards of the former political prison and the visit to the 16th century fortress elements, as the essence of the military architecture of the complex.

The cistern yard, which was also the main prison yard, is the focal element of the design. It is intended to provide a space lived in and visited by locals and tourists, with free access through the reception hall and served by the cafeteria. With the entrance through the old gate of the governor's palace, the reception hall is an open space to the main yard, with counters, cloakroom, seating areas, access to gun emplacements and connection to the cafeteria and museum shop. Organized around the cistern yard, the museum begins and ends in the reception hall, moving through the four blocks and four yards of the political prison's central block and is structured in different blocks. Each block has its own characteristics, related to the character of the existing spaces. The museological route shows a range of environments

entre o núcleo de celas de alta segurança, brancas, frias e despidas, e os restantes núcleos, dedicados em grande parte ao tema da resistência ao regime fascista. Estes são caracterizados por uma luz reduzida e justa, com som e silêncio controlados e materiais que procuram o máximo conforto. Outros espaços podem ser adicionados ao percurso museológico principal, nomeadamente as casamatas e os próprios pátios.

No exterior pretende-se clarificar a condição do lugar, como ilha, marcada pelo isolamento em relação ao território e à cidade. Neste sentido, é recuperado o fosso junto ao revelim de entrada, hoje ajardinado, devolvendo a presença da rocha em toda a sua extensão e intensificando o percurso de aproximação ao conjunto, sobre a ponte.

the cells of the high security block, white, cold and bare, and the remaining blocks, dedicated mainly to the theme of resistance to the fascist regime. These are characterized by gentle, precise light, with controlled sound and silence and materials that seek maximum comfort. Other spaces can be added to the main museological route, namely the gun emplacements and yards themselves.

The outside areas are used to showcase the condition of the site as an island, marked by isolation in relation to the area and the city. In this sense, the moat is recovered at the entrance, now landscaped, returning the presence of rock throughout its length and intensifying the approach route to the complex, over the bridge.



“Nomeai um a um todos os nomes.
Lutaram e resistiram.
A liberdade guarda a sua memória
nas muralhas desta fortaleza”

António Borges Coelho

“Say all the names one by one.
They fought and resisted.
Liberty holds their memory in the walls
of this fortress”

António Borges Coelho

Abatino Luz Rocha
Abel Albino Garcia
Abel Augusto Abreu
Abel Augusto Neves
Abel Carlos Miguel
Abel Ferreira Cacho
Abel Santos Ferreira
Abel São Mamede
Abel Soares Silva
Abílio Encarnação Pereira
Abílio Guimarães
Abílio José Oliveira
Abílio Luís
Abílio Silva
Abílio Silva*
Abílio Sousa Marques
Abílio Venâncio Lebre
Abundância José
Acácio Barata Lima
Acácio José Costa
Acrísio Guilherme Silva
Adelino Aleixo Carmo
Adelino António Chaves
Adelino Arlindo Nogueira
Adelino Borges
Adelino Castro
Adelino Domingos
Adelino Francisco
Adelino Henriques Ribeiro
Adelino José
Adelino José Rebelo
Adelino Marques Andrade
Adelino Mendes
Adelino Pais
Adelino Pereira Silva
Adelino Raposo
Adelino Santos
Adelino Silva
Adelino Teixeira Pires
Adérito Nunes
Adolfo António Oliveira
Adolfo Assis Ramos
Adolfo Barros Lobo
Adolfo Carmo
Adolfo Dinis Ayála
Adolfo Garcia Lago
Adolfo Joaquim Sousa
Adolfo Madeira
Adolfo Mendes
Adolfo Teixeira Pais
Adriano Alves Correia
Adriano Augusto Barroso
Adriano Correia Silva
Adriano Fernandes
Adriano Lourenço Anunciação
Adriano Maria Confeiteiro
Adriano Melo
Adriano Mendes
Adriano Rosário Pereira
Afonso Assunção Rodrigues
Afonso Costa Faro
Afonso Cunha Melo
Afonso Esteves Medeiros
Afonso Joaquim Monteiro
Afonso Pena Xabregas
Afonso Pereira
Afonso Silva Gregório
Afonso Sousa Cardoso
Agenor Pinto
Agnelo Luís Vieira
Agostinho Araújo
Agostinho Araújo*
Agostinho Conceição Saboga
Agostinho Duarte Mesquinha
Agostinho Fernandes Andrade
Agostinho Fernandes Palma
Agostinho Lopes
Agostinho Lopes Mendes
Agostinho Lucas
Agostinho Moreira Rafael
Agostinho Pereira Silva

Agostinho Prazeres Trindade
Albano Costa
Albano Costa Pádua
Albano Pereira
Albano Rodrigues Cunha
Albertino Dias Teixeira
Albertino Ferreira Oliveira
Albertino Silva
Alberto Almeida Garcia
Alberto Augusto Barreira
Alberto Carvalho
Alberto Emídio Midões
Alberto Emílio Araújo
Alberto Fernandes Pires
Alberto Fernandes Silva
Alberto Gomes
Alberto Gomes Maia
Alberto Jesus Salsinha
Alberto José Tavares
Alberto Júlio Guimarães
Alberto Matos Beja
Alberto Moniz Silva
Alberto Monteiro Santos
Alberto Moreira
Alberto Nunes Maurício
Alberto Oliveira Vilaça
Alberto Pereira Oliveira
Alberto Pinto
Alberto Roque Pinto
Alberto Santana Vale
Alberto Santos Saraiva
Alberto Silva Proença
Alberto Silva Sequeira
Alberto Vieira Ramos
Albino Antunes Barreira
Albino Bairinhas
Albino Coelho Júnior
Albino Domingos Jubileu
Albino Luiz
Albino Oliveira Carvalho
Albino Pedrosa Duarte
Albino Quaresma Francisco
Albino Serrano Silva
Albino Silva
Alcino Rebocho Gil
Alcino Sousa Ferreira
Alexandre Alhinho Oliveira
Alexandre Botas
Alexandre Ferreira
Alexandre Geraldês
Alexandre Hipólito Santos
Alexandre Martins Correia
Alexandre Silva
Alexandrino Rodrigues Fernandes
Alfonso Peñasco Barba
Alfredo António Pereira
Alfredo Assunção Diniz
Alfredo Caldeira
Alfredo Coelho Gato
Alfredo Costa Pereira
Alfredo Ferreira Vaz
Alfredo Filipe Oliveira
Alfredo Garcia
Alfredo Gomes Anjos
Alfredo Guaparrão Santos
Alfredo Joaquim
Alfredo José Reis
Alfredo Lopes Santos
Alfredo Maria Reguengo
Alfredo Marques Henriques
Alfredo Norberto Pinto
Alfredo Raposo
Alfredo Rosa Allinho
Alfredo Santos
Alfredo Silva Santos
Alfredo Sousa
Álpio Santos Rocha
Álvaro Almeida Pinheiro
Álvaro André
Álvaro Aníbal Inez
Álvaro Costa Ramos

Álvaro Cunhal
Álvaro Duque Fonseca
Álvaro Gonçalves
Álvaro Henriques Costa
Álvaro Marques Saraiva
Álvaro Martins Ferrão
Álvaro Morais
Álvaro Neves Cruz
Álvaro Oliveira Quintas
Álvaro Pena
Álvaro Reis Cláudio
Álvaro Ribeiro Monteiro
Álvaro Santos
Álvaro Santos Varandas
Álvaro Silveira Silva
Álvaro Vargas Silva
Álvaro Veiga Oliveira
Álvaro Viana Lemos
Amadeu Gonçalves Ferrão
Amadeu Jesus
Amadeu Primo Rocha
Amadeu Santos Meias
Amadeu Santos Silva
Amândio Nunes Alberto
Amândio Silva
Amândio Valentim Nóbrega
Amando Martins Carvalho
Amaral Reis Pedreiras
Amaro Abreu
Amaro Coelho Nunes
Américo Batista
Américo Carreira Jorge
Américo Diogo Alves
Américo Ferreira
Américo Ferreira*
Américo Gonçalves Castro
Américo Gonçalves Fialho
Américo Gonçalves Sousa
Américo Gonçalves Sousa*
Américo Marques
Américo Marques*
Américo Marques Santos
Américo Martins Vicente
Américo Paulo
Américo Rodrigues Gaivoto
Américo Santa Iria
Américo Sousa Ferreira
Américo Sousa Rosa
Amílcar José Nunes
Anacleto José Rebimba
Anastácio Gonçalves Ramos
Ângelo Couto
Ângelo Luz Teixeira
Ângelo Matos Veloso
Ângelo Mota
Ângelo Pais Cadoiço
Ângelo Ramos Nabais
Ângelo Sousa
Ângelo Teixeira
Aníbal Alexandre Marques
Aníbal Carneiro Franco
Aníbal Lopes Cabral
Aníbal Louro Bexiga
Aníbal Nogueira Costa
Aníbal Quiroga Pires
Anselmo António Gomes
Antenor Costa Cruz
Antero Alves Moreira
Antonino Francisco
António Agueras Cardenas
António Aires Pinho
António Albino
António Alegria Novo
António Alexandre
António Alfredo Nogueira
António Alfredo Vicente
António Almeida Cabaço
António Almeida Mota
António Alves
António Alves Afonso
António Alves Correia

António Anacleto Nunes
António Antunes Canais
António Antunes Júnior
António Araújo
António Araújo Pereira
António Augusto
António Augusto*
António Augusto Diniz
António Augusto Granada
António Augusto Quaresma
António Augusto Russo
António Augusto Soares
António Baltazar Condeço
António Bandeira Noronha
António Barata
António Barbosa Almeida
António Batista Almeida
António Borges Coelho
António Branco
António Cabo Matos
António Cabrita Guerreiro
António Caeiro
António Calazans Duarte
António Camilo
António Cândido Correia
António Caniço
António Carlos Castanheira
António Carmo Carrasco
António Carola
António Carrapiço
António Casimiro Pereira
António Colaço
António Cordeiro Salgado
António Correia
António Correia
António Correia*
António Correia Lopes
António Correia Silva
António Costa
António Costa Carrilho
António Cruz Cristina
António Curvacho Centeio
António Dias Lourenço
António Diniz Cabaço
António Domingos Araújo
António Domingos Jubileu
António Duarte
António Duarte Eliseu
António Esteves Marques
António Estrela
António Fernandes
António Fernandes Batista
António Fernandes Costa
António Fernandes Rosário
António Ferreira
António Ferreira
António Ferreira
António Ferreira*
António Ferreira Lima
António Ferreira Neto
António Figueiredo
António Firmino
António Francisco
António Francisco Calado
António Francisco Lança
António Francisco Santos
António Ganhão
António Garcia Lorenzo
António Garcia Neto
António Gaspar Ramos
António Gomes
António Gomes*
António Gomes Neves
António Gomes Rego
António Gomes Silva
António Gomes Toledo
António Gonçalves Maurício
António Gonçalves Pereira
António Gonçalves Rita
António Gonçalves Saleiro
António Graça Correia

Antônio Graça Piloto
Antônio Grilo
Antônio Guerra
Antônio Horta Peralta
Antônio Inácio
Antônio Inácio Branco
Antônio Inácio Caeiro
Antônio Inácio Martins
Antônio Iria Revez
Antônio Jacinto Constantino
Antônio Jesus Ferreira
Antônio Jesus Paulo
Antônio João
Antônio João Estriga
Antônio João Silva
Antônio João Silva*
Antônio Joaquim
Antônio Joaquim*
Antônio Joaquim Alves
Antônio Joaquim Correia
Antônio Joaquim Esteves
Antônio Joaquim Figueira
Antônio Joaquim Gervásio
Antônio Joaquim Guimarães
Antônio Joaquim Júnior
Antônio Joaquim Miranda
Antônio Joaquim Reis
Antônio Joaquim Santos
Antônio Jordão Bom
Antônio Jorge Gaspar
Antônio Jorge Marques
Antônio José Almeida
Antônio José Anselmo
Antônio José Gomes
Antônio José Gonçalves
Antônio José Paixão
Antônio José Santos
Antônio José Setúbal
Antônio José Vilar
Antônio Júlio Garcia
Antônio Lenine Salgueiro
Antônio Lobão Vital
Antônio Lopes
Antônio Lopes Ribeiro
Antônio Lopes Sousa
Antônio Lopes Vale
Antônio Loureiro
Antônio Lourenço
Antônio Luís Alves
Antônio Luiz Cego
Antônio Luiz Oliveira
Antônio Luiz Pinheiro
Antônio Luiz Saldanha
Antônio Macedo Lima
Antônio Malaquias Abalada
Antônio Mano Fernandes
Antônio Manoel Teixeira
Antônio Manuel Bugio
Antônio Manuel Cesário
Antônio Manuel Malhão
Antônio Maria Silva
Antônio Mariano
Antônio Mário Pimentel
Antônio Marmelo Silva
Antônio Marques
Antônio Marques*
Antônio Marques Figueiredo
Antônio Marques Monteiro
Antônio Marques Proença
Antônio Marques Serra
Antônio Marreiros
Antônio Martins Chapa
Antônio Martins Maia
Antônio Martins Maria
Antônio Matos Cordeiro
Antônio Matos Seródio
Antônio Mendes
Antônio Mendes*
Antônio Mendes Ferreira
Antônio Mendes Veiga
Antônio Messias Júnior

Antônio Metelo Perez
Antônio Miguel Machado
Antônio Miguel Simão
Antônio Moita Lino
Antônio Monteiro
Antônio Monteiro*
Antônio Monteiro Ferro
Antônio Moreira Azevedo
Antônio Moreira Serranho
Antônio Moutinho Couceiro
Antonio Narciso
Antônio Neto Paiva
Antônio Neves Guia
Antônio Nogueira Costa
Antônio Norberto Cunha
Antônio Nunes
Antônio Nunes Costa
Antônio Nunes Guerreiro
Antônio Oliveira Jesus
Antônio Palma
Antônio Palma*
Antônio Parreira Canas
Antônio Pedro Cabeleira
Antônio Pedro Esteves
Antônio Pedro Lebre
Antônio Pedroso Santos
Antônio Peixoto Marques
Antônio Pena Peralta
Antônio Pereira
Antônio Pereira Couto
Antônio Pereira Lopes
Antônio Piedade
Antônio Piedade Cipriano
Antônio Pinto
Antônio Pinto Ferreira
Antônio Pires Lopes
Antônio Pombo Miguel
Antônio Ramiro Carvalho
Antônio Ramos Almeida
Antônio Reis Madeira
Antônio Reis Quintas
Antônio Reizinho Falcão
Antônio Ribeiro Lima
Antônio Ribeiro Salgueiro
Antônio Rio Tinto
Antônio Rocha Araújo
Antônio Rodrigues
Antônio Rodrigues Canelas
Antônio Rodrigues Gonçalves
Antônio Rodrigues Marcela
Antônio Rodrigues Moreira
Antônio Rodrigues Silva
Antônio Rodriguez Roca
Antônio Roman Rosalez
Antônio Rosário Carrascosinha
Antônio Samudio
Antônio Santo
Antônio Santos Cunha
Antônio Santos Fernandes
Antônio Santos Graça
Antônio Santos Júnior
Antônio Santos Pereira
Antônio Secundino Dias
Antônio Serafim Andrade
Antônio Sérgio Quintela
Antônio Silva
Antônio Silva*
Antônio Silva Alves
Antônio Silva Amorim
Antônio Silva Frazão
Antônio Silvestre Quintas
Antônio Simões Cunha
Antônio Simões Salvador
Antônio Soares Reis
Antônio Soares Vilela
Antônio Sousa Almeida
Antônio Sousa Baridó
Antônio Sousa Júnior
Antônio Tavares Coutinho
Antônio Teixeira
Antônio Teixeira Santos

Antônio Teixeiras
Antônio Teodoro
Antônio Teodoro Salvador
Antônio Tomaz Sobrinho
Antônio Valentim Raposo
Antônio Vargas
Antônio Vasco Cabral
Antônio Veloso Pires
Antônio Ventura
Antônio Vicente Campinas
Antônio Vicente Carvalho
Antônio Vicente Santos
Antônio Vieira
Antônio Vieira*
Antônio Viseu
Antônio Xavier Veiga
Apolinário Nunes Costa
Apolinário Nunes Proença
Arcelino Batista
Argentino Marques Silva
Ari Oliveira Braga
Ariosto Mesquita
Arlindo Carvalho Silva
Arlindo Gonçalves
Armando Alves
Armando Alves Silva
Armando Antônio Lino
Armando Arez Silva
Armando Borges Ávila
Armando Cunha Santos
Armando Dias
Armando Domingues Norte
Armando Dorez Ferreira
Armando Ferreira
Armando Ferreira Abreu
Armando Jesus Costa
Armando Magalhães Vieira
Armando Martins Carvalho
Armando Martins Coelho
Armando Ramos
Armando Reis
Armando Rodrigues Annes
Armando Santos Calet
Armando Silva
Armando Soares
Arménio Abreu Silva
Arménio Louro
Arménio Marques Gil
Armindo Alves
Armindo Fausto Figueirêdo
Armindo Peixoto
Armindo Santos
Armindo Vicente Silva
Arnaldo Antônio Marques
Arnaldo Araújo
Arnaldo Barata Costa
Arnaldo Correia
Arnaldo Costa
Arnaldo Marques Mateus
Arnaldo Pereira Cardoso
Arnaldo Rodrigues Carriço
Arnaldo Santos Aboim
Arnaldo Silva Marques
Arnato David Braz
Arthur Wattel
Artílio Batista
Artur Alexandre
Artur Alfredo Dias
Artur Augusto Saldanha
Artur Borges
Artur Cavaco Garcia
Artur Faria Borda
Artur Ferreira Sousa
Artur Gomes Santos
Artur Gonçalves Lagartinho
Artur Inácio Bastos
Artur João Simões
Artur Marques
Artur Paleté Armingol
Artur Pereira Neves
Artur Ribeiro Santos

Artur Rodrigues Paquete
Artur Santos
Artur Serra
Artur Silva
Artur Silva*
Artur Trindade
Artur Ventura Gouveia
Atílio Ribeiro Dionísio
Augusto Adelino Azevedo
Augusto Alberto Lindolfo
Augusto Albuquerque Nascimento
Augusto Aragão Santos
Augusto Assunção Costa
Augusto Cardoso Lemos
Augusto Carmo Gaiola
Augusto Conceição Correia
Augusto Conceição Sabino
Augusto Costa Lima
Augusto Costa Valdez
Augusto Domingues
Augusto Fernandes Branco
Augusto Ferreira Domingues
Augusto Ferreira Durand
Augusto Geraldes Soares
Augusto Gomes Jardim
Augusto Gregório Monato
Augusto José Pinheiro
Augusto Lima Félix
Augusto Lucas
Augusto Luiz Figueira
Augusto Martins
Augusto Matos Henriques
Augusto Oliveira
Augusto Pereira Freitas
Augusto Pereira Sousa
Augusto Santos Neves
Augusto Serra
Augusto Silva Ribeiro
Augusto Simões
Augusto Sousa Dias
Augusto Teixeira Barbosa
Augusto Valadas Molarinho
Auli Francisco Nascimento
Aureliano José Santos
Aurélio Assunção
Aurélio Conceição César
Aurélio Malheiro Mercês
Aurélio Monteiro
Aurélio Pereira Barbosa
Avelino Augusto Barbosa
Avelino Augusto Vieira
Avelino Manuel Castro
Bakonine Oliveira
Baltazar Francisco Efigénio
Barnabé Júlio Fernandes
Basílio Lopes Pereira
Batista Augusto Rosa
Benito Moreno Carrion
Benjamim Alves Rodrigues
Benjamim Inácio Garcia
Benjamim Pereira
Benjamim Santos
Bento Carlos Oliveira
Bento Espírito Santo
Bento Machado Guimarães
Bento Pereira Leonardo
Bernardino Augusto Xavier
Bernardino Barros
Bernardino Ferreira
Bernardino Madeira
Bernardino Marcelino
Bernardino Peixoto
Bernardino Teixeira
Bernardo Casaleiro Pratas
Bernardo Cordeiro Nogueira
Bernardo Gutierrez Herrera
Binadade Manuel Velez
Bráulio Monteiro Tôrres
Caetano Manuel Velez
Caetano Santos Reis
Caetano Vieira Nunes

Calvino Marques Esteves	Constantino Augusto Esteves	Eduardo Diniz	Fernando Manuel Casquinha
Camilo Martins Costa	Constantino Garriadas	Eduardo Ferreira Duarte	Fernando Martinho Piloto
Camilo Santos Costa	Constantino Gonçalves Fernandes	Eduardo Freire Gameiro	Fernando Mata
Cândido Augusto Castro	Constantino Nunes Mota	Eduardo Hipólito Santos	Fernando Mata Ribeiro
Cândido Conceição Pimenta	Crispim Santos Galego	Eduardo Hipólito Silveira	Fernando Mendes Rosas
Cândido Lacombe Raposo	Cristiano Augusto Xavier	Eduardo Mamede Rodrigues	Fernando Nunes Pereira
Carlos Aboim Inglez	Custódio Henriques	Eduardo Meireles	Fernando Oliveira Santos
Carlos Agapito Camacho	Custódio Inácio Fragoso	Eduardo Pires	Fernando Óscar Gaspar
Carlos Alberto Costa	Custódio Lucas Antão	Eduardo Silva Flores	Fernando Pereira Alcobaça
Carlos Alexandre	Custódio Silva	Eduardo Valente Neto	Fernando Pereira Marques
Carlos Alfredo Brito	Daniel Figueiras Cabrita	Egídio Correia	Fernando Pereira Serrano
Carlos Alves Pinheiro	Daniel Marcela Beles	Egídio Gonçalves	Fernando Pinto Loureiro
Carlos António Gonçalves	Daniel Matias	Eleutério Oliveira Sanches	Fernando Pontes Leite
Carlos Augusto Caseiro	Daniel Matos Faustino	Eleutério Tavares Dardorim	Fernando Queiroga Chaves
Carlos Augusto Duarte	Daniel Nunes	Elias Marques Costa	Fernando Reis Júnior
Carlos Augusto Gaspar	Daniel Pereira	Elias Silvestre Guerreiro	Fernando Rosa Neto
Carlos Biló Pereira	Daniel Pinto Leão	Elídio Lopes	Fernando Roxo Gama
Carlos Cabral Matos	Daniel Simões Pereira	Elisário Maria Banha	Fernando Santos Branco
Carlos Calisto Alberto	Darciano Vicente Batista	Eliseu Alves Batista	Fernando Silva Batista
Carlos Campos Costa	David Augusto	Eliseu Silva Soledade	Fernando Silva Marques
Carlos Cândido Silva	David Carvalho	Elísio Francisco Ferreira	Fernando Soares Oliveira
Carlos Cardoso Furtado	David Mateus	Emílio Fernandes Moita	Fernando Sousa Franco
Carlos Castro Baltazar	David Nunes Carvalho	Emílio Lopes	Fernando Vicente
Carlos Conceição Galau	David Oliveira	Emílio Loubet Bastos	Fernando Viterbo Barbosa
Carlos Correia Matoso	Delfim Ferreira	Emílio Martins	Ferrer Augusto Silva
Carlos Dias	Delfim Pereira Fonseca	Emílio Miguel Valoroço	Ferrer Sousa Barata
Carlos Dias Fonseca	Delfim Teixeira	Emílio Rodrigues Filipe	Filipe Palma
Carlos Domingos Costa	Deocleciano Gonçalves Dias	Emílio Tomaz Anjos	Filipe Viegas Aleixo
Carlos Eugénio Almeida	Deodoro Liz Castro	Erich Willi Rindfleisch	Filomeno Anselmo
Carlos Fernandes	Deolindo Artur Celeste	Ernesto Álvaro Poppe	Firmiano Cansado Gonçalves
Carlos Ferreira Júnior	Desidério Gomes Madeira	Ernesto Bastos Flávio	Firmino Costa Gonçalves
Carlos Fragoso	Desidério Pinto Soares	Ernesto Joaquim Gomes	Firmino João Martins
Carlos Francisco Ferreira	Diamantino Batista	Estanislau Carmo Ramo	Firmino Matos Júnior
Carlos Gonçalves	Diamantino Batista*	Euclides Luiz Vieira	Flamino Pacheco
Carlos Gonçalves Tomás	Diamantino Jesus Faustino	Euclides Ponte	Flávio Alves
Carlos Hermano Oliveira	Diamantino Nogueira	Eugénio Augusto Melo	Florêncio Ribeiro Mota
Carlos Jacinto Santos	Dilermando Marinho Carvalho	Eugénio Fernandes Oliveira	Floriano Correia Marreiros
Carlos Jaime Ferreira	Diniz Fernandes Miranda	Eugénio Filipe Oliveira	Florival Graça
Carlos Lopes	Diniz Gonçalves Estêvão	Eugénio Nunes	Florival Ponte Guerreiro
Carlos Lourenço Conceição	Diniz Lopes Cruz	Eugénio Silva	Francisco Alexandre
Carlos Luís Jorge	Dionísio Marques Carvalhido	Eurico Fernandes Ferrão	Francisco Alexandre Amores
Carlos Martins Savela	Dionísio Moreira Paiva	Eurico Prates	Francisco António Alhinho
Carlos Mary Guardiola	Dionizio Augusto Seródio	Eurico Tomaz	Francisco António Bucho
Carlos Napier	Domingos Abrantes Ferreira	Eusébio Augusto Correia	Francisco António Duarte
Carlos Nascimento Gonçalves	Domingos Abreu Malheiro	Ezequiel Dionísio Silva	Francisco António Faria
Carlos Nascimento Pinto	Domingos Afonso Coelho	Ezequiel Matos Vicente	Francisco António Ferreira
Carlos Oliveira	Domingos Amaro Viegas	Faustino Dionísio Reis	Francisco António Luz
Carlos Oliveira*	Domingos Catarino	Fausto Castro	Francisco António Mancio
Carlos Picado Horta	Domingos Fernandes Branco	Fausto Lopes	Francisco António Rato
Carlos Pinhão Correia	Domingos Fernandes Carvalho	Fausto Messines Pereira	Francisco António Santos
Carlos Pinto Teixeira	Domingos Fernandes Paulino	Feliciano Bandeira Luiz	Francisco Araújo Ribeiro
Carlos Santos	Domingos Ferreira Neto	Feliciano Joaquim Costa	Francisco Ascensão Batista
Carlos Silva Cardoso	Domingos Gomes Costa	Feliciano Vicente Ferreira	Francisco Augusto Correia
Carlos Soares Cadete	Domingos José Côdea	Felicíssimo Santos	Francisco Augusto Nogueira
Carlos Sousa Santos	Domingos José Verso	Felisberto Batista	Francisco Augusto Pera
Carlos Valente	Domingos Madeira	Felisberto Pereira Lemos	Francisco Augusto Santos
Carlos Vasques Assunção	Domingos Marques Lopes	Felisberto Silva Brandão	Francisco Bairinhas
Casimiro Alves	Domingos Martins Boronha	Félix Augusto Santana	Francisco Barros Cachapuz
Casimiro Branco	Domingos Martins Carvalho	Fernando Alcobia	Francisco Batista Monteiro
Casimiro Manuel	Domingos Mascarenhas Arouco	Fernando Almeida Ribeiro	Francisco Batista Silva
Casimiro Silva	Domingos Moreira Sá	Fernando Alves Passos	Francisco Belchior
Casimiro Silva Rodrigues	Domingos Neves	Fernando Alves Santos	Francisco Bernal Dominguez
Cassiano Ferreira	Domingos Pinto Rocha	Fernando Antunes Canais	Francisco Brito Sousa
Cassiano Vaz Pereira	Domingos Rodrigues Duarte	Fernando Assunção Martins	Francisco Caetano Almeida
Celestino Marques	Domingos Sousa Nogueira	Fernando Bandeira Carmo	Francisco Campos
Celestino Ribeiro Osório	Duarte Loiola	Fernando Blanqui Teixeira	Francisco Canais Rocha
Celestino Soares	Duarte Mendes	Fernando Brederode Santos	Francisco Candeias
César Almeida Santos	Duarte Nuno Clímaco	Fernando Caipira	Francisco Cardoso Braga
César Dias Coimbra	Duarte Oliveira	Fernando Carvalho Cruz	Francisco Carvalho
César Fernandes	Edmundo Augusto Bogado	Fernando Carvalho Damas	Francisco Carvalho Castro
César Ressurreição Pereira	Edmundo Gomes Farelo	Fernando Carvela Ribeiro	Francisco Cerqueira
César Rodrigues Costa	Edmundo Jesus Silva	Fernando Duarte Santos	Francisco Concho Cardoso
Cesário António Horta	Edmundo Manuel Silva	Fernando Ferreira Abreu	Francisco Conejo Macho
Cipriano Gaspar	Edmundo Pedro	Fernando Ganga Alvarez	Francisco Constantino
Cirilo Rebelo Carvalho	Edmundo Silva Monteiro	Fernando Garcia Múrias	Francisco Constantino Leitão
Cláudio António Abrunhosa	Eduardo Alexandre	Fernando Goulão Cortez	Francisco Correia Júnior
Cláudio Encarnação	Eduardo Amadeu Caeiro	Fernando Grácio Chambel	Francisco Costa
Clemente Alves	Eduardo Areosa Feio	Fernando Jesus Cardoso	Francisco Costa Barros
Clemente Peixoto Mendonça	Eduardo Augusto Carvalho	Fernando José	Francisco Costa Lopes
Clementino Ramos Faria	Eduardo Brito	Fernando Lopes Cipriano	Francisco Cruz Nascimento
Clementino Sousa	Eduardo Cruz	Fernando Macêdo Sousa	Francisco Dias Vieira

Francisco Diogo
Francisco Domingos
Francisco Duarte Mendes
Francisco Esperança Júnior
Francisco Esteves Martins
Francisco Eugénio Cabrita
Francisco Fernandes
Francisco Fernandes Júnior
Francisco Fernandez Lozano
Francisco Ferreira Marquez
Francisco Firmino Galvão
Francisco Floriano Lobo
Francisco Freitas Primavera
Francisco Garcia
Francisco Garcia Regêncio
Francisco Glória Perrolas
Francisco Gomes Júnior
Francisco Graça Pedro
Francisco Guerreiro Júnior
Francisco Guilherme Silva
Francisco Henrique Barradas
Francisco Horta Catarino
Francisco Jesus Sousa
Francisco Joaquim Pombo
Francisco José
Francisco José Cabaço
Francisco José Calixto
Francisco Lasaro Barata
Francisco Lopes Cachaço
Francisco Lopes Cipriano
Francisco Lopes Manteigas
Francisco Lúcio Nascimento
Francisco Manuel
Francisco Manuel Ferreira
Francisco Manuel Moleiro
Francisco Maria Balão
Francisco Maria Bizarra
Francisco Maria Porto
Francisco Marques Pires
Francisco Marques Valente
Francisco Martins Rodrigues
Francisco Matias Corredoura
Francisco Mendes Piteira
Francisco Mendes Santos
Francisco Mestre Júnior
Francisco Miguel Duarte
Francisco Monteiro Barros
Francisco Nascimento Esteves
Francisco Nilha Jorge
Francisco Pereira
Francisco Pereira Abranches
Francisco Pereira Silva
Francisco Pereira Sousa
Francisco Pessoa
Francisco Pinto Júnior
Francisco Ramos
Francisco Rebelo Almeida
Francisco Ribeiro
Francisco Ribeiro Louro
Francisco Rico Losna
Francisco Rodrigues
Francisco Rodrigues Barbas
Francisco Rodrigues Júnior
Francisco Rodrigues Lucena
Francisco Rodrigues Pereira
Francisco Rodrigues Sousa
Francisco Rodriguez Rencubiarta
Francisco Rosa Tomé
Francisco Sanches Brito
Francisco Santos
Francisco Santos Falseia
Francisco Santos Lé
Francisco Serafim Júnior
Francisco Silva Pequeninio
Francisco Simões Silva
Francisco Soares
Francisco Sousa Júnior
Francisco Teixeira
Francisco Telo Chaves
Francisco Tomé Correia
Francisco Vallejo Ramirez

Francisco Vasconcelos Pestana
Francisco Ventura Rosário
Francisco Vieira Franco
Francisco Vilaça Roda
Francklim Tibaldo
Franklim Nascimento
Franklim Silva Estrela
Franz Tanzler
Frederic Félix Gellé
Frederico Rodrigues
Frutuoso Paiva Almeida
Gabriel António
Gabriel Santos Gomes
Gabriel Silva Gaspar
Gabriel Verdelha
Gaspar Pereira Ferreira
Gastão Glória Fernandes
Gastão Moura Florêncio
Gastão Neves Preguiça
Gentil Augusto Ferreira
Germano António Pires
Germano Silva Costa
Gil Cornélio Gonçalves
Gil Pereira Ramos
Gilberto Carlos Ferreira
Gilberto Conceição Maruta
Gilberto Magalhães Coutinho
Gomercindo Jesus Carvalho
Gonçalo Matos
Graciano Fonseca
Gregório Pedro Miranda
Gregório Purificação Rita
Gregório Santos Cachaço
Guilherme Almeida Soares
Guilherme Costa Carvalho
Guilherme Gomes Júnior
Guilherme Guerreiro Carvalho
Guilherme Moraes Carvalho
Guilherme Painço
Guilhermino Farinha Fernandes
Heitor Camilo Graça
Heitor Rodrigues
Hélder Dias Menezes
Heliodoro Caldeira
Henrique Batista Santos
Henrique Bernardes
Henrique Coelho Castro
Henrique Faria
Henrique Fernandes Rosa
Henrique Gaudêncio Barbosa
Henrique Joaquim Fernandes
Henrique Lopes Guerra
Henrique Malta Galvão
Henrique Pais Abreu
Henrique Pereira Cunha
Henrique Ricardo Graça
Henrique Rodrigues Feio
Henrique Santos Ochseberg
Henrique Silva Nobre
Herculano Marini Bragança
Herculano Marques Gouveia
Hermano Brito
Hermano Luz Silva
Hermenegildo Pais Silva
Hernâni Martins Vagueiro
Hernani Ramalho Silva
Hernani Santos Pinto
Hernani Silva Serra
Higino Gonçalves Ferreira
Higino Henriques
Honorato Lima Lopes
Horácio Brandão Garcia
Horácio Cecílio Rufino
Horácio Martins
Horácio Monteiro Barbosa
Horácio Piedade Victor
Horácio Silva Alves
Humberto Costa Gaião
Humberto Diniz Lopes
Humberto Gomes Freitas
Humberto Nascimento Marques

Idalécio Soares Felicíssimo
Idaleto Francisco
Ilídio Alves Gomes
Ilídio Caraças Rodrigues
Ilídio Dias Esteves
Ilídio Pinheiro
Inácio Alves Lameiras
Inácio Assunção Marques
Inácio Flor
Inácio Lopes Cachaço
Inácio Moreno Narvais
Inácio Santos Quintino
Isidoro António Conceição
Isidro Encarnação Martins
Ismael Jesus Cardoso
Ismael Nascimento Fernandes
Ivo Augusto Gameiro
Izaías Gomes
Izidoro Encarnação Paixão
Izidro Cherrim
Jacinto Augusto
Jacinto Batista Guedelha
Jacinto Caipira
Jacinto Candeias
Jacinto Marques Quirino
Jacinto Paes
Jacinto Palma Almada
Jacinto Palma Luz
Jacinto Ramos Martins
Jacinto Roque
Jacinto Tomaz Santos
Jacobina Rodrigues Pozo
Jaime Aguiar Nunes
Jaime Anjos
Jaime Augusto
Jaime Carvalho Silva
Jaime Francisco
Jaime Frederico Gonçalves
Jaime Martins Carrasqueira
Jaime Matos Gualdino
Jaime Meireles Valverde
Jaime Monteiro Girão
Jaime Rebêlo
Jaime Santos Serra
Jaime Silva Tavares
Jaime Zuzarte Cortesão
Januário Nunes Santos
Jeremias Conceição Dias
Jerónimo Bom
Jerónimo Estevão
Jerónimo Galvão
Jerónimo Nunes Gomes
Jerónimo Pinto Monteiro
Jerónimo Santos
Jerónimo Simões
Jesuino Costa Carvalho
João Abreu
João Abreu*
João Aires Teixeira
João Alberto Raimundo
João Albino Pinto
João Albuquerque Júnior
João Alexandre Costa
João Alexandre Pereira
João Almeida
João Alves Viana
João António
João António Alves
João António César
João António Coutinho
João António Gigante
João António Gonçalves
João António Honrado
João António Silva
João António Venâncio
João Antunes
João Araújo
João Ascensão
João Assis
João Augusto Santos
João Baião Marques

João Bailão Coelho
João Baptista
João Batista Beirão
João Batista Machado
João Batista Matos
João Bernardo Silva
João Branco Pagaimo
João Brito
João Brito Vargas
João Camilo Rosa
João Carvalho Pereira
João Coelho Tiago
João Coentro Silva
João Conceição Margarido
João Correia Gaspar
João Correia Silva
João Costa Moço
João Costa
João Costa*
João Cunha Taborda
João Dias Mourato
João Domingos Sá
João Duarte Cristóvão
João Faria Borda
João Fernandes
João Fernandes*
João Fernandes Júnior
João Ferreira
João Formiga
João Fortunato
João Francisco Argêncio
João Francisco Júnior
João Francisco Melo
João Franco
João Franco Ribeiro
João Freire Andrade
João Gabriel Nunes
João Garcia Labaredas
João Garcia Ribeiro
João Gomes Neto
João Gonçalves Felisberto
João Gonçalves Malhão
João Gonçalves Vieira
João Graça Tarugo
João Guerreiro
João Henrique Casanova
João Henriques Sousa
João Inácio Prata
João Jesus Martins
João Jesus Soeiro
João Joaquim Machado
João José
João José Montes
João Lazano
João Leão Carvalho
João Lopes Dinis
João Lopes Santos
João Loureiro Santos
João Lourenço Diniz
João Luiz
João Luiz Catarrilha
João Manteigas
João Manuel Carvalho
João Manuel Gil
João Manuel Vinagre
João Mão de Ferro
João Maria
João Maria Campos
João Maria Major
João Maria Pires
João Maria Póvoas
João Marques
João Marques Almeida
João Marques Lustosa
João Marques Melo
João Martins
João Martins Gomes
João Martins Leitão
João Mateus
João Máximo Larouso
João Mendes Ponte

João Mendes Ribeiro
João Miguel
João Mogo Varela
João Morais Rocha
João Morato Pereira
João Moura Júnior
João Neves
João Neves Vasco
João Nicolau Ramos
João Nogueira Mota
João Nunes
João Nunes Carvalho
João Paulino Sousa
João Pedro Lopes
João Pereira Carvalho
João Pereira Duarte
João Pereira Santos
João Pereira Simão
João Pereira Sousa
João Pina Ramos
João Pinto Ferreira
João Policarpo Branco
João Pulido Valente
João Ribeiro Júnior
João Ribeiro Silva
João Rodrigues
João Rodrigues Júnior
João Rosário Manteigas
João Sacramento Júnior
João Salgueiro
João Santos
João Santos*
João Santos Meixedo
João Sebastião Spínola
João Sequeiro Santos
João Silva
João Silva
João Silva*
João Silva Alpiarça
João Silva Talhamares
João Simões Sobrinho
João Soares Silveira
João Sousa
João Sousa
João Sousa*
João Tomaz
João Tomaz Morais
João Valério
João Varela Gomes
João Veiga
João Vicente Guerra
João Viegas Santos
João Vieira Alves
João Vieira Júnior
Joaquim Alegria Coelho
Joaquim Alexandre
Joaquim Alexandre*
Joaquim Alexandre Júnior
Joaquim Amaro
Joaquim Amorim Gomes
Joaquim Andrés Varela
Joaquim António
Joaquim António Busca
Joaquim António Campino
Joaquim António Pimentão
Joaquim António Rodrigues
Joaquim Araújo
Joaquim Augusto Paiva
Joaquim Augusto Santos
Joaquim Batista Oliveira
Joaquim Bileu Pereira
Joaquim Borda d'Água
Joaquim Branco
Joaquim Cachola Zambana
Joaquim Caetano
Joaquim Caetano Sousa
Joaquim Cardoso
Joaquim Carneiro Araújo
Joaquim Carvalho
Joaquim Castanha
Joaquim Claro Garcia

Joaquim Claudino
Joaquim Conceição Sim Sim
Joaquim Cruz Carreira
Joaquim Dias Alves
Joaquim Diogo Silva
Joaquim Diogo Velez
Joaquim Dionísio Almeida
Joaquim Domingos Cruz
Joaquim Domingos Gonçalves
Joaquim Domingos Lisboa
Joaquim Duarte
Joaquim Eduardo Pereira
Joaquim Faria Silva
Joaquim Fernandes
Joaquim Ferreira
Joaquim Ferreira
Joaquim Ferreira*
Joaquim Ferreira Estafero
Joaquim Ferreira Maciel
Joaquim Ferreira Nascimento
Joaquim Fino Henriques
Joaquim Francisco Serrador
Joaquim Garcês Oliveira
Joaquim Garcia Labaredas
Joaquim Glória
Joaquim Gomes Casquinha
Joaquim Gomes Costa
Joaquim Gomes Santos
Joaquim Gorjão Duarte
Joaquim Granja
Joaquim Inácio
Joaquim Jacinto
Joaquim Jerónimo Gonçalves
Joaquim Jorge
Joaquim Jorge Araújo
Joaquim José Barbosa
Joaquim José Dias
Joaquim José Ramalho
Joaquim Lemos Figueiredo
Joaquim Lemos Oliveira
Joaquim Lopes Francisco
Joaquim Lopes Mendes
Joaquim Lopes Penha
Joaquim Lúcio Duro
Joaquim Luiz Ludovina
Joaquim Manuel Costa
Joaquim Manuel Fernandes
Joaquim Manuel Marianito
Joaquim Manuel Preto
Joaquim Maria
Joaquim Maria Dias
Joaquim Marques
Joaquim Marques*
Joaquim Martins
Joaquim Martins
Joaquim Martins*
Joaquim Martins Damásio
Joaquim Mendes Braga
Joaquim Miguel Rolim
Joaquim Mira Grosso
Joaquim Monteiro Matias
Joaquim Moreira Costa
Joaquim Moreira Fernandes
Joaquim Nascimento Ventura
Joaquim Neves Ferro
Joaquim Nogueira
Joaquim Nunes Ganhão
Joaquim Nunes Pereira
Joaquim Oliveira Almeida
Joaquim Oliveira Barros
Joaquim Oliveira Lemos
Joaquim Oliveira Santos
Joaquim Pereira
Joaquim Pereira
Joaquim Pereira*
Joaquim Pereira Faustina
Joaquim Pereira Gomes
Joaquim Pereira Magalhães
Joaquim Pinheiro
Joaquim Pinto Andrade
Joaquim Pinto Malta

Joaquim Pinto Ribeiro
Joaquim Pires Jorge
Joaquim Prudêncio Vieira
Joaquim Ramos
Joaquim Ribeiro
Joaquim Rodrigues
Joaquim Rodrigues Vieira
Joaquim Romero
Joaquim Rosa Palma
Joaquim Santos
Joaquim Santos*
Joaquim Santos Caetano
Joaquim Saraiva
Joaquim Sérgio Costa
Joaquim Silva Carneiro
Joaquim Silva Gregório
Joaquim Silva Ramos
Joaquim Silva Vidal
Joaquim Silva Vieira
Joaquim Soares
Joaquim Sousa Duarte
Joaquim Zacarias
Joel Madruga Augusto
Joel Paulino Barca
Jofre Albuquerque Castro
Jorge Carmo
Jorge Carvalho Messias
Jorge Fernandes Nunes
Jorge Galamba Marques
Jorge Graça
Jorge Joaquim Alves
Jorge Luiz França
Jorge Mateus Moura
Jorge Tavares Silva
José Adelino Santos
José Agonia Magalhães
José Agostinho Cândido
José Alberto Abreu
José Alberto Oliveira
José Alberto Tavares
José Alcântara
José Alexandre
José Alexandre*
José Alexandre Guerreiro
José Almeida Filipe
José Almeida Reis
José Almeida Saldanho
José Almeida Silva
José Alves Almeida
José Alves Costa
José Alves Maria
José Alves Reis
José Amador
José Anselmo
José António André
José António Arsénio
José António Caetano
José António Companheiro
José António Cuca
José António Cunha
José António Machado
José António Marrazes
José António Rocha
José António Rosado
José António Tacão
José Apolinário Alexandre
José Augusto Castro
José Augusto do Vale
José Augusto Magalhães
José Augusto Matos
José Augusto Murtinheira
José Augusto Porém
José Augusto Serrinha
José Augusto Teixeira
José Azevedo Neto
Jose Barata Pombo
José Barco Perdigão
José Barradas Costa
José Barreira Xereza
José Batista
José Batista Candeias

José Benitez Payá
José Bento Martins
José Bernardo
José Bernardo Fernandes
José Bernardo Marujo
José Borges Barreto
José Borrego
José Brazido Palma
José Brito Campos
José Burgo
José Cabecinha
José Caetano Bonito
José Calhau
José Calvário Júnior
José Cândido Brites
José Candido Loyola
José Caneira Iglésias
José Cantarero Doblas
José Cardoso
José Cardoso Lemos
José Carlos
José Carvalho
José Carvalho Amorim
José Carvalho Cruz
José Carvalho d'Espinay
José Carvalho Júnior
José Carvalho Ventura
José Castanheira
José Castanheira Pereira
José Cavaco
José Chaparro Dominguez
José Chaters Conceição
José Cipriano Pisco
José Claro
José Cláudio Franco
José Clemente Paiva
José Coelho Revés
José Conceição Castro
José Conceição Gomes
José Conceição Palminha
José Conceição Silva
José Conceição Silva*
José Conde Júnior
José Constantino Henriques
José Correia Oliveira
José Correia Vilela
José Corte Real
José Costa
José Costa
José Costa
José Costa*
José Costa Chaves
José Costa Júnior
José Cruz Alegre
José David
José Dias
José Dias Júnior
José Dias Saraiva
José Diogo Dionísio
José Domingos Júnior
José Domingos Pina
José Domingos Trindade
José Domingues
José Dores Pinto
José Duarte
José Duarte*
José Duarte Galo
José Elias Guerreiro
José Emídio Oliveira
José Ernesto Cartaxo
José Esteban Marco
José Farinha
José Faro Cal
José Faustino Brito
José Felipe Piçarra
José Fernandes Carvalho
José Fernandes Colaço
José Fernandes Gaspar
José Ferraz
José Ferreira
José Ferreira Cabaço

José Ferreira Franco	José Maria Rosário	José Rodrigues*	Júlio Correia Pinto
José Ferreira Júnior	José Maria Figueira	José Rodrigues Graça	Júlio Cruz Paour
José Filipe Lemos	José Maria Gonçalves	José Rodrigues Moura	Júlio Dias Vaqueiro
José Filipe Teixeira	José Maria Palmeiro	José Rodrigues Peres	Júlio Eloi Batista
José Flaminio	José Maria Pimentel	José Rodrigues Reboredo	Júlio Gil Salvador
José Florêncio	José Maria Santos	José Rodrigues Santos	Júlio Gonçalves Alpalhão
José Fonseca Grilo	José Maria Silva	José Rodrigues Vitoriano	Júlio José Rosa
José Fonseca Mitra	José Marmelo	José Rodriguez Jodas	Júlio Lopes Freire
José Francisco	José Marques	José Romão Borges	Júlio Marques Silva
José Francisco*	José Marques Carvela	José Rosa Clareira	Júlio Mateus Farinha
José Francisco Casquinha	José Marques Gouveia	José Ruivo Júnior	Júlio Melo Fogaça
José Francisco Cunha	José Martinho Sousa	José Salazar	Júlio Monteiro Macedo
José Francisco Dias	José Martins	José Saldanha Sanches	Júlio Nunes Pereira
José Francisco Justo	José Martins*	José Salvador	Júlio Purificação Tavares
José Francisco Nogueira	José Martins Campos	José Santos	Júlio Rosa Navarro
José Francisco Santos	José Martins Craveiro	José Santos	Júlio Silva Martins
José Francisco Serafim	José Martins Ferreira	José Santos	Júlio Victor Ferreira
José Francisco Silva	José Martins Santos	José Santos*	Júlio Zacarias
José Gabriel Pinho	José Matias Cardador	José Santos Cardoso	Justiniano Gomes Oliveira
José Galante	José Matos Gaspar	José Santos Figueira	Justino Ferreira Silva
José Galvão Júnior	José Matos Júnior	José Santos Júnior	Justino Pereira
José Gil Alves	José Mendes Chinita	José Santos Miguel	Juvenal Almeida Santos
José Gomes	José Mendes Coelho	José Santos Pereira	Juvenal José Oliveira
José Gomes Andrade	José Menino	José Santos Rocha	Juvenal Santos Perestrelo
José Gomes Cabreirinha	José Miguel Pavão	José Santos Rocha*	Laeximicanta Porobo Bembró
José Gomes Rogeiro	José Monteiro Peste	José Saraiva Aguiar	Laurentino Machado
José Gomes Victória	José Morais Reis	José Sequeira	Leocádio Martins Eleutério
José Gonçalves Duque	José Nascimento Salvador	José Sequeira Milheiro	Leocádio Teodoro Vale
José Gonçalves Leonor	José Neto Paiva	José Sequeira Valentina	Leonardo Miranda Delgado
José Gonçalves Picado	José Nunes	José Serafim Santos	Leonel Boaventura Filipe
José Graça Sardinha	José Nunes*	José Silva	Leonel Lopes Frade
José Gregório Júnior	José Nunes Cinturão	José Silva Amaral	Leonel Raimundo Gonçalves
José Guerreiro Drago	José Oliveira	José Silva Campos	Leonel Rosa Felício
José Guilherme Lopes	José Oliveira	José Silva Casanova	Leonel Tomaz Correia
José Guimarães Morais	José Oliveira*	José Silva Guerreiro	Leopoldo Conceição Lino
José Henrique Arandes	José Oliveira Soares	José Silva Rasteiro	Libânio Batista Ferreira
José Henriques Paiva	José Pacheco	José Silva Rato	Libertino Carvalho
José Henriques Vaz	José Paes	José Silva Saloio	Licínio Isidro Nunes
José Hilário Baião	José Pais Ferreira	José Silvana Sousa	Licínio Pereira Silva
José Ibanhez	José Parente Capela	José Silves Henriques	Lino Santos Coelho
José Inácio	José Paulo Lola	José Silvestre	Louguinhos Lourenço
José Inácio Conceição	José Paulo Santos	José Simões	Lopo Araújo Lopes
José Inácio Cruz	José Pedro Campos	José Simões*	Louiz Sebastião Frescata
José Indiano Palma	José Pedro Santos	José Simões Piedade	Lourenço Gonçalves Novais
José Inez	José Pedro Soares	José Simões Silva	Lourenço Plácido Costa
José Iria Júnior	José Peixeiro Lampreia	José Simões Sousa	Luciano Cordeiro
José Jacinto Almeida	José Pereira Andrade	José Soares Carvalho	Luciano Martins Lima
José Jacinto Cruz	José Pereira Dantas	José Soares Moura	Luciano Santos
José Jaime Fernandes	José Pereira Faria	José Sousa	Luciano Silva
José Jesus Encarnação	José Pereira Júnior	José Sousa Cardoso	Luciano Sousa Vieira
José João Fragoas	José Pereira Luz	José Sousa Carvalho	Ludovino Fonseca
José João Rodrigues	José Pereira Oliveira	José Sousa Graça	Luís Aires Júnior
José Joaquim Águas	José Pereira Silva	José Sousa Lamy	Luís António Cabral
José Joaquim Grasina	José Picão Abreu	José Sousa Machado	Luís António Ferreira
José Joaquim Parrinha	José Pinto Abreu	José Sousa Teixeira	Luís Antunes Viola
José Joaquim Rodrigues	José Pinto Durães	José Tavares Almeida	Luís Correia Gonçalves
José Joaquim Rodrigues*	José Pinto Ferreira	José Tavares Magro	Luís Cunha Taborda
José Joaquim Rolim	José Pires	José Tavares Marcelino	Luís Flôr Almeida
José Joaquim Silva	José Pires Campos	José Teigas Santos	Luís Fonseca Carvalho
José Jorge Ribeiro	José Preto Cruz	José Teixeira Lucas	Luís Fraga Silva
José Leitão Júnior	José Puig Marty	José Trovisco	Luís Gonçalves Nunes
José Lino Ralha	José Raimundo Crujeira	José Valente	Luís Henriques Verras
José Lobato Pulquério	José Ramos Fernandes	José Vaz Rodrigues	Luís João Merca
José Lopes	José Rebelo	José Ventura Lobato	Luís Marques Rodrigues
José Lopes*	José Reis	José Ventura Noronha	Luís Nogueira
José Lopes Eduardo	José Reis Sequeira	José Ventura Paixão	Luís Pais Figueiredo
José Lopes Faria	José Ribeiro	José Vicente Henriques	Luís Pedro Coelho
José Lopes Oliveira	José Ribeiro Almeida	José Vicente Prieto	Luís Pereira Carvalho
José Lopes Seabra	José Ribeiro Lamego	José Vieira Bastos	Luís Pereira Domingues
José Loureiro Lage	José Ribeiro Lima	José Vieira Godinho	Luís Rato
José Luís Maria	José Ribeiro Lopes	José Vitorino Trinca	Luís Reis
José Luiz Pereira	José Ribeiro Silva	José Zagalo Melo	Luís Reis Naré
José Luiz Valadas	José Ribeiro Sineiro	Josué Fernandes	Luís Ribeiro
José Machado Feronha	José Ricardo Gonçalves	Josué Francisco Condeço	Luís Rosas Oliveira
José Machado Melo	José Ricardo Vale	Juan Gimenez Muñoz	Luís Silva
José Madeira	José Rita	Juan Gomez Polomeque	Luís Sousa Carvalho
José Magalhães	José Rocha Paiva	Juan Recio Gimenez	Luís Valente Matos
José Maires	José Rodrigues	Julião Agostinho	Luiz António Ferreira
José Manuel Bernardino	José Rodrigues	Julião Custódio	Luiz António Firmino
José Manuel Oliveira	José Rodrigues	Júlio Augusto Cordeiro	Luiz António Seixas
José Marcelino	José Rodrigues	Júlio Conceição Campos	Luiz Carvalho Costa

Luiz Correia Santos
Luiz Custódio Veríssimo
Luiz Mendonça
Luiz Domingos
Luiz Duarte
Luiz Fernandes Silva
Luiz Fernando Fialho
Luiz Filipe Valido
Luiz Fonseca Oliveira
Luiz Francisco Bexiga
Luiz Joaquim Portela
Luiz Martins Leitão
Luiz Mesquita Queiroz
Luiz Monteiro Forte
Luiz Silva Rato
Luiz Vieira Bento
Manoel Aguilar Garcia
Manoel Domingos Margarido
Manoel Domingos Miranda
Manoel Rosa Navarro
Manoel Rosário Sousa
Manuel Afilhado Rodrigues
Manuel Alexandre Nunes
Manuel Almeida
Manuel Almeida Silvério
Manuel Alves Leite
Manuel Alves Pinheiro
Manuel Amado Santos
Manuel Amoêdo Santos
Manuel António Carneiro
Manuel António Garrana
Manuel António Oliveira
Manuel António Pedras
Manuel António Pinto
Manuel Araújo Rodrigues
Manuel Arez
Manuel Augusto
Manuel Augusto Afonso
Manuel Augusto Oliveira
Manuel Augusto Rodrigues
Manuel Augusto Silva
Manuel Avelino Alves
Manuel Barão Oliveira
Manuel Barbosa
Manuel Batista Silva
Manuel Brazil Sales
Manuel Brioso Pina
Manuel Caetano Pires
Manuel Canejo Vilela
Manuel Carmo Ribeiro
Manuel Carmo Serra
Manuel Carvalho Rodrigues
Manuel Carvalho Rosinha
Manuel Casal Ribeiro
Manuel Casimiro Tavares
Manuel Chainho
Manuel Colaço
Manuel Cordeiro Nogueira
Manuel Correia Godinho
Manuel Costa Lemos
Manuel Cruz Júnior
Manuel Cunha Maia
Manuel Custódio Emídio
Manuel Custódio Patrão
Manuel Delgado Campos
Manuel Dias
Manuel Dias Andrade
Manuel Dias Costa
Manuel Dias Pereira
Manuel Domingos Gregório
Manuel Domingues
Manuel Domingues*
Manuel Dominguez Reyna
Manuel Duarte
Manuel Duarte*
Manuel Espírito Santo Costa
Manuel Estêvens
Manuel Evangelista Luz
Manuel Fernandes
Manuel Fernandes
Manuel Fernandes*

Manuel Fernandes Fontainhas
Manuel Fernandes Palma
Manuel Fernandez Martinez
Manuel Fernandez Peña
Manuel Ferreira
Manuel Ferreira Andrade
Manuel Ferreira Barbosa
Manuel Ferreira Capa
Manuel Ferreira Gonçalves
Manuel Florindo Júnior
Manuel Francisco
Manuel Francisco Candeias
Manuel Francisco Mesquita
Manuel Francisco Rodrigues
Manuel Francisco Roque
Manuel Franco
Manuel Gabriel
Manuel Gomes
Manuel Gomes*
Manuel Gomes Boniné
Manuel Gomes Cascarejo
Manuel Gonçalves
Manuel Gonçalves*
Manuel Gonçalves Vinagreiro
Manuel Gonzalez Quierós
Manuel Graça
Manuel Graça Baião
Manuel Gregório Mendes
Manuel Guedes
Manuel Guerreiro Jorge
Manuel Guilherme Almeida
Manuel Henriques
Manuel Henriques Estevão
Manuel Inácio Alves
Manuel Inácio Silva
Manuel Isabelinha
Manuel Jacinto
Manuel Jesus Santos
Manuel Jesus Torrão
Manuel João Calado
Manuel João Farelo
Manuel João Lourenço
Manuel Joaquim Carriço
Manuel Joaquim Coelho
Manuel Joaquim Colaço
Manuel Joaquim Leitão
Manuel Joaquim Nogueira
Manuel Joaquim Pires
Manuel Joaquim Silva
Manuel José
Manuel José
Manuel José*
Manuel José Faria
Manuel José Ferreira
Manuel José Ferreira*
Manuel José Gonçalves
Manuel Mata Júnior
Manuel José Migas
Manuel José Vagarinho
Manuel Liberato Júnior
Manuel Lourenço Bexigo
Manuel Lousã Henriques
Manuel Luís
Manuel Luís Costa
Manuel Luís Dimas
Manuel Luzia Gomes
Manuel Marcelino Gonçalves
Manuel Marcelino Gonçalves*
Manuel Maria Candeias
Manuel Maria Cruz
Manuel Maria Gordo
Manuel Maria Pedro
Manuel Marques
Manuel Marques*
Manuel Martins
Manuel Martins Costa
Manuel Martins Maria
Manuel Martins Pedro
Manuel Martins Santos
Manuel dos Mártires)
Manuel Maurício Oliveira

Manuel Mendes
Manuel Mendes Angélico
Manuel Mendes Colhe
Manuel Miguel Peres
Manuel Milheiro
Manuel Molina Vailó
Manuel Moniz Bettencourt
Manuel Monteiro Júnior
Manuel Moreira Beliz
Manuel Mortera Fuyo
Manuel Nabais Pereira
Manuel Nascimento Salgado
Manuel Nascimento Soerinho
Manuel Neves
Manuel Nunes
Manuel Oliveira
Manuel Oliveira Júnior
Manuel Pedro Falcão
Manuel Peixoto
Manuel Pereira
Manuel Pereira*
Manuel Pereira Fria
Manuel Pereira Pires
Manuel Pereira Silva
Manuel Peres Silva
Manuel Pilar Santos
Manuel Pinto Ribeiro
Manuel Pires Soeiro
Manuel Porras Comitre
Manuel Quinteiro Gomes
Manuel Repas Mata
Manuel Ribeiro Carvalho
Manuel Ricardo Encarnação
Manuel Ricardo Estadão
Manuel Rijo Silva
Manuel Rodrigues
Manuel Rodrigues*
Manuel Rodrigues Melo
Manuel Rodrigues Nogueira
Manuel Rodrigues Oliveira
Manuel Rodrigues Pereira
Manuel Rodrigues Prim
Manuel Salvador Bernardino
Manuel Santo Júnior
Manuel Santos
Manuel Santos*
Manuel Santos Cardoso
Manuel Santos Gonçalves
Manuel Santos Júnior
Manuel Santos Lisboa
Manuel Santos Machado
Manuel Santos Mateus
Manuel Santos Tavares
Manuel Seferino
Manuel Serra
Manuel Silva
Manuel Silva
Manuel Silva*
Manuel Silva Barros
Manuel Silva Cavaleiro
Manuel Silva Estolano
Manuel Silva Figueiredo
Manuel Silva Figueiredo*
Manuel Silva Jorge
Manuel Silva Júnior
Manuel Silva Lázaro
Manuel Silva Oliveira
Manuel Silva Piloto
Manuel Silva Pinho
Manuel Simão Júnior
Manuel Simões Saramago
Manuel Siu
Manuel Sousa Alexandre
Manuel Sousa Baridó
Manuel Sousa Guimarães
Manuel Sousa Júnior
Manuel Sousa Ribeiro
Manuel Sousa Santos
Manuel Sousa Simões
Manuel Tavares Cardana
Manuel Tavares Neves

Manuel Tito Cabral
Manuel Torrão Correia
Manuel Trigo Enes
Manuel Valente
Manuel Venceslau Leiria
Manuel Vicente Pedrôso
Manuel Victorino Soares
Mapril Ferreira Costa
Marçal Duarte Florêncio
Marcelino José Dias
Marcelino Reis
Marciano António
Marcolino Teodoro Silva
Maria de Jesus
Mariano António Martins
Mariano José Martins
Mário Almeida Pinto
Mário Andrade Nery
Mário Araújo
Mário Baltazar Veríssimo
Mário Batista Reis
Mário Bispo Pessoa
Mário Carlos Brandão
Mário Carmo Solho
Mário Conceição Pires
Mário Constâncio Calvário
Mário Domingues Costa
Mário Fernandes Araújo
Mário Ferreira Macêdo
Mário Gomes Ferreira
Mário Guerreiro Pereira
Mário Hipólito Mesquita
Mário José Araújo
Mário José Barros
Mário José Fernandes
Mário Lopes Coelho
Mário Luís Caracol
Mário Marques Alves
Mário Marques Costa
Mário Marques Santos
Mário Martins Carvalho
Mário Moreira Jesus
Mário Nunes
Mário Pedroso Gonçalves
Mário Pereira Patinha
Mário Pina Evaristo
Mário Raúl Teixeira
Mário Ribeiro Almeida
Mário Ribeiro Ferreira
Mário Rocha
Mário Rodrigues Ascenso
Mário Rodrigues Barrete
Mário Sena Lopes
Mário Silva Brito
Mário Silva Leal
Mário Silva Ranito
Martinho Coelho
Martinho José Correia
Martinho Miguel Gorducho
Martinho Oliveira Branco
Mateus Oliveira
Mateus Pedroso
Mateus Ramos Vieira
Mateus Santos
Matias Ferreira
Matias Sequeira
Maurício Santos Gonçalves
Maximiano Marques Fonseca
Miguel Alves
Miguel Benitez Gimenez
Miguel Camilo
Miguel Diaz Garcia
Miguel Diaz Rodriguez
Miguel Henriques
Miguel Jesus Ferramacho
Miguel Lopes Charráz
Miguel Machado Guimarães
Miguel Mery Pinheiro
Miguel Rodrigues
Militão Bessa Ribeiro
Modesto Baltazar

Moisés Ferreira Lamarão
 Narciso Antunes
 Narciso Jesus Margaço
 Narciso Machado Guimarães
 Narciso Ramos Cristo
 Narvino Baltazar Lopes
 Nelson Rosário Anjos
 Nicanor Sanchez Conde
 Nicolau Leitão Santos
 Norberto Antônio Gato
 Norberto Barradas
 Norberto Dias Oliveira
 Nuno Cunha Porto
 Nuno Ferreira Rebocho
 Nuno Luís Silva
 Nuno Potes Duarte
 Octávio Rodrigues Pato
 Oliveiros Martins
 Oliver Branco Bártolo
 Orlando Gomes Nunes
 Orlando Lindim Ramos
 Orlando Rodrigues Soares
 Óscar Martins Romualdo
 Óscar Reis Figueiredo
 Otton Stichaner Lacasta
 Ovídio Gomes Marinho
 Parsifal Ricardo Ladino
 Paulino Assunção Jesus
 Paulo Cândido Pinto
 Paulo José Dias
 Paulo Nunes Matias
 Pedro Amarante Mendes
 Pedro Batista Rocha
 Pedro Campos Alves
 Pedro Correia Malho
 Pedro Ferreira
 Pedro Ferreira*
 Pedro Foios Teixeira
 Pedro Maria Marques
 Pedro Marques Costa
 Pedro Nascimento Ricardo
 Pedro Nunes Gonçalves
 Pedro Paramo Alonzo
 Pedro Ramos Almeida
 Pedro Santos Soares
 Pinkus Israelski
 Policarpo Antônio
 Pompeu João Domingues
 Porfírio Pinto
 Porfírio Santos Graça
 Porfírio Tavares Oliveira
 Prim Costa Margal
 Purxotoma Quexova Kakodcar
 Quintino Jesus
 Rafael Figueira Faria
 Rafael Ledesma Tomé
 Rafael Lourenço
 Rafael Martin Barata
 Rafael Oliveira Lopes
 Rafael Pinto Silva
 Raimundo Lasso Manuel
 Raimundo Santos Porta
 Rama Crisma Egdó
 Ramiro Almeida Santos
 Ramiro Gonçalves
 Ramiro Nunes
 Raúl Amaral Semblano
 Raúl Antunes Cordeiro
 Raúl Domingos Caixinhas
 Raúl Duarte Lemos
 Raúl Ferreira Cardoso
 Raúl Ferreira Galinha
 Raúl Gomes
 Raúl Jesus Carvalho
 Raúl Joaquim Gil
 Raúl José Andrade
 Raúl Lopes Martins
 Raúl Mariz Seabra
 Raúl Rodrigues Lage
 Raúl Silva Saraiva
 Raúl Simão Fadista

Reinaldo Castro
 Reinaldo Mendes Liberato
 Reinaldo Oliveira
 Reinaldo Silva Bárbara
 Renato Duarte Simões
 Retílio Nunes Bastos
 Ricardo Costa Rodrigues
 Ricardo Fernandes Afonso
 Roberto Passos Sousa
 Rodas Nepervil
 Rodrigo Ferreira Silva
 Rodrigo Henriques Santos
 Rodrigo Marques
 Rodrigo Olhero Neves
 Rodrigo Ramalho
 Rodrigo Rodrigues Correia
 Rodrigo Silva Franco
 Roger Oliveira Martins
 Rogério Agostinho Silva
 Rogério Cardoso Fernandes
 Rogério Chaves
 Rogério Luiz Tavares
 Rogério Rodrigues Carvalho
 Rogério Sousa Miranda
 Rolando Silva Ponte
 Romeu Cabrita Agostinho
 Rufini Pires Praxedes
 Rui Cardoso Gomes
 Rui Carvalho d'Espiney
 Rui Fonseca
 Rui Martins Ramos
 Rui Mendes Garcia
 Rui Paulo Cruz
 Rui Ricardo Silva
 Rui Teives Henriques
 Sabino Augusto Almeida
 Salomão Lemos Figueiredo
 Salvador Joaquim Pomar
 Salvador Luz Taquelim
 Salvador Maria Santos
 Salvador Pereira Amália
 Salvador Rodrigues Mourinho
 Salvador Rodriguez Montosa
 Salvador Vicente Silva
 Saúl Gonçalves
 Saúl Pires Leal
 Saúl Rodrigues
 Saúl Rodrigues Nunes
 Saúl Sousa
 Sebastião Almeida
 Sebastião Augusto Silva
 Sebastião Cabral Valente
 Sebastião Camilo Barradas
 Sebastião Carreira
 Sebastião Dias Costa
 Sebastião Encarnação Júnior
 Sebastião Filipe Belião
 Sebastião Gonçalves Fernandes
 Sebastião Jesus Palma
 Sebastião Lima Rego
 Sebastião Marques Lages
 Sebastião Martins Santos
 Sebastião Nogueira Araújo
 Sebastião Nunes Silva
 Sebastião Salvador Rosinha
 Serafim Martins
 Serafim Pereira Mendes
 Serafim Rebelo
 Serafim Rodrigues
 Sérgio Carvalho d'Espiney
 Sérgio Gama
 Sérgio Matos Vilarigues
 Sesinando Marques Constantino
 Severiano Pedro Falcão
 Severino Antônio Martins
 Severino José Lourenço
 Severino Margarido Rosário
 Severino Ribeiro
 Sigfried Bernheim Costa
 Silvano Fernandes
 Silvano Lourenço Nunes

Silvério Almeida Matos
 Silvério Bravo
 Silvério Marques
 Silvestre Jorge Monteiro
 Silvestre Martins
 Silvestre Martins Cardoso
 Silvino Magalhães
 Silvino Fernandes Costa
 Silvino Silvério Avelino
 Simão Pinto Oliveira
 Staline Jesus Rodrigues
 Tarcísio Ferreira Sousa
 Teodoro Venceslau
 Teresa Marques
 Tito Capeto Zuzarte
 Tito Conceição Pereira
 Tito Simões Pinto
 Tomás Cardoso Figueiredo
 Tomás Rodrigues Moreira
 Tomaz Batista Marreiros
 Tomaz Caixeiro
 Tomaz Ferreira
 Tomaz Ferreira Rato
 Tomaz José Ferro
 Tomaz Rabaça Ramos
 Tomaz Simões Negócio
 Tristão Bragança Cunha
 Umberto Pinto César
 Valentim Adolfo João
 Vasco Castro
 Vasco Fernando Lobo
 Vasco Graça Almeida
 Vasco Machado Carvalho
 Vasco Oliveira Granja
 Vasco Pereira Conceição
 Vasco Veiga Marques
 Venâncio Duarte Simões
 Venerando Ferreira Matos
 Ventura Maria Nobre
 Ventura Nunes
 Ventura Sena
 Veríssimo Carvalho Sim Sim
 Vicente Relvas
 Victor Alexandre Sousa
 Victor Hugo Fernandes
 Victor Jesus Pires
 Victor Manuel Silva
 Victor Monteiro
 Victor Oliveira Lopes
 Victor Oliveira Pinto
 Victor Pinto Guedes
 Victor Salvador Rosinho
 Victor Teodoro Costa
 Victor Tomás Santos
 Victorino Costa
 Victorino José Cunha
 Vidaúl José Ventura
 Vinício Remígio
 Virgílio Duarte Castanheira
 Virgílio Ferreira
 Virgílio Inácio Mestre
 Virgílio Pires Barrôso
 Virgílio Santos Pereira
 Virgílio Sobral Cruz
 Virgínio Jesus Luiz
 Viriato Agostinho Santos
 Viriato Ângelo Maria
 Vítor Catanho Silva
 Vítor Manuel Roque
 Vítor Martins Bento
 Vítor Pedroso Leitão
 Vítor Pinto Lima
 Vítor Rodrigues Soares
 Vitorino Alves Andrade
 Willi Kalleske
 Zacarias Alegrias Margarido
 Zacarias Gomes Arriaga
 Zeferino José Jácome
 Zeferino Seabra Esteves
 Zulmiro Miguel Peixoto

* Nomes iguais que correspondem a pessoas diferentes
Equal names, but corresponding to different people.

Os 2510 opositores ao regime fascista presos na cadeia da Fortaleza de Peniche entre 1934 e 1974 que este Memorial consagra, poderão não esgotar o universo dos resistentes aqui detidos, prosseguindo ainda pesquisas para identificar outros nomes.

The 2510 opponents of the Fascist regime imprisoned in the jail of the Fortress of Peniche between 1934 and 1974, that this Memorial honours, may not be all of those who resisted and were held here, and research will continue to seek to identify any other names.

EXPOSIÇÃO / *EXHIBITION*

Organização / *Organization*

Direção-Geral do Património Cultural
Comité Executivo do Museu de Peniche
[DR – Despacho n.º 9667/2018 de 16.10.2018]
—

Domingos Abrantes
Fernando Rosas
João Barros Matos
José Pacheco Pereira
Paula Araújo da Silva
Silvestre Lacerda
Teresa Pacheco Albino

Parcerias / *Partnerships*

Câmara Municipal de Peniche
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português
Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e Bibliotecas
Instituto de História Contemporânea – Universidade Nova de Lisboa
União de Resistentes Antifascistas Portugueses
Ephemera

Coordenação executiva / *Executive coordination*

Teresa Pacheco Albino

Museologia / *Museology*

Aida Recheda
Rosalina Carmona
Teresa Pacheco Albino

Museografia / *Museography*

Atelier AR4, Arquitetura, Lda
João Barros Matos

Seleção de Conteúdos / *Contents Selection*

Aida Recheda
Alice Samara
Domingos Abrantes
Fernando Rosas
Francisco Ruivo
Joana Dias Pereira
João Bonifácio Serra
José Pedro Soares
Manuela Bernardino
Rosalina Carmona
Rui Venâncio
Silvestre Lacerda
Teresa Pacheco Albino

Textos / *Texts*

Alice Samara
Domingos Abrantes
Fernando Rosas
Francisco Ruivo
Joana Dias Pereira
João Barros Matos
João Bonifácio Serra
Manuela Bernardino
Rui Venâncio

Projeto de comunicação e design gráfico / *Communication project and graphic design*

Atelier Pedro Falcão

Tradução / *Translation*

Cíntia Pereira de Sousa

Programa da Comemoração / *Commemoration Programme*

David Santos
Fátima Roque
Rosalina Carmona

Gestão orçamental / *Budgetary management*

Fernanda Steiger Garção
Filipe Campos Silva
Manuel Diogo
Paula Azevedo

Revisão de textos / *Texts revision*

Aida Recheda
Céu Novais
Cíntia Pereira de Sousa
Rosalina Carmona
Teresa Pacheco Albino

Conservação e restauro / *Conservation and restoration*

Jorge Martins

Construção / *Construction work*

João Bessa Pinto
Luís Ferro
—
Feira do Vidro
Frademetalúrgica, Lda
HCl, Construções, S.A
Monumenta, Lda
TECNACO, Técnicos de Construção, SA
STAP, Lda

Sonoplastia e áudio-guia / *Sound effects and audioguide*

Centro de Computação Gráfica
Universidade do Minho

Audiovisual e animação / *Audiovisual equipment and animation*

Garden Films

Serviço Educativo / *Education*

Ângela Alves

Comunicação / *Communication*

António Dores
Céu Novais
Paula Delgado

Imprensa / *Press*

Céu Novais

Créditos Fotográficos / *Photography Credits*

António Alves Seara
António Jorge Silva / AMJP
AHM
BNP
CMP
CMVFX
Centro de Documentação
25 de Abril – UC
Eduardo Gageiro
DGLAB – ANTT
GES – PCP
José Paul Ruas / ADF-DGPC
Luís Correia Peixoto

Produção Gráfica / *Graphic production*

Logotexto, Lda

ROTEIRO / *ITINERARY*

Coordenação editorial / *Editorial Coordinator*

Teresa Pacheco Albino

Textos / *Texts*

Alice Samara
Domingos Abrantes
Fernando Rosas
Francisco Ruivo
Joana Dias Pereira
João Barros Matos
João Bonifácio Serra
Manuela Bernardino
Rui Venâncio

Tradução / *Translation*

Linguaeundi.pt

Revisão de textos / *Texts revision*

Aida Recheda
Ângela Alves
Céu Novais
Cíntia Pereira de Sousa
Rosalina Carmona

Conceção e Design gráfico / *Concept and Graphic design*

Atelier Pedro Falcão

Créditos fotográficos / *Photography Credits*

António Alves Seara
António Jorge Silva / AMJP
AHM
BNP
CMP
CMVFX
Centro de Documentação
25 de Abril – UC
DGLAB – ANTT
GES – PCP
José Paul Ruas / ADF-DGPC
Miranda Castela / AFAR
Luís Correia Peixoto

Impressão / *Printing*

Maiadouro

1ª Edição
Abril de 2019

Editor / *Publisher*

Direção-Geral do Património Cultural
ISBN 978-972-776-545-4

Depósito legal
????????????

AGRADECIMENTOS / ACKNOWLEDGMENTS

Adelaide Alves
Ana Pedro
António Borges Coelho
Carlos Vitoriano
Eulália Miranda e Silvina Miranda
Herculana Velez
José Pedro Soares
Luís Filipe Rocha
Luísa Maria Correia Azevedo d'Espiney
Margarida Machado
Maria Eugénia Varela Gomes
Mário Rui Sena Lopes e José António Sena Lopes
Mónica Braz de Almeida
Rita Jerónimo
Rui Ramos e Mabília Ramos

Archaeological Survey of India – Archaeological Museum
Arquivo de História Social – Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa
Arquivo do Diário de Notícias – Global Media Group
Arquivo Fotográfico da Assembleia da República
Arquivo Histórico – Biblioteca Central de Marinha
Arquivo Histórico Ultramarino
Biblioteca Nacional de Portugal
Câmara Municipal de Cascais – Museu da Música Portuguesa
Câmara Municipal de Lisboa – Arquivo Fotográfico
Câmara Municipal de Lisboa – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural
Câmara Municipal de Lisboa – Hemeroteca
Câmara Municipal de Peniche – Museu Municipal de Peniche
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira – Museu do Neorealismo
Câmara Municipal do Porto – Arquivo Histórico do Porto
Centro de Documentação 25 de Abril – Universidade de Coimbra
Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional
Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar – Divisão de Infraestruturas do Exército
Sociedade Portuguesa de Autores
Universidade Aberta

